

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

MARIA TEREZINHA VILELA DUARTE
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil

Entrevistado – Maria Terezinha Vilela Duarte (MT)

Entrevistadores – Dilene Raimundo do Nascimento (DN) e Ana Paula Zaquieu (AP)

Data – 16/04/1998 a 07/05/1998

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 6h29min

Transcrição – Regina Vidal

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

DUARTE, Maria Terezinha Vilela. *Maria Terezinha Vilela Duarte. Entrevista de história oral concedida ao projeto A fala dos comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil*, 1998. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 110 p.

Data: 16/04/1998

Fita 1 – Lado A*

DN – Vamos dar início a entrevista com Maria Terezinha Vilela Duarte, para o Projeto A Fala dos Comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil. Hoje são 16 de abril de 1998, nós estamos no Rio de Janeiro, os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu.

Terezinha, como a gente estava conversando antes, a gente gostaria que você contasse pra gente... quando que você nasceu, aonde, seus pais, enfim, sua família...

MT – Olha, eu nasci no interior de Alagoas, dia 14 de setembro de 35... eeh num engenho... uma... eeh de açúcar, né? Bem, é uma região muito histórica, que hoje se fala muito, que é União dos Palmares, onde tem o famoso Zumbi...

DN - Zumbi dos Palmares.

MT - ...um morro muito lindo, dos Palmares, que hoje, felizmente, tá sendo um lugar de turismo, lá em Alagoas. E eu, depois de um certo tempo meus pais se mudaram pro Rio...

DN - Mas você nasceu no engenho porque seus pais trabalhavam lá? Seu pai trabalhava lá?

MT - Porque meu pai trabalhava, era dono do engenho, né? Eu sou a filha mais velha, depois meu pais, por influência dos meus avós que vieram pro Rio, terminou vindo pro Rio.

DN - E você tinha que idade, quando eles mudaram?

MT - 7 anos... Mas ficamos um ano só aqui. Papai não se adaptou a vida da cidade, aí voltou e foi trabalhar... o pai dele já estava meio velho... o meu outro avô e a fazenda estava meio abandonada e não era muito comum as famílias arrendarem. Então meu avô disse: “Olha eu não posso mais tomar conta. Você toma conta e me dá uma parte, porque eu também não posso vender, porque tenho os outros filhos.” Aí papai voltou a tomar conta de fazenda...

DN - Quer dizer, quem era dono do engenho era o seu avô?

MT - Primeiro, ele era o dono. O segundo não, que esse já era o segundo...

DN - Ah tá! Ele voltou pra outra fazenda?

MT - É. Quando, voltando do Rio, a gente voltou pra outra fazenda.

DN - Porque ele vendeu a fazenda que tinha...

* LEGENDA:

Palavra sublinhada – demonstra ênfase na fala.

Ininteligível – palavras incompreensíveis devidos a problemas de gravação ou fala.

MT - É, exato.

DN - ...pra vir pro Rio.

MT - Pra vir pro Rio, voltamos agora pra Pernambuco, entendeu? Aí... ele ficou, esse problema. Eu ficava na casa dos meus avós estudando durante a semana...

DN - Que eles moravam em Recife?

MT - Não, eles moravam numa cidadezinha no interior, chamada Correntes...

DN - Ah!

MT - ...a 7 quilômetros do engenho. E papai me buscava na sexta e me trazia na segunda de manhã pras aulas. Eu tinha 7 anos, 8 anos, aí eu já tinha sido alfabetizada no Paraná. Aí, voltei e fiquei lá.

DN - Pera aí, como? Pera aí...(risos)

MT - É, porque a gente veio e deu um giro pelo, pelo, pelo... sul do Brasil. Meu pai veio pro Rio...

DN - Vocês não se fixaram no Rio de Janeiro?

MT - Não, não nos fixamos no Rio. Aí arranjaram um emprego pro meu pai no Paraná. Aí meu pai chegou lá, não gostou do emprego, arranjou dinheiro, uns restos dos trocados que tinha e voltou. Eu era filha única, era só eu, mamãe e papai, nós três. Aí ele voltou, foi quando ele se fixou nesse, outra vez em outro engenho, deu para entender?

DN - Até aí só tinha você de filha?

MT - Só, só eu de filha.

DN - Deu. Agora deu. E o seu pai estudou alguma coisa, dono do engenho...

MT - Não, meu pai chegou a fazer o 3º ano, o antigo ginasial. A minha mãe foi que chegou a completar o ginásio, mas o meu pai não chegou a completar porque teve que sair para trabalhar. A nossa família é uma família grande, minha avó tinha 18 filhos, a outra tinha 8, sabe? E eu fui... uma pessoa assim muito ligada a terra e sou até hoje, tanto que as minhas raízes (*ruído*), eu vou todos os anos, deu uma folguinha estou eu lá no Nordeste. (*risos*)

DN - Seus avós paternos eram de Pernambuco? É isso?

MT - É, e os meus avós maternos de Alagoas...

DN - Maternos de Alagoas.

MT - ...exatamente.

DN - Os avós maternos é que vieram para o Rio primeiro. Aí incentivaram ao teu pai ...

MT - ...incentivaram... a vir... exatamente, na época do Getúlio...

DN - Os avós ficaram aqui no Rio?

MT - Ficaram. Ficaram e depois voltaram. Tanto que eu vim estudar depois... a minha história toda é com eles, com os meus avós maternos, né? Porque quando eu... terminei o... o antigo adm... primário, admissão, eu fui pra uma cidade do interior também chamada Garanhuns... mas Garanhuns é uma cidade conhecida, que tinha colégio interno. Então eu fui para o internato e estudei 4 anos no internato, que foram os 4 anos de inferno na minha vida. (*risos*)

DN - Isso depois dos 8 anos?

MT - Exatamente, depois que eu fiz o... quando eu tinha dou... é, 10 anos mais ou menos, 10, 11 anos, eu não preciso. Aí eu fiz o ginásio, fui lá no colégio (*ruído*), prestei concurso. Porque naquela época a gente prestava concurso até pro ginásio, né? Até... era! Aí, comecei... fiz 1º, 2º, 3º, 4º ano ginásial lá (*ruído*). Mas eu era muito ligada aos meus avós maternos e...

DN - E você não teve irmãos?

MT - Tive, eu tive dois irmãos... uma irmã que nasceu depois de mim, mas que faleceu aos 6 meses de idade. Aliás, duas irmãs. E quando eu já estava interna no colégio mamãe engravidou outra vez e daí que ela teve 3 filhos seguidos...

DN - Enquanto você estava no colégio.

MT - ...enquanto eu estava no colégio interno, tá? Três filhos segui... tanto que existe uma distância muito grande entre... os meus irmãos e eu. A minha irmã, quer dizer, quinze anos... dezesseis... eu acho que é... eu sei que a minha irmã mais nova é quinze anos mais nova do que eu... é mais ou menos isso a diferença. Então, ficou assim e foi uma coisa muito interessante porque quando eu terminei o ginásio, eu disse pra papai... Eu sempre fui muito independente, sempre, sempre liderei lá no colégio, sempre fui da Juventude Católica, era do coral, liderava todos os movimentos, teatro, tudo que tinha lá no colégio, eu que liderava. Então eu disse pra papai: “Quando eu terminar o ginásio eu quero fazer científico em Recife. Eu não quero mais ficar nesse colégio, eu não aguento mais essas freiras.” Aí papai não deixou, disse que não!! Como é que ele ia deixar uma moça de 15 anos sozinha em Recife... porque era muito comum, ou eu estudaria em Recife num colégio interno, que poderia ser lá também, ou então ficaria... na casa de ninguém ele não me deixaria, ficaria numa pensão, pensionato. Papai não deixou eu ficar no pensionato. Mas coincidiu, que neste ano o meu avô, e a minha avó que morava no Rio de Janeiro foram passar as férias na fazenda. Aí me agarrei com vovô e vim pro Rio...

DN - Pro Rio?

MT - ...e fiquei até hoje.

DN - Não voltou mais?

MT - Não voltei mais. Que aí depois eu me formei, comecei a trabalhar, me casei, separei e fiquei aqui no Rio de Janeiro. Quer dizer, em suma, da minha história assim, de vida, é isso aí.

DN - Agora, Terezinha, você disse foram os 4 anos de maior inferno na minha vida.

MT - Foi, foi, inferno da minha vida.

DN - Por que?

MT - Porque eu sempre fui uma pessoa muito ativa, né? E naquela época... sempre fui muito levada mesmo. Mas por outro lado... por exemplo, meu pai me perdoava todos os meus boletins, porque lá tinha uma graduação de boletins, rosa, amarelo e azul e eu só levava boletim amarelo... mas em compensação...

DN - Que era o mais fraco ou médio?

MT - Não! Era, era de comportamento, mas em compensação as minhas notas, a menor era 8, entendeu? E as freiras não entendiam como é que... eu... uma das raivas que eu tinha era essa. “Mas eu não entendo o quarenta e quatro...” - era o meu número, elas chamavam a gente por quarenta e quatro número, elas não chamavam pelo nome, sabe? - “Quarenta e quatro eu não entendo! Olha aí, você só tira 10, até em religião você só tira 10! E comportamento você é desse jeito.” Quer dizer, elas não entendiam a minha energia. Eu jogava vôlei, eu era da equipe de vôlei, entendeu? Eu fazia tudo isso.

DN - E você estudava bastante?

MT - Mas eu gostava. Agora, só que era assim, a gente tinha uma disciplina rígida, era disciplina militar mesmo. A gente acordava às 5 horas da manhã, o clima não era muito frio, a gente tomava banho frio às 5 horas da manhã, depois a gente ia pra missa diariamente... Eu me lembro de toda a rotina como se fosse hoje. Foi uma coisa que me marcou muito, foi motivo assim de muita terapia, de muita análise. Depois a gente ia para o café, a gente não podia conversar! Tudo isso sem dar uma palavra! A gente só podia conversar aos sábados e domingos.

DN - A semana inteira não se conversava?

MT - A semana inteira, era comendo e conversando uma com a outra... comendo... ora, comendo, jogando bola, fazendo tudo que era coisa que a gente podia fazer, está entendendo? Porque o café, principalmente o café da manhã elas não liberavam. Aí tinha a missa, depois da missa aí a gente ia para as aulas. Aí tinha um recreio. Na hora do recreio... existia assim. As meninas internas e as externas... eu não sei se isso te interessa, mas você perguntou... as internas, a gente tinha aula assim, as carteiras das internas e as carteiras das externas, as externas eram as que entravam 8 horas e saíam meio-dia, morava na cidade e iam embora. No recreio era proibido da gente conversar com elas entendeu? E de vez em quando estava eu lá no meio das externas. Aí pronto,

mais uma semana sem saída no final de semana, então era assim, entendeu? Depois a gente almoçava e tinha um recreio só nosso e tinha um tal do estudo das 2 horas que era... você não podia olhar pro lado. Era para você sentar e fazer as tarefas de casa. Eu me lembro que uma vez eu estava escrevendo uma carta, a freira veio devagarzinho e tomou a carta, porque era proibido fazer outra coisa que não escrever ali entendeu.

Então, depois de um certo tempo eu disse para papai “Eu não fico! O senhor quer que eu estude não quer? Pois bem, naquela escola eu não fico! Porque aquilo não é escola, aquilo é um...” Além de outras coisas que aconteceram porque eu uma vez eu fui a um médico e encontrei com um conhecido, que era uma paquerinha minha e bati um papinho com ele, levei uma semana de suspensão. Só por isso! Eu me lembro, eu tive um panarico aqui neste dedo, inflamou, inflamou, inflamou, aí a freira me mandou o doutor Lessa, que era um médico da minha família, acompanhada, que tinha aquelas, aquelas órfãs que ajudavam no colégio, aí quando eu estou chegando, encontrei um colega meu, lá da cidade, a gente bateu papo: “Oi! Como vai? Tudo bem?” “O que você vai...” “Eu vou aí no doutor Lessa que eu estou com isso.” “Ah, então eu vou subir para a gente ficar conversando.” Quer dizer, eu achei uma coisa tão ingênua, tão sem maldade, resultado, com isso, pra você ver a incoerência que era, uma semana de suspensão de tudo, de tudo, isolada, como se eu tivesse cometendo um crime. Aí eu me lembro que o padre gostava muito de mim “O que você está fazendo aí?” Aí eu contei pra ele, ele disse: “Amanhã eu trago um livro pra você ler.” “Tá bom!”

DN - E não fazia nada?

MT - Não, não fazia nada.

DN - Só fazia as refeições, a reza...

MT - Só fazia as refeições, a reza e não ia as aulas, fiquei proibida, perdi todas as aulas de uma semana, absurdo né? Aí o padre me trouxe ‘As pupilas do Senhor Reitor’. Aí eu estou... outro dia eu até li ‘As pupilas do Senhor Reitor’... aí a irmã olhou pra mim: “Onde é que você arranjou isso?” “Pergunta pra padre Tarciso. Foi ele que me deu.” “Ah, eu vou falar com ele que ele não pode...” E por aí outras coisas, essas pequenas infrações que eu cometia que eu era considerada assim o diabo em figura de gente, entendeu?

DN - E isso você ficou 4 anos lá.

MT - Eu fiquei 4 anos, né?

DN - E a decisão de colocar você no colégio interno? Você lembra Terezinha, porque que...

MT - A decisão era porque na cidade, onde a cidade próxima onde eu morava não tinha, só tinha primário e papai fazia questão que...

DN - Sim, que você continuasse os estudos.

MT - Ele não estudou mas que, depois os meus irmãos, ele custeou os estudos dos meus irmãos todos, ele sempre fez questão. Então, isso e outras coisas me revoltava muito, sabe? Então, eu gostava muito de estudar, eu gostava muito de estudar religião, mas eu

fazia as perguntas e as perguntas que elas me respondiam não me satisfaziam, resultado, a freira... eu ganhava prêmio de religião todo ano, tem uma porção de livro aí, Maria Gorete, não sei que mais lá, não sei que lá do Papa, essas coisas todas eu ganhava prêmio de religião. Eles faziam sabatina e eu sabia de tudo, porque eu gostava de ler e a História me ajudava muito, né? Eu gostava de História, tanto é que eu me formei em História, né? Eu sou professora de História hoje. Então, isso aí teve uma decisão muito grande a minha vinda pro Rio de Janeiro, porque, se papai fosse uma pessoa mais acessível ele teria me deixado tranquilamente ficar na casa de um parente “Está bem minha filha...” - porque era caríssimo o colégio, nem todo mundo podia pagar o colégio - “...o dinheiro que eu gasto no colégio eu pago uma pensão pra você num pensionato. Você promete se comportar bem...”, mas nunca houve essa conversa. Aí chegou o vovô, vovô era um homem assim muito 10 mil... anos de cabeça

DN - Luz na frente.

MT - ...da frente. Aí, conversou com papai, aí papai disse: “É, ela não quer de jeito nenhum continuar no colégio. Se o senhor quer levá-la pra lá eu custeio as despesas, só que fica muito longe, né?” Aí pronto, eu vim bem, fui, e... ele veio pro Rio e eu já voltei com eles...

DN - Teresinha, e a sua mãe opinava nessa época?

MT - Mamãe opinava... mamãe não. Mamãe, hoje até a gente conversa muito. Mamãe não dava opinião. O que meu pai decidia ela acatava, era aquela família bem patriarcal mesmo, entendeu? Papai não era um homem violento, ele era um homem rígido... dentro da educação dele...

DN - Seguia os padrões da época...

MT - Segui os padrões da época, tá? Seguia os padrões mais ou menos da época, mas não era um homem assim ignorante, nunca me bateu, nunca gritou comigo. Pelo contrário, eu me lembro dele assim com muito carinho, ele me botava no colo, coisa difícil, coisa difícil na época. Ele me botava no colo, eu sentava a mesa, às vezes, no colo, ele preparava a minha comida, ele andava muito comigo no colo, eu o acompanhava, porque ele não tinha filhos, eu acho que foi 7 ou 8 anos quando nasceu o meu, meu pr... meur... a minha irmã que faleceu (*ruído*), eu montava muito bem, e ele me ensinou a montar muito bem e eu fazia...

DN - Quer dizer, até 7, 8 anos você era filha única mesmo.

MT - Única! E eu fazia, eu corria, eu ajudava ele lá no engenho em algumas tarefas que às vezes era feita por molecotes de 7, 8 anos, os molecotes faltavam e ele me chamava “Vai fazer isso! Senta lá na...” que era um negócio de rodar para moer a cana, era até divertidíssimo pra mim aquilo. E eu fazia tudo isso, né? Andava muito bem a cavalo, quando ele tinha também uma parte de fazenda... quando ele ia vacinar os bois eu ia, acompanhava ele, ajudava, levava lá vacina, entendeu? Então era uma coisa muito engraçada que eu não perdi a minha feminilidade, porque eu fazia tudo isso que era de menino! Eu brincava mais com os meninos... do que com as meninas, por causa dessa coisa de montar a cavalo, ficar lá na bagaceira... bagaceira é o lugar onde se põe o bagaço de cana, de que fala o, o José Lins do Rego, né? Menino do bagaceiro. Então a

gente fazia aquelas brincadeiras todas, a gente tomava banho nu. Engraçado, é umas coisas assim, hoje que eu fico refletindo como é incoerente né? De um lado a gente a gente tomava banho nu no rio e de outro lado tinha uma rigidez tão grande em outras coisas. Eles achavam que era natural a gente tomar banho, não botavam maldade nisso, eu fui criada assim. Então, eu acho que talvez, nisso, por um lado eu sou muito rigorosa com as outras coisas e também sou muito liberal pra outras.

DN - Fora o fato de você morar sozinha na cidade grande onde tivesse a escola, tinha, o seu pai era rigoroso em mais coisas?

MT - Não, em questão assim de namoro ele era, namoro só pra casar. Tanto que o primeiro rapaz que eu apresentei, realmente foi o meu ex-marido, já aqui no Rio. Lá na, no, no Nordeste eu tive vários namorados mas era tudo namoradinho, paquerinha, quando eu vim para cá eu tinha quinze anos, nunca tive namorado sério lá, não tive namorado sério... era menina. Então ele era muito rigoroso mas, eu ia às festas, eu dançava eu me divertia, dentro... ele gostava muito de dança, fazia muita festa em casa, mandava chamar o sanfoneiro, ele mesmo dançava muito, dançava muito comigo, dançava com a mamãe, papai dançava muito bem, porque papai gostava de música. Então eu herdei o lado musical dele. Então eu gosto hoje às vezes eu toco um violãozinho, ele tocava na banda da cidade, entendeu? Quando a gente não tinha o que fazer a gente ficava lá cantando e batucando na fazenda... Então isso aí...

DN - A sua mãe, você falou assim, ela não pinava muito, acatava o que seu pai decidisse, mas estava sempre presente, acompanhava.

MT - Sempre presente. Mamãe era assim, era a administradora perfeita, sabe? Ela fazia tudo, não faltava nada. Eu me lembro que quando meu sogro...

DN - Fazia doces, melados... (*risos*)

MT - Não, não, ela não ia pra cozinha a mamãe é a pior cozinheira que tem, que existe, a gente hoje fala pra ela (*risos*) Mamãe não sabe cozinhar, não sabia fazer um café. Mas ela... não é que ela fosse uma dondoca, ela administrava a casa, sabe? Ela punha tudo em ordem, era tudo limpo, tudo, não faltava nada, se chegasse papai de repente, chegava: “Estela, tem que botar comida pra 10 homens aí.” Aí, ela não ia pra cozinha, mas ela dizia, bota isso, bota isso, bota aquilo outro, era administrar, era a palavra certa. E companheira e participante dele. Ela às vezes dava uns palpites, mas não era daquela mulher... ela era muito decidida, mas não era decidida a ponto de dizer “Ah, não custa nada! Deixa a menina ir pra festa... Deixa a menina ficar em Recife...” Não, isso ela não fazia. Ela podia no máximo dizer “Ah, não podia, será que não podia deixar a Terezinha...” Mas assim, já com quase uma coisa de... submissão. Que eu reclamei, eu já cobre dela isso, porque eu só vim pro Rio por causa dela (*ruído*). Se não fosse... ela reclama, porque eu estou tão longe, até hoje, mas se ela tivesse sido um pouquinho, porque ela tinha influência sobre o papai, mas ela não quis. Até eu brincava: “Também tinha 3 filhos pequeninhos pra cuidar, né?” (*risos*) Era o meu lado de ciúmes.

DN - E isso causou ciúmes Terezinha?

MT - Causou, causou, causou. Eu achava que não, mas depois na terapia, foi visto realmente...

DN - Você nem acompanhou direito assim a gravidez?

MT - ...eu vi como foi doloroso porque eu estava trancada num internato enquanto estavam os 3... é muito engraçado hoje em dia a gente conversar, né? Porque, com o passar do tempo que dizia: “Ah, você era dondoca que vinha do Rio de Janeiro e papai fazia tudo que você queria. E você trazia aqueles presentes pra gente e mandava na gente e queria que a gente fizesse isso e queria que a gente fizesse aquilo.” Eu dizia: “Pois é, mas enquanto a dondoca estava no Rio de Janeiro vocês estavam... enquanto a dondoca estava presa, de castigo 4 anos naquele inferno que era o Santa Sofia, vocês estavam aqui com papai e com mamãe, felizes da vida, andando de pé descalço, correndo por aí assim.” “Mas Teresa...” - meu irmão - “...é mesmo...” - ele me chama de Teresa ou Teca - “...eu nunca tinha pensando por esse lado.” “Pois é!” “A gente tinha tanta raiva de você!” Quer dizer, foi uma coisa que foi resgatando-se, com tempo, né? É muito engraçado a minha história. Eu tinha vontade de escrever (*risos*), sabe?

DN - Mas na época não era possível.

MT - Mas na época... eu na época não tinha consciência disso, né? Passei a ter consciência depois... de muito tempo, depois que eu comecei a fazer terapia, essa coisa toda, foi depois que eu comecei a ver isso, né? E às vezes que a gente começou a ter alguns desentendimentos, e tudo, aí eu sentia... Papai tinha um defeito, que ele, ele me comparava, né? Pelo fato de eu ter sido muito estudiosa, eles não gostavam de estudar. “A sua irmã nunca me deu trabalho!” Aquilo que todo pai faz, né? “Nunca me deu trabalho!” Então aquilo eles ficavam com mais raiva de mim entendeu? Os três. Eram três, eram dois rapazes (*ruído*), dois meninos e uma menina.

DN - E aí na verdade você conviveu pouco com eles, porque você saiu do colégio interno e veio pro Rio.

MT - Exatamente, eu convivi pouco com os meus pais e convivi pouco com meus irmãos. A convivência, era uma convivência o quê? De três meses por ano. Que naquela época as férias eram mais longas, dezembro, janeiro e fevereiro (*ruído*), né? Então eu ficava os três meses, em julho era muito dinheiro pra você ir de avião, naquela época os aviões eram precaríssimos. Viajava-se o dia inteiro, então eu tive muito pouca convivência.

DN - Desde que você veio pro Rio todo ano você ia lá?

MT - Todo ano eu ia. Só espacou um pouco depois que eu casei. Mas mesmo assim depois que eu me separei vou todo ano lá, todo ano. (*incompreensível*) Todos os anos eu vou lá. Meus filhos adoram. Aí eu procurei passar isso para os meus filhos, meus filhos tem loucura, adoram. Minha filha quando fez quinze anos ela escolheu passar o aniversário com a avó. Porque o avô deu... a viagem a *Disney*, eu disse: “Olha, só posso te dar uma festinha.” Ela disse: “Então me dá uma passagem de avião pra ir passar com a minha avó.” (*ruído*) Aí foi passar com a mamãe, porque eu tava trabalhando não podia ir ainda, aí a mamãe fez uma festinha... porque ela tinha muitos amigos lá porque ia todos os anos, tinha namorado, tinha tudo. Aí ela foi lá, fez uma festinha, cortou o bolo, aquele negócio todo, fez uma reuniãozinha, fizeram lá uma coisa da época, uma discoteca e tudo mais e... ... preferiu ir pra lá do que fazer uma festa aqui, achou que eu

ia gastar muito dinheiro, ela preferia ficar com a avó, ela gostava muito da avó. Aí a mamãe já não estava mais... nesse meio tempo... bom, aí eu adiantei, eu vim finalmente pro Rio de Janeiro, fiquei na casa dos meus avós e fiz o científico onde...

DN - E eles moravam aonde aqui no Rio?

MT - Moravam em Ramos. Aí eu fiz faculdade...

DN - Você fez o científico aonde Terezinha?

MT - Santa Tereza.

DN - Santa Tereza?

MT - Santa Tereza, um colégio que tem lá em Ramos, ali perto da, da, da Leopoldina. Aí um grupo grande fez faculdade e eu fiz também, e todas nós passamos...

DN - E você escolheu logo História?

MT - Eu escolhi Ciências Sociais... Naquela época era muito pouco procurado Ciências Sociais, era um grupo pequeno mas foi muito bom, eu aprendi muito, passei bem e tive assim Costa Pinto, foi aluna de... Darcy Ribeiro, fui aluna de Vitor Nunes Leal, fui aluna de... um grande economista que eu esqueci do nome, da Marina, Ieda, Ieda que foi secretária de Educação, Maria Ieda Linhares. Quer dizer, eu fui aluna dessa *tchurma* toda (*risos*), até trabalhei como Darcy um tempo.

AP - Você estudou onde?

MT - Na Nacional, UFRJ. Que naquela época era Faculdade Nacional de Filosofia e que atualmente é da UFRJ, departamento... o IFCS, ali no Largo São Francisco. Conheci o Werneck, conheci esse povo todo que tá por aí, o Mata... Mata foi meu contemporâneo que questionou, fez uma polêmica muito grande com Darcy Ribeiro, lembra? Essa turma toda de História, Maurício, Silva Santos, que é geógrafo, isso tudo foi meu contemporâneo.

DN - Isso nos anos 50.

MT - Foi. Não, 59... 58, finalmente. Na realidade foi 60... não, 50, está certo, 54. 54 eu entrei pra faculdade e me formei em 58, em 59 eu me casei, aí meu pais... aí outra briga: “Formou? Terminou? Vamos voltar pra casa!”

DN - “Vem exercer a profissão aqui.” (*risos*)

MT - Não tinha muito o que fazer, eu já era noiva aí resolvemos casar e eu fiquei.

DN - E o noivo você conheceu aonde, na escola?

MT - Eu o conheci por intermédio de uma prima que pintava... esses quadros são da minha sogra e a minha prima pintava, era, era colega de Armando Viana. E um dia saí com a minha prima “Ah, vamos dar uma passadinha na casa da minha amiga que eu

quero ver os quadros que ela está pintando, parará, parará, parará...” Aí lá eu encontrei, tudo bem. Depois de um tempo surgiu aí uma outra festa, me convidaram outra vez pra outra festa, aí a gente começou a namorar. Eu já estava acho que no último ano da faculdade, foram dois anos, um de namoro, um de noivado, eu já estava no terceiro ano da faculdade. Aí ele foi, no último ano e os pais dele de jipe...

DN - Pedir a sua mão.

MT - Pedir a minha mão em casamento. Você já ouviu uma história dessas (*risos*). Aí eu fui sozinha de avião e voltei com eles.

DN - Eles foram de jipe daqui até lá...

MT - De jipe daqui até lá, demoraram uns 5 dias.

AP - Mas por que a opção pelo jipe?

MT - Porque naquela época ou você ia de avião ou você ia de jipe. E meu sogro...

DN - Porque as estradas não eram como são hoje ainda, né?

MT - Não existiam ônibus como... ônibus como é hoje essa coisa. Então, ônibus meu sogro não queria ir, meu sogro era meio aventureiro, ele gostava muito de viajar, era a única pessoa realmente... ele era uma pessoa muito... mas era única pessoa que... pessoa que gostava muito de viajar. Então ele resolveu comprar um jipe e... ir lá... Olha, a... a viagem era de terra, a estrada... a viagem da estrada era de terra. Vocês podem imaginar.

AP - Uma super-aventura. Aí você voltou de jipe então, pelo que você falou, né?

MT - Voltei de jipe, voltei de jipe com eles, aí... vol,vo, voltei, me deixaram na casa da minha avó. Mas nesse ínterim meu avô tinha morrido...

DN - Mas seu pai já conhecia o seu noivo?

MT - Não. Ele foi daqui pra conhecer.

DN - Essa foi a primeira vez.

MT - Ele foi daqui pra conhecer o meu pai.

DN - Saiu ele e o pai dele para conhecer os seus pais...

MT - ... e a mãe dele... Isso!

DN - A mãe dele também foi de jipe?

MT - Foi. Foi.

DN - Eles saíram daqui para conhecerem os seus pais lá... pedir a sua mão.

MT - É... pedir a minha mão em casamento... ...Não combina muito comigo não, mas aconteceu tudo. (*risos*)

DN - É, mas eu acho que de repente nessa época era mais comum isso, né?

MT - É, era mais comum.

DN - Um ritual absolutamente necessário.

MT - Até porque os dois eram muito tradicionais.

DN - Hoje se a gente começa a fazer muitas perguntas pros namorados das filhas, elas: “Que é isso mãe?” (*risos*)

MT - As minhas sobrinhas eu falo “E aí, como é?” “Ah tia, dá um tempo tia.” É assim que elas falam comigo, as minhas sobrinhas. Depois vocês vão ali, eu tenho um retratinho, eu tenho retrato de papai e de mamãe e de todo mundo, vocês vão ver. Aí eu casei e fiquei.

DN - Sim, aí você disse que nesse ínterim a sua avó faleceu...

MT - Sim, meu avô faleceu.

DN - Seu avô aqui do Rio?

MT - Aqui do Rio. Enquanto eu estudava... numa das outras férias, que meu avô também ia sempre, quer dizer, ele me trouxe, vim estudei com ele um ano, não me lembro o ano...

Fita 1 – Lado B

DN - 53 ou 54?

MT - É, eu não sei se foi 53 ou 54, que meu avô foi outra vez com a minha avó... e eu, nós três passamos férias lá no Nordeste na casa da minha mãe e do meu pai e meu avô teve um colapso e morreu lá.

DN - Lá?

MT - Lá. Foi enterrado lá. E aí eu voltei, eu voltei com a minha avó e disse: “Eu vou cumprir o que o seu avô prometeu. Até você se formar... eu estou aqui, depois eu vou embora pro Norte.” Aí ficou o nó... Aí chegou em 58...

DN - Quer dizer, na verdade, ou você casava ou voltava mesmo.

MT - Ou peitava e ficava aqui, né? Aí eu 58 escrevi, porque naquela época telefone era uma angústia, era muito difícil, lá na cidade que ele morava não tinha telefone. E combinamos tudo por carta para que ele viesse para a minha formatura. Aí veio papai, mamãe, meus três irmãos e a minha preta velha que era a minha mãe, segunda mãe que tomava conta da gente, desde que eu nasci... ela infelizmente morreu há 2 anos atrás. Aí

eles vieram todos pra minha formatura. Aí eu queria tirar umas férias, voltar pra Recife e ver se... eu até tinha vontade, não é? Mas aí o Luiz Eduardo, que é... o ex, né? Era o meu noivo naquela época, começou a pressionar, pressionar, e se antecipou, falou com papai e papai disse: “Olha, ficar sozinha ela não fica não, mas se você quiser eu concordo no casamento.” Aí o papai concordou em fazer o casamento. Aí preparamos o casamento, fizemos o casamento na igreja com tudo que tem direito...

DN - Nessa vinda dele pra sua formatura?

MT - Nessa vinda pra minha formatura. Era pra vir pra formatura e eu voltar... pra ver o que que eu ia fazer da vida lá, né? Aí fiquei, casei, com tudo que tinha direito...

DN - Mas isso nesse momento não desagradou a você, você estava nesse movimento mesmo de casar...

MT - Não, pra mim foi ótimo. Eu tava feliz, eu tava querendo isso mesmo. Eu não queria casar já... eu queria ver se ia... a minha intenção na realidade era ir pra lá e convencer ao meu pai a deixar eu voltar, a mostrar pra ele que isso não tinha nada a ver, entendeu? Adquirir a confiança dele ou então, até ele ir, a gente casava lá e voltava casado, entendeu? Mas aí começou a pressionar, papai disse que sozinha eu também não ficava, e coisa assim foi tomando um vulto e quase que extrapolou as minhas... sabe quando você não domina. As coisas correm muito rápido na sua vida, você não raciocina, é uma coisa que você quer de um jeito, não tá acontecendo do teu jeito mas também não tá acontecendo do jeito ruim. Não era do jeito que eu queria mas também não era de um jeito ruim. Aí, casei e fiquei. E vivemos... ..algum tempo, tivemos dois filhos, um casal... e... quando... mas aí já começamos a nos desentender.

DN - E quando você se formou, Terezinha, você logo começou a trabalhar?

MT - Comecei. Eu já tinha emprego garantido.

DN - Você já fazia estágio, durante a faculdade.

MT - Eu já fazia estágio e o SENAC, eu fiz estágio no SENAC e o SENAC me ofereceu um emprego muito bom. Inclusive, eu perdi várias oportunidade de viagem no SENAC, porque o SENAC naquela época formava o seu... o seu... os profissionais, mandava tudo, com tudo pago pro estrangeiro, eu tive oportunidade de ir pro estrangeiro, para ir pra Oxford, especificamente, outra para ir para a América Latina, foi uma amiga no meu lugar, seria tudo para mim, no meu cargo... Aí isso depois do casamento, as oportunidades foram indo e aí o maridão também não foi deixando, né? Aí, quando chegou um certo tempo eu achei que para conciliar... eu dava aula... aí as oportunidades começaram a se abrir. Aí um dia... as coisas aconteciam muito engraçado, eu estou saindo da secretaria, encontro com um colega: “Meu Deus! Que maravilha te encontrar, eu não tinha o seu telefone.” “O que que é?” “Eu estou dando aula na PUC e eu preciso... arranjar uma pessoa pra me substituir. Vamos lá, vamos conversar. Você quer ficar no meu lugar?” “Fico.” Me explicou, vou eu dar aula na PUC. Eu trabalhava no SENAC e dava aula na PUC. De repente, fizemos um seminário lá no...

DN - Você dava aula de que, Terezinha?

MT - Eu dava aula de Antropologia, porque eu me especializei em Antropologia e Sociologia. Aí tinha no segundo grau... direito de dar História a nível de segundo grau. Depois eu fiz curso de especialização em História.

AP - E no SENAC, Terezinha, você trabalhava como socióloga?

MT - No SENAC... eu trabalhava como assistente social do Serviço de Pesquisa, como socióloga. Eu era assistente do diretor do Departamento de Pesquisas Sociais do SENAC. Fazia pesquisa, fazia entrevista, fazia essa coisa toda. Aí foi quando... meu... eu tinha um trabalho... de certa forma privilegiado... que era um horário de uma às cinco, era meio expediente...

DN - No SENAC?

AP - No SENAC?

MT - No SENAC. Isso me permitia dar aula na PUC de manhã, né? Aí quando tava dando aula na PUC, o meu diretor, o Dr. Dannyman disse: “Terezinha, nós vamos organizar um seminário e eu quero...”, mas ele fez isso de propósito. Porque... naquela época se tinha preconceito e eu era uma mulher muito elegante, muito charmosa, muito bonita, não sei o que mais lá, então eu achava que tudo que eu conseguia era... porque eu era assim, está entendendo? Aquele negócio da mulher feia e a mulher bonita. Aí ele disse: “Eu quero que você organize esse seminário.” “Tá bom!” Aí me deu a organização do seminário. Então, eu levei, simplesmente, Darcy Ribeiro, Costa Pinto, Vitor Nunes Leal, a nata. E foram méritos meus, porque todos eles foram meus professores, nenhum deles disse não. E fizemos o seminário. E eu conheci outras pessoas nesse seminário. Um deles me convidou para dar aula na Faculdade de Serviço Social da PUC, que ele estava sozinho estava precisando de uma assistente. Aí as portas foram se abrindo... de repente a Laís me liga: “Terezinha, tenho que deixar a Faculdade de Petrópolis. Que que eu faço?” Mas como eram poucas aulas, eu consegui pegar tudo isso. Só que o casamento começou a...

DN - Você começou a se ocupar muito, né?

MT - Muito, né? E ele não admitia. Enquanto eu estava ficando quietinha no SENAC, ficando de manhã em casa, saía com ele a uma hora da tarde, voltava com ele às cinco horas da tarde, tudo bem. Mas, a partir do momento que eu comecei “Hoje eu tenho que levantar cedo, porque eu tenho que dar uma aula lá na PUC...”, eu não tinha carro, nem ele me emprestava o carro e nem admitia que eu dirigisse. Então, eu pegava um ônibus, eu morava na Paulo de Frontin e ia lá para a PUC. Naquela época, há 30 anos atrás vocês imaginam como era difícil a condução, né? Tomava um ônibus até o Humaitá, às vezes tinha algum colega que me davam carona. Depois, eu arranjei esse outro que era Humaitá, então era ótimo, que eu consegui conciliar Humaitá, PUC. Agora, e o de Petrópolis? Eu tinha que sair às cinco horas da manhã, passava a manhã toda lá dando aula, chegava em casa duas, três horas da tarde e eu já tinha uma filha nessa época.

DN - Pro SENAC. Você já ia direto pro SENAC vindo de Petrópolis.

MT - Ia direto pro SENAC. Vinha de Petrópolis e ia direto pro SENAC. O Dr. Dannyman muitas vezes me abonou as faltas. Não, aí eu fiquei grávida, aí é que foi nó

de todo problema.

AP - Qual era a ocupação do seu marido?

MT - Médico. Aí quando acabou tudo isso, eu fiquei grávida.

DN - Mas médico tem fama também de que corre de um emprego pro outro, assim... que fica ocupado quase 24 horas.

MT - Mas ele tinha uma vida tranquila, ele tinha as costas largas do pai, que arranhou tudo pra ele, era filho único, entendeu?

DN - O pai dele era médico também?

MT - Era médico também. Foi um grande ortopedista, Professor José Batalha...

DN - Ele seguiu a mesma especialização.

MT - Seguiu a mesma especialização do pai...

DN - Recebeu a mesma clientela?

MT - Não. Ele simplesmente... não queria estudar e seguiu os passos do pai porque era tudo fácil pra ele, as portas estavam todas abertas, né? E era uma coisa muito grande, que depois que meu pai morreu... em 71, mesmo muito antes, surgiu uma grande amizade entre eu e meu sogro. Mas uma coisa de parceria mesmo, de pai e filha, entendeu? Minha sogra morria de ciúmes, dizia que “ele fazia todas as vontades. Parece até que ela é filha sua...”, minha sogra dizia. Porque meu sogro era um homem muito inteligente, apesar de ser um homem muito rígido, né? E o Luiz Eduardo não queria nada com nada, nem com trabalho, nem com coisa, queria saber era de barco, entendeu? Faltava a bessa ao trabalho, criava um monte de problemas lá no trabalho. De vez em quando, chamava o pai: “Olha, ele está vacilando, nós vamos ter que mandar embora.” Uma série de coisas que acontecia, né? Então passei por essas... essas coisas todas, foi me fortalecendo, até que... fiquei grávida.

DN - Agora, esse momento ainda, de que... em suma, as portas... várias portas se abriram em termos de trabalho, perspectivas de aula. Você...

MT - Darcy Ribeiro me convidou pra fundar a Universidade de Brasília com ele. Não estou contando vantagem. Ele precisava de gente. 60, ele precisava de gente, que foi a inauguração de Brasília, lembra? Na inauguração de Brasília. E o que é que ofereciam aos funcionários naquela época?

DN - Casa.

MT - Casa, salário dobrado e um monte de vantagens. Aí eu disse: “Você vai como funcionário público, eu vou como assistente do Darcy, a gente fica lá cinco anos...” porque eu sempre olhei para a frente e sempre me tolheram sabe? “Aí a gente vai, ganha dinheiro, ganha o apartamento, depois a gente volta, eu volto com o meu carro, você volta com o teu carro, a gente volta com apartamento e a gente volta aqui pra junto do

teu pai.”

DN - Naquela época Brasília significava muito isso mesmo.

MT - Muito, muito, tanto que a colega que foi...

DN - ...você passar uns anos lá e fazer o pé de meia.

AP - Fazer a vida, mesmo.

MT - Uns ficaram e outros voltaram muito bem, né? E... nós tínhamos ido conhecer Brasília um pouco antes. Em março de 60... Brasília foi inaugurada em abril de 60. Nós fomos visitar Brasília, ficamos hospedados nas obras, porque meu sogro conhecia muita gente, conhecia o De Paoli, que era um dos construtores. Ficamos lá no alojamento das coisas e tudo e eu fiquei apaixonada, encantada. E quando lá eles contaram como é que ia ser, quando mostraram os apartamentos dos, dos funcionários, eu : “Já pensou se a gente pega um apartamento desse?” Se bem que a gente morava muito bem aqui num apartamento que foi construído pelo meu sogro, mas que não era meu, estava no nome do meu sogro. Foi aí que eu dancei... na separação. Então, ele não quis ir. Eu chorei, implorei, fiz tudo, disse que ia sozinha, aí eu fiquei grávida. Se eu tivesse sozinha, mas foi justamente nesta viagem que eu engravidei. Ai foi quando ele começou a me pressionar, me pressionar, eu continuei trabalhando com a barriga deste tamanho, aí ia, acordava ele dizia, às vezes ele dizia: “Eu fico com tanta pena de você, lembra cinco horas da manhã pra enfrentar um trem pra ir lá pra Bangu dar aula, pra receber oitenta...” Eu nem me lembro, agora perdi completamente a noção do valor, mas naquela época era correspondido a um salário mínimo de hoje talvez.

AP – Isso como professora do município que você está falando?

MT - Como professora. Ah, muita gente, é muito complicado, porque quando eu engravidei...

DN - Espera aí, você dava aula na PUC, você tinha o SENAC, dava aula na PUC...

MT - Na PUC e em Petrópolis, era em três lugares, eu trabalhava...

DN - E uma no Humaitá, em Petrópolis e ainda dava aula de história no 2º grau?

MT - Não, não dava não, no 2º grau foi depois. Aí foi quando ele começou me pressionar muito, eu abri mão das duas faculdades daqui e arranjei uma pessoa pra me substituir.

DN - Da PUC e do Humaitá?

MT - Da PUC e do Humaitá e fiquei só com Petrópolis e com o SENAC.

DN - Qual era a faculdade do Humaitá?

MT - Humaitá era Faculdade de Serviço Social, ali naquela rua... um prédio que tem... Rua Seabra? Não. Faculdade de Serviço Social da PUC, um prédio que até hoje

funciona lá um serviço social... antes daquele flat que tem na rua Humaitá, uma ruazinha ali a direita. Aí eu arranjei uma pessoa pra me substituir, falei com o Moacir que eu estava com problemas sérios familiares. Aí deixei, achei que me rendia menos dinheiro e me dava mais trabalho e fiquei com a PUC de Petrópolis que eu gostava muito, que era uma turma boa e fiquei com o SENAC. Aí a minha filha nasceu e no final do ano eu fiz um acordo com o SENAC... Ah não! Aí quando chegou uma época aí qualquer, apareceu, o Lacerda abriu um concurso... pro Estado, que ainda era Estado da Guanabara. Nós todas de Sociologia, ele abriu eram... Estudos Sociais... Elementos de Economia e Estudos Sociais. Aí fomos tudo para o Maracanã fazer prova e todas nós passamos. Mas eu fui lotada em Bangu, porque poucas eram as escolas que tinha científico e tinha essas matérias, então a gente podia dar Filosofia, podia dar Sociologia, Normal que tinha, Sociologia no Normal que tinha Sociologia no Normal e podia dar Filosofia. Como tem a Filosofia no Científico, eu fui escalada para Bangu. Aí fiquei, Petrópolis, Bangu e SENAC.

DN - Você morava na Paulo de Frontin?

MT - Morava na Paulo de Frontin. Aí quando chegou no final do ano eu negocieei com o SENAC a minha indenização e saí do SENAC, que aí foi a grande burrada da minha vida. Devia ter deixado o resto tudo e devia ter ficado no SENAC.

AP – Isso você tinha quanto tempo de casada?

MT - Eu tinha três anos de casada. A minha filha nasceu em 60, eu me casei em 59.

AP – Então isso tudo aconteceu num espaço de tempo muito curto.

MT - Muito pequeno, muito pequeno.

DN - Eu queria perguntar um pouquinho antes quando essas...

MT - Não sei se isso interessa para vocês, são coisas da minha vida, mas eu não me incomodo de contar não, mas...

DN - Quando essas possibilidades surgiram, trabalho na PUC, nessa Petrópolis, você estava procurando, não?

MT - Aconteceu.

DN - Casualmente você encontrou um colega de faculdade no elevador, foi isso?

MT - Foi.

DN - E ele estava precisando de alguém, a outra pessoa, a outra colega precisava de alguém em Petrópolis.

MT - E porque eu não estava procurando. Porque eu sabia que ele não me permitiria isso, entendeu? Por exemplo, na época que eu tive no SENAC e que eu organizei o seminário, organizei o seminário o seminário era de manhã, eu trabalhava a tarde. Durante essa semana eu trabalhei a semana inteira de manhã e de tarde, tivemos brigas

homéricas por causa disso.

DN - Ele reclamava de que? Pelo fato de você não estar em casa?

MT - Não estar em casa mas era porque eu saía, eu não tinha filho... enquanto eu não tinha filho, foi tolerando. Ele dava as indiretasinhas, né? Reclamava. Agora, depois que nasceu a Katia, minha filha...

AP – Teresinha como é que era isso? Porque você mostra no seu depoimento que você era uma jovem rebelde pros padrões da época. E aí você casa com um homem machista que de alguma forma foi tolhendo as suas aspirações profissionais, como é que foi viver isso?

MT - Foi muito difícil, quer dizer, eu não me diria propriamente rebelde. Eu era uma pessoa que eu tinha uma... eu acho sim... eu tive uma visão. Olha, naquela época eu achava a virgindade uma besteira. Não contestava a virgindade. Mas eu achava uma besteira.

AP – E você casou virgem?

MT - Eu casei virgem. Eu respeitava os padrões da época... eu contestava, mas respeitava de pra entender? Então, aí é que vinha o conflito dentro de mim. O conflito era dentro de mim. Eu fui uma pessoa muito respeitável, meu pai... fora essas coisinhas de namorico e... de fazer algumas coisinhas na escola, eu nunca cometi nenhum desvio, nenhuma coisa que... a sociedade pudesse condenar, digamos assim, a sociedade lá onde eu vivia, a minha família e tudo, entendeu? Não tinha o quê. A contestação era assim muito dentro de mim, uma coisa de revolta, porque que eu tenho que fazer isso, porque que ao invés disso, porque eu não faço isso. Eu terminava, né? Era muito forte, digamos assim, a educação que eu tive, eu como ainda não tinha trabalhado, ainda não tinha feito uma terapia, ainda não tinha feito nada, eu terminava me submetendo, como eu me submeti pra ir pra Brasília.

AP – Para não ir pra Brasília.

MT - Eu me submeti pra não ir, de ficar aqui. Eu poderia ter dito: “Então eu vou sozinha.” Mas o que, você já pensou há 40 anos atrás eu romper um casamento pra acompanhar Darcy Ribeiro pra ir lá em cima fazer... realmente era... eu não era também tão... (*risos*)

DN - E nem era comum isso aí.

MT - E nem era comum, nem era comum exatamente. Era muito difícil. Então, o que gerava, o que ficava era o conflito dentro de mim! Porque que eu tinha que fazer essas coisas? Porque que as coisas não podiam ser assim? Porque que a gente não podia fazer o que a gente quer?

DN - Mas você acha que seu marido, essa, essa exigência dele ou queixa de você ficar mais tempo em casa era por mero conservadorismo...

MT - Era.

DN - ...ou tinha alguma outra motivação.

MT - Era, por enquanto era, logo no início era mero conservadorismo, ninguém da família trabalhava, gente! Ninguém, as primas, as mães...

DN - Nenhuma mulher da família.

MT - ... nenhuma mulher da família trabalhava.

DN - Isso inclusive ele dizia, ele lembrava sempre.

MT - Era, nem na dele nem da... da minha, eu só tinha uma tia minha que trabalhava. Olha, eu casei quando, em 59. Quer dizer, eu era a única mulher da minha turma, eu era a dondoquinha da turma... E era ótimo, porque eu tinha uma turma assim muito amadurecida, não eram... não tinham garotões na minha turma. Eu tinha um general que era oficial do gabinete do Lott, eu tinha o Lenine, que era chefe de não sei que mais lá. Tinha um outro que era jornalista, tinham dois jornalistas, um do JORNAL DO BRASIL, outro de um outro jornal que eu não me lembro, ouro da TRIBUNA DA IMPRENSA, tinha... apareceu lá uma menina, mas não emplacou, que já era advogada. E o menino que fez vestibular, que foi o único que concorreu comigo, foi o único rapazinho, ele teve uma opção de ir pra França e ele foi pra França e eu fiquei. E entraram outras pessoas também mais jovens que foram ao longo do tempo desistindo. Então, eu me lembro que o *bum* das Ciências Sociais se deu justamente depois da revolução. Eu participei daquelas coisas todas, daquela luta de, de... como é que se diz, diretório acadêmico, que você não sabe o que é isso, que hoje diretório acadêmico é coisa de... era diretório acadêmico mesmo, de participar, aquelas coisas lá do calabouço, a gente conseguia muita coisa e eu partia participava de tudo isso.

AP – Já casada né?

MT - Não, enquanto estava na faculdade. Tempo de faculdade, era altamente participante, altamente participante, e levava a minha turma todinha, onde eu ia eu dizia “Olha, eu estou precisando do voto de vocês.” Aí eu explicava para ele mas quase todos eles eram de esquerda, só tinha esse general que era oficial do gabinete do Lott, é que ele era mais de direita. Mas o resto tudo era o Montenegro, era uma figura. A minha turma era uma coisa impagável eu adorava. Eu lembro como se fosse hoje, engraçado, tem coisas que se apagam da memória, né? Mas a minha turma era fantástica. Aí... que horas são?

DN - Quatro e dez.

MT - O que vocês querem me perguntar mais?

DN - Sim, e aí você estava contando que quando nasceu sua filha aí ficou mais difícil...

MT - Eu tive os meus meses...

DN - ...de você resistir a essa pressão de ficar mais tempo em casa.

MT - Exatamente. Apesar que eu tinha uma pessoa que tomava conta da minha filha, criada pela minha mãe, que tem muito isso lá no Nordeste, tinha lá uma mocinha que a mamãe criou, educou, ensinou e quando eu fiquei grávida ela veio pra tomar conta da... pra me ajudar a tomar conta da Katia, pra me ajudar nas coisas. Aí a pressão era muito grande porque, nós ainda por cima, morávamos assim, porta a porta, aqui era o meu apartamento, do lado era do meu sogro.

INTERRUPÇÃO

MT - Eu tinha uma estrutura que me permitia ver a minha filha, dar assistência a minha filha, eu sabia que era uma pessoa cuidadosa, tinha a minha sobre do lado que eventualmente poderia, se necessário. Só que disso ela começou, ao invés de ajudar ela começou a atrapalhar, porque eu deixava determinadas coisas, ordens pra minha empregada, quando chegava tava tudo desfeito. Aí eu fui falando: “Edilene, não faz isso, não faz aquilo...” Aí um dia eu rodei a baiana, eu disse: “Olha a minha filha vai ser educada do meu jeito. Por favor, a senhora não interfira. A senhora não tem confiança na babá, a senhora quer vir aqui, a senhora venha. Mas a senhora não interfira na educação de sua neta.” Aí foi uma bomba, mas eu falei assim delicadamente, não falei aos gritos. Ih, foi uma bomba, meu Deus do Céu! Aí veio, aí brigo com o marido, aí veio o meu sogro acalmou, você sabe como é que é, resumindo tudo... aí começou a... começou a pressão cada vez maior, a pressão cada vez maior, foi quando eu entrei... cheguei no SENAC falei com o meu diretor e entrei num acordo com o SENAC, o SENAC me deu dinheiro, me indenizou e eu saí do SENAC. Aí fiquei só dando aula.

DN - Aí foi aula de Campo Grande, não Bangu.

MT - Como eu já tinha bebê, tinha direito a aleitamento eu consegui ser transferida de Bangu e vim pro Orsina da Fonseca.

DN - Bem mais perto.

MT - Foi justamente, em 64. Nesse meio tempo eu engravidei outra vez, nesse período assim... foram 2 anos de Bangu. Aí quando eu engravidei o meu filho ainda viajou pra Bangu (*risos*), foi quando... eu consegui... eu não lembro bem exatamente o tempo, mas foi nesse período. Saí do SENAC, fiquei dando aula em Bangu... não, eu não deixei a faculdade... e eu continuei em Petrópolis. Eu deixei primeiro o Humaitá e PUC, né? Depois eu deixei o SENAC, aí eu fiquei... como eu passei no concurso pro Estado, fui nomeada pra Bangu, fiquei em Bangu e dando aula na PUC...

DN - De Petrópolis?

MT - De Petrópolis, faculdade, aquela que é ali perto do Santos Dumont, onde tem a casa de Santos Dumont na avenida da Liberdade, ali na Praça da Liberdade. Fiquei dando aula ali, aí no ano seguinte, foi quando eu prometi pra ele, foi quando eu fiquei grávida do meu filho. Aí, foi quando eu pedi demissão de Petrópolis e pedi transferência de Bangu pra Orsina da Fonseca, escola mais perto. Foi em 64 esse ano, eu me lembro. Meu filho nasceu em 63, final do ano, eu entrei no período de licença, em 64 e fui pro Orsina, no início do ano arrebatou a Revolução de 64. Aí eu fiquei uns tempos só dando aula no Orsina. Aí é que vem a fase pior. Nós formávamos um grupo muito coeso...

DN - Naquela época a licença a maternidade eram três meses, quatro meses...

MT - A licença a maternidade eram três meses, só que não remunerados, porque eu não era efetiva, eu era contratada, eu tinha direito a esse mas sem a remuneração. Eu não tinha carteira assinada, a gente tinha uns recebinhos que a gente recebia naquela época...

AP – Isso no Estado?

MT - No Estado.

AP – Mesmo concursada.

MT - Mesmo concursada eu tenho aí o meu diploma de um concurso, tenho a minha nomeação de concurso mas só foi regularizada pelo Negrão de Lima. Porque esse concurso foi o primeiro concurso, foi o ... como é o nome mesmo que eu falei... Lacerda, Carlos Lacerda. Ele abriu um pouco, eu me lembro disso, eu tirei dois meses, coincidiu que ele nasceu em dezembro aí eu fiquei janeiro e fevereiro, em março, eu pedi mais uns dias e voltei a trabalhar. Aí é que entra o nó da questão agora principal da minha vida que é, hiperconfidencial, eu não me incomodo de gravar. É que nesse mesmo tempo eu me apaixonei por outra pessoa... e não tive outra alternativa que eu achava que eu tinha que ser honesta, que eu tinha que contar pro meu marido, eu contei para ele. Mas só paixão, não me apaixonei, não tive relação, não transamos nem nada. Foi uma coisa que surgiu, mas estava difícil, a nossa relação estava insuportável eu contei pra ele e aí foi o fim do nosso casamento. Nós ainda convivemos, ainda tentamos conviver durante algum tempo, mas foi muito difícil a convivência, muito, muito, muito difícil a convivência... e ameaças...

DN - Isso foi logo quando seu filho nasceu?

MT - Foi logo quando meu filho nasceu.

DN - Você já estava apaixonada ou surgiu aí?

MT - Não, foi depois que meu filho nasceu. Foi depois que meu filho nasceu. Foi justamente de março em diante, a partir de março, justamente para você ver como é que são as coisas, eu reencontro um cara da faculdade, pode uma coisa dessa?

DN - Que antes nunca tinha sequer pensado. (*risos*)

MT - Depois a gente começou a ficar próximo e junto, ele era de História e eu também, eu tinha muita dúvida, então formávamos um grupo muito gostoso. Quando foi um belíssimo dia, eu disse meu Deus do céu, eu descobri, eu disse: “Meu Deus do Céu! Como é que pode acontecer isso assim comigo!” Aí foi uma coisa assim de enlouquecer. Eu tinha 27 anos de idade, dois filhos, gente vocês não podem imaginar o que que é para os padrões de vida da gente, com o que eu fui criada, com o que eu fui educada, de repente descobrir isso. Pra mim não era nada de mais...

DN - E era correspondido, Terezinha?

MT - Absolutamente correspondido. Foi uma paixão completa e nós tínhamos um grupo que ajudava, mas eu era muito tola, eu disse “Olha, eu não tenho coragem de me separar, eu não tenho coragem de assumir...”

Fita 2 – Lado A

MT – Você quer perguntar alguma coisa?

DN – Não, você estava dizendo que... quer dizer, pela educação que você tinha...

MT – É, foi um negócio terrível pra mim. Eu só via uma solu... saída, né? Renúncia, entendeu? Não passava outra coisa na minha cabeça senão renunciar a esse amor e tocar a minha família pra frente, porque foi pra isso que eu fui educada. Mas aí as coisas foram acontecendo, quer dizer, no início meu marido se mostrou um pouco compreensivo, mas depois ele se tornou agressivo, ciumento, aí começou a querer me prender, aí exigiu que eu deixasse o trabalho, ou ele ou o trabalho, entendeu? Aí começou a fazer uma porção de exigências a fazer uma porção de coisa e a nossa vida foi se tornando... insuportável. Aí durante um período eu fui pra Petrópolis outra vez, porque ele... nós tínhamos um apartamento lá, dos pais dele, né? Fomos a Petrópolis, aí meu sogro... meu sogro não queria de jeito nenhum que nos separássemos, o meu sogro era... conversávamos muito e ele achava que eu era assim uma mulher assim e assado, parará, parará. Que realmente o José Eduardo não era... eu precisava de um homem mais forte, mais... mais... mais batalhador, né? O Zé Eduardo era muito acomodado e ficava ainda a minha ânsia de fazer coisas e a acomodação dele, né? Aí... nós fomos pra Petrópolis, ficamos um tempo lá, eu e as crianças e ele aqui no Rio. Primeira separação. Aí volta, continua na mesma. Aí meu sogro sugeriu: “Porque você não vai passar uns tempos com seu pai?” Lá vou eu (*risos*) pro Nordeste com dois filhos (*risos*). Aí conversei com meu pai e meu pai disse: “Olha, você tem todo o meu apoio... se quiser separar. Pra isso que precisa, pra isso que eu quis sempre que você estudasse. Graças a Deus você tá! Se quiser voltar, tá aqui, pode voltar, pode ficar aqui, mas eu sou pela união.”

DN – Quer dizer, nessa decisão que ele deu ou ele ou o trabalho, você largou o último que tinha, o Orsina da Fonseca.

MT – Exatamente. Dei a última chance ao nosso casamento. Nem a mim nem a ele, ao casamento. Acho que foi à instituição, entendeu? Medo! Medo, eu tava com medo, eu tava apavorada, gente! Como é que eu ia viver, sem emprego e com dois filhos, se eu tinha largado tudo da minha vida? E ele me ameaçando que me tiraria tudo, que não me daria nada. “Quer? Pode ir! Deixa as crianças aí. Vai à hora que você quer, eu não te impeço, mas os meus filhos ficam comigo.” Então, com essa historiazinha de “meus filhos ficam comigo” eu permaneci mais alguns anos junto dele. Nessas tentativas de vai pra Petrópolis, vai pro interior...

DN – E por que é que você nessa época, Terezinha, ele conseguiria isso?

MT – Que ele conseguiria o quê?

DN – Quer dizer, que ele tinha essa força de, se você quiser se separar os filhos ficariam com ele, ele não te daria nada.

MT – Sim, ele achava que sim, mas só que eu achava que não, que os filhos... que eu iria lutar pelos meus filhos até a hora... porque ele tinha dinheiro, a força do dinheiro.

DN – Era isso?

MT – Era isso. Meu sogro chegou a me dizer: “Eu tenho dinheiro. Eu posso sumir com as crianças e você nunca mais vê. Quando o juiz me mandar entregar as crianças pra você, eu vou pra Europa, eu vou pros Estados Unidos e depois vou não sei pra onde. Não pense, minha filha, que o dinheiro que eu tenho...” E realmente eles eram muito ricos. Não meu sogro, propriamente, mas a família dele tem uma... não sabe o que tem, entendeu? Ele, em si, não. Ele vive de salário, mas a família dele tem, e numa emergência dessa, a família, você sabe como é que é, né? Então, eu me senti acuada por todos os lados, entendeu? Com dois filhos pequeninhos, com ameaça de um lado, ameaça de outro e eu ia viver de quê? Ou eu fugia pra casa do meu pai, que era uma opção que eu não queria... porque eu digo: “Bom, na primeira vez de repente está muito bom, a primeira coisa que vão passar na minha cara é que você está aqui, tem que fazer desse jeito”. Não, eu só saio (*ruído*) daqui, aí foi quando... eu só saio daqui resolvida para ter a minha vida que eu sempre desejei, conduzi e não consegui. Enquanto (*ruído*) eu não conseguir eu vou ficar aqui. Aí resolvi ficar com ele ali até... eu digo: “Bom, ele inferniza a minha vida e eu infernizo a dele.” Enquanto isso, eu ia fazendo coisas, eu ia juntando dinheiro, apareceu outro concurso, eu estudava de noite... eu ia escondido, porque ele me perseguia, ele controlava tudo...

DN – E essa época, quer dizer, voltando um pouquinho, Terezinha, você disse que, 64, vários amigos presos, quer dizer, você...

MT – Esse mesmo a gente não podia se encontrar, por exemplo, porque tinha problemas, não é? Além do problema nosso, ainda tinha o problema do DOPS...

DN – Mas essa coisa passava pelo casamento de vocês, ou não? O José Eduardo também tinha alguma relação, ou não?

MT – Era completamente alheio!!!!

DN – Isso era, era, era a sua vida, com seu trabalho, com seus amigos, fora do casamento, fora da sua vida daquele dia-a-dia.

MT – Era a minha vida, o meu trabalho, os meus amigos. Era, era completamente alheio à política. Ele abria o jornal, lia as manchetes e lia o... o, o, o noticiário esportivo. Era desse tipo. É um homem desinformado, sabe? É um homem que não era informado e eu era da área de Ciências Sociais, né? Era informada, comprava e lia tudo quanto era livro. Ele ficava com ódio, porque sabe o que é que eu fazia? A gente instituiu uma mesada, eu ia pra área de Civilização Brasileira e comprava tudo quanto é livro. Revolução Francesa, aí o coisa me deu toda uma coleção em francês, que naquela época eu lia francês, eu devorava os livros, quer dizer, aí a minha... aí eu me volvei pros livros. Foi aí que eu me instruí muito, aquele livro de faculdade que a gente lê pela metade, que a gente lê um capítulo porque o professor manda, eu li tudo, entendeu? Eu tinha o tempo todo, eu tinha uma empregada que tomava conta dos meus filhos muito bem, cozinhava que era uma maravilha, eu fazia algumas coisas domésticas, eu sempre gostei

de cozinhar, de fazer essas coisas, mas eu tinha um tempo disponível e eu ficava lendo, estudando, estudando, estudando, estudando muito, me instruindo, li Simone de Bovair, li... enh... um companheiro dele, dela, li...

AP - Sartre?

MT - ...Sartre, li tudo. Aí, comprei, comprei Dostoiévski, comprei todos os grandes... romances da literatura, eu comprei, li e depois entrei na História, depois mergulhei na História, né? Aí comecei com livro de História, no próximo concurso eu entro. Aí justamente em 74 saiu um novo concurso. Eu estava com quase dez anos de separação, não é?

DN – Pra o segundo grau do... Estado.

MT – Do Estado.

DN – Estava com dez anos a separação?

MT – Aí eu entrei... estava com dez anos de briga, de...

DN – De casamento assim?

MT – Esse casamento vai-não-vai estava assim, não é? Aí eu entrei de cabeça, fiz o concurso, passei, quando eu fui nomeada eu entreguei pra ele a carta e disse... e chamei meu sogro e disse: “Agora eu tenho advogado, agora eu vou me separar.” “Vai viver de quê?” Eu digo: “Eu tenho dois salários, eu ganhei um emprego, eu tenho dois salários e a minha família me ajuda. Isso não é problema. Agora não saio...”

DN – Dois salários mínimos?

MT – Não, não, não. Naquela época, o Estado pagava muito bem, depois houve uma questão com o Negrão de Lima, o Negrão de Lima subiu, era por exemplo... era correspondente a 500 e pouco... eu ganhava 580 mil cruzeiros. Eu ganhava quase que o correspondente a 1000 reais hoje, dava para manter uma família. “... eu só não abro mão da pensão das crianças, o resto tudo eu não quero.” Abri mão de tudo.

AP – Mas porque você ganhava dois salários? Você tinha um outro emprego?

MT – Eu tinha um outro emprego...

DN – Fez dois concursos.

MT – Eu fiz um segundo concurso, com o segundo concurso quando eu fui nomeada, eu entreguei pra ele, chamei o meu sogro, que se eu falasse com ele, ele já tinha tido várias tentativas de me agredir, chamei meu sogro fora de casa e disse: “Olha, eu agora tenho um advogado e agora eu vou realmente me separar. Das duas uma, viver do jeito que eu estou, eu não quero mais viver.” Então... eu estava decidida mesmo, eu quero me separar.

AP – E nessa altura até a sua relação com o seu sogro já devia estar estremecida.

MT – Não.

AP – Mas ele não te ameaçou?

MT – Me ameaçou, mas depois voltou atrás. Achou que tinha uma dívida comigo, que eu e a uma mulher fantástica, que eu era isso, que eu era aquilo e que realmente eu não merecia o filho deles sabe? De vez em quando dava umas coisas nele e depois ele se tornou amigo. Isso foi logo no início, logo no início. Mas à medida que o tempo foi passando, que ele viu a minha coragem, a minha luta, entendeu? Eu batalhando, trabalhando, porque eu saí daquele emprego (*tosse*), mas o Negrão de Lima...

DN – Você saiu do Orsina?

MT – Do Orsina.

DN – Mas continuou com a matrícula no Estado, é isso?

MT – Não, não continuei não. Eu saí do Orsina, eu tinha esquecido, mas o Negrão de Lima, pra favorecer, resolveu... eu abandonei, eu não saí, eu abandonei o emprego, resolveu chamar, por carência, porque estava precisando, estão sempre precisando de professor, todas as professoras que não tinham assinado o contrato e que tinham feito o concurso, aí eu voltei. Aí eu voltei para o Orsina. Não voltei pro Orsina, eu voltei pra outra escola, Santa Catarina, lá em Santa Teresa, fiquei dando aula lá e um pouco tempo depois, eu não me lembro em que ano exatamente, 68, foi 68, aí depois saiu o concurso e eu fiz o concurso... em 74, foi quando eu entrei pro Estado. Eu entrei pro Estado em maio e em setembro eu me separei.

AP – Então, você ficou a partir daí com duas matrículas no Estado?

MT – Com duas matrículas no Estado, que é o que me sustenta até hoje, que é o que me sustenta até hoje. Nesse meio tempo, eu tentei várias coisas, fiz outras coisas, ganhei dinheiro com outras coisas, aí tive que... até... eu sempre tive outra atividade. Tive uma escolinha, abri uma escolinha de jardim de infância... tive muita coisa minha... agora mesmo, não dá, né? Nesse meio tempo, quando eu... ah, isso foi depois da separação, aí é outra história. Aí a minha vida é assim, Terezinha até 74 quando ela se separa...

DN – Terezinha após 74.

MT – ... agora vem Terezinha após 74 (*risos*).

DN – Brasil antes e Brasil pós 74 (*risos*). Ô Terezinha, nesses dez anos, quer dizer, você falou que foi em 64, que a crise deu-se mais radical no casamento e você separou efetivamente em 74?

MT – Deu. É, na realidade havia uma separação de corpos, né? A gente não transava.

DN – Parou definitivamente em 74?

MT – É.

DN – Nesses dez anos, você fez foi dar aula... voltou a dar aula já em 68 quase, no...

MT – Foi, 68. No, no, no... justamente na, na, no José Veríssimo, um colégio que tem lá em cima no Rocha, que fui chamada... justamente porque? Por causa desse benefício... que ch...

DN - Do Negrão de Lima.

MT - do Negrão de Lima, que chamou todo mundo. Aí eu fui realmente efetivada, tenho meus documentos aí comprovando tudo...

DN – E depois você transferiu pra Santa Teresa?

AP – Santa Teresa foi um outro concurso, não é isso?

MT – Foi, foi um outro concurso.

DN – Foi um outro concurso. Então, quer dizer que você dava aula e estudava?

MT – E estudava.

DN – Fundamentalmente era isso que você fazia.

MT – Era, costurava, costurava... aí eu comecei a fazer uma porção de coisas, costurava pra fora, entendeu? Porque o dinheiro que ele me dava era pouco, tinha dia que ele não queria me dar, aí eu fazia bijuteria e as minhas amigas vendiam, entendeu? Nunca fiquei parada, eu fazia outras coisas que eu sou muito habilidosa.

DN – Era isso que eu ia perguntar, quando você falou das amigas. Quer dizer, os amigos que você manteve nessa época foram os da escola em que você estava dando aula ou os outros todos que você tinha feito ao longo do caminho?

MT – Não. Foram os que estavam lá na escola e que eu fiz ao longo do caminho também. Alguns poucos desses amigos que me ajudavam, entendeu? Que levavam coisas para a escola para vender, o pessoal do SENAC que me arranjavam, por exemplo, curso de inglês, entendeu? Pra fazer, sabia quando tinha alguma coisa assim extra eles telefonavam pra mim e me avisavam.

DN – Você fazia o curso de inglês grátis, o SENAC pagando.

MT – Algumas coisas assim. Eu felizmente eu deixei amizade em todos os lugares, pessoas até que eu não vejo mais, mas que se eu encontrar tenho certeza que vai ser assim a maior, maior alegria. Aí daí é que começou a minha luta, até que, quando eu tomei a decisão... eu disse: “Eu não quero mais viver isso.” Falei com meu sogro... conversei com o advogado, me preparei tudo... aí quando eu comuniquei ao meu sogro, eu saí de casa e falei pra ele que queria muito conversar com ele, mas que eu não queria nem que fosse em casa... nem que fosse na minha, nem na dele. Aí eu fui no hospital, ele ainda trabalhava nessa época aqui na Rua Miguel de Frias, era a antiga... ele era diretor lá do hospital.

AP – Aquele de ortopedia, Barata Ribeiro?

MT – Não, não, não. Era, era, era da SANTA CASA DE MISERICÓRDIA. Era uma maternidade escola que tinha ali que meu sogro lutou e destruíram ali no Estácio pra fazer o TELEPORTO. Destruíram todos os prédios, só ficou um prédio...

DN – SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

MT – SÃO FRANCISCO DE ASSIS. Só ficou aquele prédio ali que era... Lá numa salinha eu conversei com ele: “Olha, o senhor pode me dizer o que quiser mas eu não aguento mais, não quero viver assim. Eu não estou vivendo, estou morrendo aos poucos. Não dá mais pra aguentar.” Aí ele disse... segurou na minha mão e disse: “Olha, se eu tivesse uma filha gostaria que fosse como você, eu vou te ajudar. Eu sempre fui contra, já te ameacei, já fiz isso, já fiz aquilo. Tenho uma dívida com você, vou te ajudar.” Aí falou com o Luiz Eduardo, ele fez o maior escândalo, isso foi uma quinta-feira, segunda-feira eu estava separada. Que aí ele veio para mim e fez a seguinte proposta, você fica com a Kátia e ele fica com o Júnior. Eu disse: “Não. Os dois irmãos não podem ficar separados ou eles ficam com você ou eles ficam comigo e eu não abro mão dos meus filhos, porque eu não tenho confiança na tua capacidade de educar as crianças. Se tiver que brigar no juiz, eu estou disposta, aí eu tenho elementos, inclusive pro litigioso e você sabe disso.” Aí eles conversaram lá, pai e filho e concordaram. Aí segunda-feira fomos lá, assinamos amigavelmente, eu já tirei toda... porque eu já estava, já tinha entrado com queixa, com tudo e o juiz já tinha dado autorização de 45% de salário dele, de pensão, entendeu? Mas ele recebeu...

AP – Nessa altura os seus filhos já eram adolescentes né?

MT – Minha filha tinha 10 anos, espera aí, 60... 14 anos, 13 anos, minha filha tinha 13 anos e meu filho tinha 10. Aí foi todo um trabalho que a minha filha... já vinha fazendo a cabeça da minha filha há muito tempo. Mas meu filho foi muito difícil, até hoje. Até hoje, com 33 anos, ele ainda me enche o saco! Foi muito difícil, muito, muito, muito.

DN – Ele era agarrado com o pai?

MT – Não era agarrado com o pai não, mas ele tinha a coisa da família, entendeu? Não era assim muito agarrado com o pai, pelo contrário, era até muito agarrado comigo. Então, ficou essa parte aí... e aí foi... aí comecei a minha luta.

DN – Agora, Terezinha, vocês ficaram um tempão, como você falou, separados, já havia separação de corpos, foi até o termo, esse termo mesmo. E aí o seu marido tinha outras mulheres...

MT – Se ele tinha... eu não sabia e nem queria saber. Acho... que ele tinha, e ele tinha...

DN – Nem ele deixava... nem usava isso como pressão, nada disso...

MT – Não, ele tinha... nós tivemos um período que ainda a gente chegou até um período que ele melhorou um pouco, que a gente chegou até a dar umas transadinhas, mas foi muito pouco tempo. Não voltamos a ter uma vida sexual normal, tivemos

exporadicamente, mas assim que não dá pra satisfazer nenhum e nem outro. Eu acredito que ele tivesse a sua vida, ele tinha uma queda por jovens. Uma vez eu até cheguei a dizer: “Ó! Tudo bem, você faz o que você quiser, mas na minha presença não!! Eu ainda estou aqui, ainda sou, como se diz, mãe dos seus filhos. Eu não admito não porque eu ainda te respeito, se você quiser fazer as suas coisas, lá em Cabo Frio.” Mas ele sempre foi discreto, saía, voltava de noite a hora que ele queria, eu também não perguntava nada, só que eu não podia sair, né? ... Porque ele me controlava, ele me controlava e eu sabia que tinha o porteiro, que ele dava dinheiro pro porteiro pra saber a hora que eu chegava, a hora que eu saía. Depois eu impensei a menina, ele perguntava a menina pra onde é que eu ia, eu não tinha telefone nessa época, os telefones todos eram... eu recebia na casa da minha sogra, aí a minha sogra fazia um relatório. Quer dizer, foi realmente sabe? Foi um pesadelo. Hoje eu não sei como é que eu aguentei, como é que eu... eu digo assim, eu acho que eu sou uma pessoa mentalmente saudável, até onde se pode ser... mentalmente saudável, entendeu? Eu acho que eu sou uma pessoa saudável mentalmente apesar de tudo isso, porque foi muito complicado, muito difícil. Aí, estou separada e aí, aonde morar? Porque o apartamento ainda estava no nome do meu sogro.

DN – Seu sogro nessa negociação não ofereceu...

MT – Prometeu... que me daria um apartamento pra eu morar. Que eu no momento procurasse um lugar pra alugar, que com o tempo ele passaria aquele apartamento pra mim em usufruto... até que ele morreu e não passou. E eu fiquei sem ter onde morar. Não consegui comprar apartamento nesse tempo todo porque eu sempre ficava na expectativa, né? E eu valorizava outras coisas. Aí foi quando começou a segunda etapa mesmo da minha vida, que foi aí que eu... primeira coisa, procurar casa, aonde morar.

DN – É mas teve uma coisa antes disso Terezinha, você falou que você e seu sogro ficaram muito amigos, cúmplices mesmo depois da morte do seu pai. Quer dizer, então nesse, nesse tempo...

MT – É. Que quando meu pai morreu a gente já estava... já tava brigado.

DN – Seu pai morreu também.

MT – Foi, meu pai morreu.

DN – Antes de você se separar.

MT – Antes de eu me separar. Antes de eu me separar meu pai morreu. Ele já sabia que a gente já estava... a minha ida lá no Nordeste tudo, ele ficou sabendo.

DN – Você foi com as crianças lá.

MT – É, exatamente, ele ficou sabendo. Aí começou a minha luta de onde eu morar, comecei a procurar apartamento. Aí o primeiro apartamento que eu consegui foi recusado. Por que?

AP – Porque era uma mulher.

MT – Desquitada. Foi muito duro. O meu advogado queria protestar, queria brigar,

queria...

DN – Mas isso já era década de 70, né?

MT – 74. Mas a discriminação era muito bárbara (*sussurrando*) naquela época ainda. Só melhorou depois do divórcio do Nelson Carneiro. Só em 80 que as coisas melhoraram, com relação a, a esse preconceito com relação a separação. Você contava nas famílias, eu fui a primeira na família, do meu lado... não, fui a segunda porque tinha um tio da família dele e de um modo geral da minha família em separar. Não se falava em separação, desquite, mulher desquitada era discriminada, era vagabunda, era vadia! Era sério mesmo. Aí eu não fui aceita e veio o motivo. Aí o meu advogado falou: “Fica tranquila que eu vou...” Era um apartamentozinho ótimo, eu disse: “Eu não quero não. Eu não vou me sentir bem, eu vou ter problema com o... senhorio. Não vai ser legal pra mim, deixa que eu me viro. Eu já vi outros bons.” Chega no dia seguinte na escola... aí a escola me deu um tempo... me deu 15 dias, que emocionalmente eu não tava muito bem, então me deu 15 dias. O meu diretor que me conhecia... aí eu fui falar pra ele que eu ia tirar uma licença, ele disse: “Não tira licença não, Terezinha. Fica 15 dias por minha conta que deixa você assinar o ponto. Você é uma pessoa muito correta, você merece que a gente faça isso por você.” Na época que os diretores tinham autoridade, hoje eles não tem autoridade pra nada. Aí eu liguei pra uma amiga minha pra saber, você mora aí pela Tijuca, você sabe... ela disse: “Olha tem um amigo meu que tem um apartamento ótimo que está mudando pra Brasília, que ele vai ser transferido, coronel, não sei o que mais lá, eu vou ligar pra casa dele.” Daí a pouco ela me liga: “Olha, ele disse que se você quiser... que você pode ver o apartamento e que ele já telefonou pro encarregado pedindo a transferência pra você.” Eu fui e me apaixonei pelo apartamento. Um apartamento de três quartos... Olha, que maravilha! Com um aluguel que eu podia pagar, uma rua tranquila, uma varanda. Uma delícia de apartamento! Ah, foi aquela correria aí eu não tinha carro, aí pega taxi, eu fui lá não sei mais aonde, pro homem, pra assinar, pra não perder, porque o cara ia viajar no dia seguinte ele se mudava. Então, era ele mudando e eu assinando papéis, aí nem pinte o apartamento, e o outro me pressionando “Quando é que você vai embora?” Aí chegou o dia da mudança, aí chegou o dia da mudança, contratei a mudança, ele pediu então que eu deixasse o Júnior fica com ele para não sair assim. A Kátia não, a Kátia tinha 10 anos, não 12, 13, já me dava apoio, já ajudava, mão, foi comigo, já ajudou a fazer a mudança, a minha tia que morava em Ramos também veio, que eu passei uns tempos na casa dela também, veio me ajudar e ficou assim, tudo vazio, porque ele não me deixou trazer nada, né? Eu trouxe a cama do Júnior, eu trouxe a cama da Kátia que era uma bi-cama (*tosse*), a mesa ele não me deixou trazer. Aí meu sogro disse: “Leva a mesa que eu dou outra de presente pra ele.” Eu trouxe uma mesa redonda com seis cadeiras, eu trouxe uma bi-cama e o resto que era meu, meus livros e minhas plantas e meus filhos. Ele não me deixou trazer o sofá, não me deixou trazer o faqueiro de prata, não me deixou trazer... foram cenas assim terríveis. Quando eu peguei as facas pra arrumar ele arrancou de mim, me deu um safanão, entendeu? Ele enlouqueceu, ele enlouqueceu mesmo. Aí eu fiz normalmente a mudança, papai tinha morrido a pouco tempo, eu tinha um reserva de um dinheiro lá, aí eu fui aos pouquinhos mobiliei o quarto dos meninos, tudo novo, mobiliei tudinho, o quarto do Júnior e o quarto da Kátia. Continuei dormindo no colchão, não é aquela mãe boazinha que faz tudo pros filhos. Não, eu fiz opção com o quarto deles já que eles tinham possibilidades de dormir em quartos separados que ele não sentissem tanta falta, já estava sentindo falta, tanta carência, tanta coisa, arrumei o quarto deles direitinho, depois consegui arrumar a sala e por último arrumei meu quarto.

Aí foi, era uma doidera. Ele telefonava, telefonava fora de hora, o telefone tocava... aí eu comprei um telefone, quer dizer, olha só, eu comprei um telefone mobilhado (?), não podia viver sem telefone. Aí comprei um telefone.

DN – Logo que você alugou você comprou um telefone.

MT – Olha, mas dá tanto azar que eu fui comprar telefone de um cara que era amigo dele no, no, no (*ruído*) IPASE, pode a coincidência? Você sabe que ele tentou junto com o cara barrar, Aí a mulher dele ligou, disse: “Terezinha você tá com um telefone comprando pra mim...” - que eu, eu, eu... coisei com a mulher, tratei tudo com a mulher - “Estou sim, houve algum problema? Eu estou com o dinheiro aqui. A gente não ficou de passar o telefone amanhã? Ela disse: “Não, minha filha. Vai continuar tudo na mesma. Só que tem uma coisa, eu quero te prevenir contra o seu ex-marido. Por acaso, eu sou fulana de tal, esposa de Alberto e o seu marido está nos pressionando pra não vendermos o telefone para você ou então pra vendermos... por um preço mais alto e eu não vou fazer isso. Você terá o seu telefone e amanhã eu estou esperando por você a tal hora em tal lugar... não quero que ele saiba, eu acho que você tem sido... eu tenho tratado com você, eu tenho falado com o Alberto, você é uma mulher muito digna e eu estou fazendo um negócio com você, não tem que interferir em nada.” Ela foi muito legal, muito correta. Você vê, até nisso ele era, vingativo né? Eu comprei o telefone, mobiliei a minha casa e toquei a minha vida para frente.

Mas ele não se conformava, porque ele achava que eu tinha deixado ele para viver com o outro. E o outro nós nunca perdemos o contato, nós sempre arranjávamos um jeito de nos vermos, de... alguém... mandar uma carta, dá uma notícia, mas a gente chegou a conclusão que não era mesmo pra ser, ele encontrou outra pessoa nesse meio tempo... já estava quase que namorando essa pessoa e eu ainda estava casada, ele se separou, conheceu outra pessoa e a vida foi... foi andando. As coisas foram andando e eu fui tocando a minha vida, e nesse tempo eu conheci uma outra pessoa de quem eu gostei, foi muito difícil porque ele telefonava, o meu ex-marido telefonava fora de hora, eu tenho certeza que algumas pessoas viram o carro dele na esquina da minha casa, me vigiando, eu recebia cartas anônimas sobre a minha conduta, que eu não esquecesse que eu tinha filhos a zelar, parari, parará, parará, senão eu perdia a... como é que se diz?

AP - Guarda.

MT - A guarda dos filhos, aquele negócio todo e eu fui tocando a minha vida para frente, consegui ganhar, arranjei um outro emprego num outro colégio. Aí eu não pensei mais, que eu achei que eu já estava defasada pra voltar para a faculdade. Os tempos tinham mudado, revolução, aquele negócio todo, eu ainda peguei uma rebarba da revolução no Colégio Souza Aguiar, ainda fui obrigada a fazer discurso lá no dia 31 de maio, de março e eu não queria e a mulher disse: “Ou você faz o discurso ou você vai ser mandada embora.” Eu fiquei com medo que eu já estava separada nessa época...

DN – Seria um discurso a favor da revolução?

MT – Da revolução. Eu não fiz um discurso a favor da revolução não, eu fui bastante inteligente. Eu enalteci o Brasil e falei, falei um porção de coisa e naquela data, a gente esperava que realmente a gente tivesse um lugar que pudesse nos colocar ao lado das grandes nações do mundo, eu só sei que eu recebi foi parabéns. (*risos*)

DN - De todos os lados. (*risos*)

AP – Mas por que você?

MT – Porque eu era professora de História.

Fita 2 – Lado B

MT – Então depois eu fiz o discurso... eu não sei, talvez você não lembre, você lembra da onda da Educação Moral e Cívica que houve, você é professora de História também, ou você é pesquisadora?

DN – Não, eu sou médica.

MT – Hein? Você é médica? Ah tá! Eu pensei que... Então houve aquela onda de 70, justamente depois de 70 houve uma onda de civismo. Então um coronel aí instituiu a Educação Moral e Cívica e sobrou pra mim dar Educação Moral e Cívica, OSPB e História. Então eu fazia muito debate, muita discussão com os meus alunos e me dei muito bem com isso, os meninos me elogiavam muito, gostavam muito: “Ah, porque, aula de Educação Moral e cívica, tem que aprender...” E a gente fazia debates, eles escolhiam os temas e nós fazíamos debate, fiz um trabalho muito bonito, nesse colégio, aí eu consegui a transferência pro colégio que eu queria, que era o Luther King. Aí botei meus filhos estudando no Luther King...

DN – O Luther King é na Tijuca?

MT – É na Praça da Bandeira, aquele colégio de quando a gente sobe, não é?

AP - Subindo o viaduto, não é?

MT - É. Meus filhos já estavam lá, isso foi antes da separação e comecei a tocar a minha vida, conheci uma pessoa de quem eu gostei e passei a ter um relacionamento, mas assim, eu na minha, ele na dele, está entendendo? Foi aí que comecei realmente a ter uma vida, foi aí que eu comecei a viver. Aí eu resolvi voltar para a faculdade, resolvi estudar mais. Aí resolvi fazer Pedagogia, aí como complementação eu fiz pedagogia...

DN – Isso você tinha que idade, Terezinha?

MT – Eu tinha... eu me separei...

DN – Com 27 seus filhos já tinham nascido...

MT – Não, eu me separei com quarenta... espera aí... 74, eu nasci em 35...

AP – 39.

MT – 39 anos. Tinha 39 anos quando eu me separei. Então, dois anos depois eu terminei fazendo outra faculdade, aí escolhi Orientação Educacional, aí encontrei duas pessoas, uma pessoa fantástica na faculdade, nos associamos e abrimos uma escolinha de

maternal, jardim de infância. Aí, nisso decorreu a minha vida. Aí eu optei pelo seguinte, eu achei que as coisas tinham mudado muito e eu estava defasada do ponto de vista... universitário, que não dava mais para eu tentar uma faculdade, as coisas já tinham mudado, já estava tudo diferente, eu tinha seguido um outro caminho então, que era melhor eu tentar, não era ganhar dinheiro, me sustentar, né? Que eu fiquei só com a pensão das crianças que era 5 salários mínimos da época. E sem mais nada, abri mão, eu assinei o meu desquite, está aí se você quiser ver, abrindo mão de tudo. O meu sogro me enrolou, me enrolou, me enrolou e não me deu o apartamento, nisso rolaram muitas coisas e brigas, minha filha disse: “Eu quero que você me leve para o advogado que eu não quero mais ver meu pai.” O Júnior ia chorando, até que as coisas foram se acomodando e os meninos... apesar que tinha uma cláusula que dizia que seria respeitada a vontade das crianças, que elas ficariam com quem elas quisesse. Mas ele obrigava a tudo, na sexta-feira, os meninos irem pra casa dele. A Katia como era a mais velha, e depois a Katia tinha mais jogo de cintura e sempre independente também, mas o Júnior não, o Júnior demorou muito, o Júnior custou muito, muito, muito a se desvencilhar disso. Que hoje ele é um rapaz triste, não é uma pessoa atirada, é uma pessoa acomodada, sabe? Um amor de pessoa, todo mundo adora, todo mundo fica apaixonado e a minha filha seguiu o meu caminho é professora, casou, tem dois filhos, dando aula e eu estou aí.

DN – E o... o jardim que você abriu, maternal...

MT – Eu abri um jardim, maternal jardim lá em São Cristóvão...

DN – E aí durou muito tempo?

MT – Durou, eu saí pela seguinte razão, éramos três sócias. Mas pedagogicamente... nós nos dávamos muito bem, mas pedagogicamente eu discordava da linha delas. Então eu resolvi pedir a minha parte e saí, ficaram só elas duas. Aí (*risos*) eu peguei o dinheiro e fui pra Europa no lugar de eu comprar um apartamento.

DN – Quem, você?

MT – Eu (*risos*). Meu sogro: “Tá vendo?! Não é possível, eu não posso entender, você pega um dinheirinho em vez de montar...” Eu disse: “Ué? Você não me disse que ia me dar um apartamento? Eu tenho esse aqui, eu tenho direito a esse aqui.” Se eu quisesse eu teria entrado na justiça e teria ganho o apartamento, até hoje. Mas eu não quis não. Eu sempre fui uma pessoa assim muito leal, muito honesta, muito correta e eu acho que até demais, sabe? Eu herdei isso do meu pai, essa coisa de ser correta, de ser honesta, de ter que fazer as coisas tudo muito certinho, está entendendo? Então meu advogado disse se tu quiseses eu entro... até recentemente mesmo, eu entro com... porque o apartamento não estava nome dele, tava no nome do meu sogro...

DN – Aí quando seu sogro morreu seria dividido.

MT – Seria, mas só que houve tanta briga antes do meu sogro morrer, eles brigaram, ele tentou matar o meu sogro, ele agrediu o meu sogro e foi um horror! Aí depois ele tentou interditar o meu sogro, felizmente o meu sogro não perdeu a cabeça e colocou algumas coisas no nome da minha filha, algumas coisas no nome do meu filho...

DN – Ele é filho único, não é? Seu marido?

MT – E o meu sogro também, e ele disse: “Minha filha, eu gostaria de reparar os erros que eu cometi mas ele já estava...” Quando ele resolveu isso ele já estava esclerosado. Aí então Luiz Eduardo ia lá: “Não. Porque blá, blá, blá!” Ele já estava a ponto de procurar um advogado pra deixar o apartamento para mim, em uso fruto em nome das crianças, quando o Luiz Eduardo brigou e ficou de mal com ele. Aí ele ficou assim, sabe como é que é filho e não sei o que mais lá, e parari parará... isso encurtando, se não eu ficaria aqui duas semanas contando pra vocês nas entrelinhas, né? Aí eu fui reconstruir a minha vida, aí eu viajei, comprei o meu carrinho, trabalhei mas também eu trabalhava das 5, acordava às 5 horas da manhã e chegava às 11 horas da noite em casa. Meus filhos... batalhei muito porque eu tive que botar o Júnior no psicólogo, tive que botar Júnior no acompanhamento... eu tinha muita despesa com ele e o dinheiro que ele me dava não era suficiente.

DN – Ele não dava absolutamente nada por fora.

MT – Ele dava só a pensão alimentícia. E dava presentes pras crianças. Quando a minha filha completou 18 anos ele ofereceu um carro, desde que ela fosse morar com ele, aí ela disse: “Então você fica com o seu carro.” Ela não quis. Quer dizer, ele tentou comprar. Era, por exemplo, eu comprei um skate vagabundinho, naquela época do skate, começou o skate eu morava num lugar que era um largo e que as crianças todas ficavam brincando de skate e o meu filho não... ..ficava em casa, muito tempo em casa, eu comprei o skate e chamei o vizinho, aquela coisa de mãe. Ele foi e comprou o mais caro que tinha, mandou vir de Belém um importado, não sei o que mais lá, entendeu? Os meninos nunca, Graças a Deus, os meninos nunca ligaram. Ué? Eu gosto de dinheiro muito, mas gosto de dinheiro enquanto ele pode me proporcionar coisas. E eu tinha, um exemplo vivo que era o meu sogro, que tinha tanto dinheiro e nunca aproveitou, terminou que a amante dele roubou o dinheiro dele todinho da poupança, que tinham conta conjunta e ele não aproveitou, quando ele quis passear, ir a Europa ele já estava esclerosado a saúde já não dava mais.

Então eu tinha outro pensamento. Eu acho que é uma coisa, depois a gente vai conversar sobre isso, eu quero viver agora, eu não quero saber do amanhã e foi assim que eu vivi. E eu acho que foi isso que me se-gu-rou e me sustentou, não é? Porque quando eu... passando esse tempo todo, eu vivi, eu passei, eu frequentei a noite, eu conheci, eu amei muito, eu tive vários amigos, vários amigos mesmo, tive vários companheiros, as pessoas, assim, que eu não era pra ficar, que eu amei, amei durante aquele tempo, enquanto durou foi muito bom, está entendendo? Tive propostas de casamento, mas justamente aquele que eu queria ficar com ele, ele queria casar comigo e eu não queria casar mais outra vez. Eu achava muito recente, com 3 anos, 2 anos de separada, eu casar. São todos muitos amigos, viajava, continuei com as minhas raízes nordestinas. Todo ano que eu podia, depois que eu me separei, final de ano, 24 de dezembro, estamos nós lá, eu, Kátia e Júnior.

DN – Na verdade Terezinha, você fez todo um trabalho de resgatar a tua identidade, né? Pós separação.

MT – Exatamente, porque eu era... as pessoas me conheciam, a Teresa é aquela pessoa alegre, então as pessoas só me viam com a minha alegria, onde eu chegava era festa e tudo mais. Então, quando chegou o ponto de que eu descobri que eu tava com HIV

então foi assim uma coisa, um baque completo para todo mundo, inclusive pra mim. Ele me pegou, digamos assim, eu tinha 58 anos de idade, só que pra minha cabeça eu estava com 40, sabe? Eu tava em plena efervescência de vida, com mil planos. Que depois que eu deixei a escola e que eu me fiz... recomencei a terapia depois que eu me separei? Não, eu antes de me separar eu já estava fazendo terapia, inclusive, nós fizemos algum tempo terapia de casal, ele conseguiu ir duas vezes, não foi mais. Eu retornei a terapia e essa terapia me ajudou muito, me ajudou muito a crescer, tá entendendo? A me dar confiança...

DN – E essa terapia de casal era mesmo com o objetivo de manutenção do casamento?

MT – Era, pra mim era de convencê-lo de que não dava mais pra gente viver, mas o psicólogo era manutenção do casamento. Mas ele só foi duas vezes, não quis mais ir, então agora também não tem mais jeito. Então, depois que eu me separei aí eu parei a terapia por questões econômicas, por questões de tempo, porque eu tinha que dar assistências às crianças, nunca que dava tempo para de ligar para ela e dizer, olha eu quero um horário, anos depois que retornei a terapia, aí quando eu senti necessidade, quando as coisas começaram a acontecer eu senti necessidade de refletir sobre essa minha nova fase da vida.

DN – Terezinha deixa eu falar, eu sugiro a gente interromper agora e retomar um outro dia.

MT – Tá legal, tá bom.

Data: 28/04/1998

Fita 3 – Lado A

DN - Vamos iniciar a segunda etapa da entrevista com Maria Terezinha Vilela Duarte, para o projeto A Fala dos Comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil. Hoje são 28 de abril de 1998, estamos no Rio de Janeiro e os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu.

Terezinha, na primeira etapa da entrevista, a gente já tinha falado, quer dizer, você já tinha contado pra gente, né? Quer dizer, sobre a sua separação, várias, vários desdobramentos disso aí, como é que você encaminhou a sua vida após a sua separação, mas a gente gostaria que você falasse um pouco mais, em suma, da sua relação com seus filhos, a medida que eles foram crescendo...

MT – É, olha, no começo a coisa foi muito, foi muito complicado, porque o meu ex-marido, ele não... ..queria a separação, ele terminou... eu comecei com um processo, eu não sei se eu cheguei a falar isso, que eu comecei com processo litigioso. Diante do processo litigioso aí, quando ele viu que realmente eu estava decidida, aí ele concordou com a separação. Tentou ficar com um filho e eu com outro, eu falei que não, finalmente eu consegui ficar com os dois. Mas ele... tinha uma atitude assim, de ficar me esperando na esquina, de... eu recebia telefonemas anônimos, recebia cartas anônimas; ele pegava... ficou combinado que ele pegaria as crianças toda sexta-feira, ficaria sexta e sábado, devolveria no domingo e tinha uma cláusula que dizia, ‘a critério das crianças’, seguindo sempre a vontade das crianças. Quer dizer, se num fim de semana, as crianças não quisessem ir com ele, eles ficariam ou comigo, ficariam com quem eles quisessem e ele nunca atendeu pra isso. Ele... chateava as crianças, ele... ou então agredia mesmo: “Se você vier, eu vou fazer isso, eu vou fazer aquilo! Vou tomar vocês de sua mãe...”

DN – Ameaçava.

MT – Ameaçava, exatamente a palavra era essa, ameaçava. Como a minha filha já é um pouquinho maior, ela reagia a isso, ela dialogava com ele. E o meu filho não, meu filho viveu durante dois anos regime mesmo de, de ansiedade. Ele ficou mal nos estudos, eu tive que procurar psicóloga, eu tive que procurar... quer dizer, o dinheiro que já era curto, porque eu só tinha a pensão deles, eu abri mão de tudo, eu não sei se eu já falei isso, né?

DN – Falou.

MT – Então, eu trabalhava muito e eu precisei... botar ele numa pessoa... um professor de matemática e um professor... um psicólogo... professor de matemática... e psicólogo, quer dizer, dois pesos a mais.

DN – Nessas época ele tinha mais ou menos que idade?

MT - Ele tinha 10 anos, de nove pra 10 anos, por aí assim, né? Aí, eu tirei do colégio, que ele tava no Instituto de Educação, eu botei num colégio particular... E no Instituto, a orientadora educacional de lá, eu fui conversar com ela, ela me ajudou muito e então sempre foi esse processo. Então, ele... o meu filho sempre foi assim muito problemático,

ele não... Eu comprei algumas coisas porque era... eu consegui comprar um apartamento, que eram... as crianças brincavam muito na rua, era um largozinho, que tem aqui perto da rua Uruguai, então, os prédios todos, as crianças desciam, os adolescentes e as crianças e ficavam ali batendo papo. Eu achei que seria ótimo, ele não conseguia descer. Eu comprei jogo de botão, era época do *skate*, eu comprei *skate*, aí tinha uns meninos... que a minha filha se entrosou assim no ato, ela parece que... chegou num dia, no outro dia ela já conhecia todo mundo. E aí, aos pouquinhos foi, ia chamando... mas ele não dava pra acompanhar, porque além dele ser pequenininho, né? Ele não gostava, era muito fechado. Então isso foi uma luta muito grande, até que depois a minha filha teve um desentendimento com o pai e disse... que só ia... pra casa dele quando ela quisesse. Aí, ele ameaçou com o juiz. Ele disse: “Pois então, pode (*ruído*) ir pro juiz, que eu quero dizer pra ele que eu quero ficar com a minha mãe”. Aí ficou três meses (*ruído*) sem ver o pai. E o meu filho não ia, não deixava de ir (*ruído*). Ele dizia assim “Mãe, será que o papai vai zangar se eu ficar aqui?” Às vezes, quando acontecia de ter uma... festa, uma coisa, eu telefonava para Luiz Eduardo... Hoje nós somos quase que amigos, né? Mas naquela época, a gente, no telefone, era “Alô”, daqui a dois minutos, a gente tava brigando. Era uma coisa assim, impressionante.

Quando, uma vez que o Júnior adoeceu a noite, altas madrugadas, eu aí realmente, eu telefonei pra ele e comecei assim: “Ó, eu tô telefonando porque o Júnior está doente e tá tarde da noite, você é médico, o que é que eu dou pra ele? Eu já dei duas doses de Novalgina, eu posso dar mais uma dose de Novalgina... o dente está doendo, ele está gritando aqui de louco aqui de dente...” “Ah então dá, faz isso, faz aquilo, amanhã eu levo ele pro dentista.” Pronto. Tudo bem. Mas foi muito difícil, sabe? Foi uma luta muito grande, não estou querendo me supervalorizar nem nada disso, mas foi muito ruim porque eu tinha uma perseguição... era ameaça (*ruído*), ele dizia, por exemplo, a medida que os meninos foram crescendo, depois isso foi passando. Depois de um certo tempo, ele terminou telefonando pra minha filha, eu fui fazendo também a cabeça dela, que afinal de contas, bem ou mal, era o pai dela, e que não queria isso, e que... ..ela um dia ia reconhecer, ia terminar conquistando um canto, se ela soubesse conversar direito com ele, e fui fazendo um trabalhinho com ela... com ele pra perder o medo do pai e com ela pra...

DN - Se aproximar?

MT - ...se aproximar mais dele. E com o tempo as coisas foram acontecendo. Aí quando foi uma vez o Júnior experimentou dizer pro pai que não queria... aí a Katia já tava indo com o pai, a Katia ficou, aí ele resolveu ficar e não aconteceu nada. E como ele viu que a Katia passou três meses sem ver o pai e não aconteceu nada, aí ele começou a ver... e eu dizia isso pra ele, né? Aí eu me lembro que uma vez eu cheguei no quarto, ele tava assim estourando, quebrando a cabeça, quebrando, só faltava bater com a cabeça na parede, mas batia, sabe? Teve uma crise mesmo. Aí eu deixei ele esmurrar...

DN – Isso teu filho?

MT – Meu filho. Aí deixei esmurrar, esmurrar, esmurrar, esmurrar, chorar. Depois que ele esmurrou, chorou, eu botei ele no colo e disse: “Agora chora, chora, chora, chora tudo que você tem que chorar e depois você pergunta tudo que você quer pra mamãe.” Isso eu não esqueço porque foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida com ele. Aí depois ele me perguntou porque eu só queria ter uma família. Aí eu contei, falei pra ele: “Olha, você é muito pequeno pra entender. Um dia você vai crescer, um

dia você vai namorar, aí um dia você vai brigar com a sua namorada... quando a mamãe casou, a mamãe se casou pra vida inteira, a mamãe nunca pensava em se separar do pai. Só que a sua cabecinha não vai entender isso agora. Um dia, depois de grande a gente conversa sobre isso. Mas tanto a sua mãe quanto o seu pai lhe querem muito bem, e você tem o direito de escolher e fazer o que você quer. Você não precisa ser obrigado a ir pra casa do seu pai e você não é obrigado a ficar com a sua mãe. Você fica com quem você quiser. Fica com a mamãe por que? Porque a mamãe tem mais... tempo, é normal, mamãe sabe cozinhar, mamãe sabe fazer isso, sabe fazer aquilo, não é? E seu pai não sabe fazer nada disso. Então é por isso que a maioria das mães ficam com os filhos, por causa disso.” Aí fui conversando com ele e com o tempo ele foi melhorando um pouquinho, mas até hoje ele realmente é uma pessoa muito fechada, muito fechada mesmo, teve problemas... Aí depois de um certo tempo que nós morávamos nesse apartamento, que eu consegui por intermédio de um... outro que eu tinha sido rejeitada, lembra? Que eu não fui aceita porque eu era desquitada. Aí eu consegui esse...

DN – Esse que era no Largo.

MT – Que era no Largo e que foi... era um militar que ia pra, pra Amazônia. Ou outro lugar aí qualquer... E eu fui muito bem recebida, estranhamente, foi muito... não digo assim, bem recebido, fui tratada com muita.. educação, sabe? Eu não sei se era a minha conduta, dos meus filhos, que os meninos era também assim muito, muito quietinhos, eu saía muito, mais... tinha uma... uma atitude “Oi! Como vai?”, conversava com todo mundo... Eu sei que as pessoas, no dia que eu cheguei, foram lá, eu acho também que a vida era diferente naquela época, foram oferecer gelo, porque viram que eu tava ainda sem geladeira, as crianças e a vizinha foi depois chamar a Kátia pra descer, logo no segundo, terceiro dia que a gente tava morando lá. Aí tinha muitas crianças morando lá da idade dela, a Kátia se deu bem por isso, né? E a Kátia num instante se entrosou.

E eu, realmente, fiquei muito tensa porque eu era a única separada ali, naquela época ainda o preconceito era, era muito brabo. Mas aí as coisas foram acontecendo, eu fiz amizade com um professor que morava em baixo, com a filha do professor... as meninas começaram a fazer amizade e lá em casa, era o ponto de encontro, né? Era o ponto de encontro, eles queriam fazer uma reuniãozinha, vinham me perguntar, a reunião era lá em casa. Aí eu tinha um fusquinha, depois eu comprei um fusquinha, eu enchia todo mundo, levava, levava os meninos... naquela época era, era, era matinê, né? Era de seis, tinha, tinha... tinha um na Barra da Tijuca e tinha outro, onde era o Carinhoso hoje, me esqueci o nome, New York, New York. Deixava lá às seis e apanhava às dez.

DN – Ah! Matinê de, de, de baile. De discoteca.

MT – De discoteca, nessa faixa de idade. Tinha vez que tinha oito, nove dentro de um fusca. “Tia, a gente se aperta.” “Vai. Enquanto der, vai.” (*risos*) Íamos pra pra... Então havia um relacionamento muito bom, porque nós íamos, eu e meus filhos, né? Nós íamos a praia juntos, porque aí eu tinha a minha turma da praia e eles a deles. Algumas amigas da minha filha do Instituto de Educação frequentavam o mesmo lugar na praia. Então era ótimo, para mim que eu tinha as minhas companhias adultas e eles tinham as companhias jovens deles, né? Então, a gente fazia muito. Tudo quanto era *show* eu levava, me revezava com as mães nas discotecas, nos *shows*, em tudo. Aí eu fazia um revezamento, cada dia ia uma mãe levar... ainda era naquela época, né? Mãe não podia entrar, mas a gente ainda deixava na porta, marcava a hora e ia buscá-los. E o meu

relacionamento com eles sempre foi de diálogo. Sempre foi de diálogo, de vez em quando brigava mesmo... Eu fui ter, realmente, uma briga fo... séria com o meu filho muito tempo depois, já depois de adulto... porque... aí o moço do apartamento... Aí foi quando começou a minha peregrinação, que atrapalhou a minha vida, do ponto de vista com as crianças e, paralelamente eu resolvi fazer... eu terminei o meu... ..achei que eu queria, que eu sempre quis que agora eu já tava com tudo organizado... foi, eu resolvi fazer faculdade, complementar, eu já tinha Ciências Sociais, resolvi fazer Pedagogia, à noite.

DN – Quer dizer, fazer outro curso universitário, você já tinha um.

MT – Outro curso universitário, já tinha um. Aí eu consegui isenção de várias matérias, dava pra fazer em dois anos, né? Porque havia muita coisa comum, psicologia, sociologia, antropologia, estatística, tudo isso o básico eu fui dispensada. Eu peguei só as matérias específicas. Aí foi muito bom, aí eu fiz o curso, eles já estavam mais crescidos, eu tinha, sempre tive empregadas nordestinas, porque ele não deixou eu trazer a minha empregada, a Antônia que estava comigo há anos, que conhecia as crianças, que sabia das comidas, fazia as comidas gostosinhas, aí ele disse: “Bom, já que... você vai... deixa a Antônia comigo, porque quando as crianças vierem...”, mas não era não, era só para sacanear. Três ou quatro meses depois ele mandou a Antônia embora. Aí eu tava com uma empregada nordestina, não podia me desfazer dela pra, pra pegar a Antônia outra vez. Aí veio a...

DN – Porque a empregada nordestina significava, morava com você.

MT – Morava comigo, quase que não saía. Só depois de um ano que ela fez amizade, que ela arranhou um namorado e que ela tinha as folgas dela, que eu dava as folgas, eu dizia: “Olha, aos sábados e domingos, aqui o sistema é outro, se você não quiser você não precisa fazer a comida. A gente faz a comida no sábado, se você quiser sair você sai, se você quiser ficar no seu quarto você fica, você não precisa.” Eu dava a folga dela, mas ela: “Ah, eu vou ficar aqui, deixa que eu lavo os pratos.” Até que depois ela até fez amizade com a minha manicura, depois arranhou um namorado, coisa e ficou uns cinco ou seis anos comigo.

E aí foi, eu terminei a faculdade e montei uma escolinha com mais duas amigas em São Cristóvão, escolinha pré escola. Então, eu tinha dois empregos, o Estado, o Município, a pré-escola e a faculdade. Então me sobrava muito pouco tempo. Mas isso eles já estavam muito grandinhos, quando eu ficava sem empregada a gente dividia as tarefas, o Júnior. Pegava, ele ia de bicicleta e pegava a comida de marmita, eu arrumava a casa, a Kátia lavava o banheiro... e cada um arrumava o seu quarto. Então, era tudo dividido, sabe? Eu sempre tive um sistema assim que eu não sei porque, mas meus filhos não me deram trabalho. Maiores trabalhos na adolescência, apesar da época, apesar de eu estar sozinha, apensar de ter o pai, digamos assim, enchendo, não tem outra expressão, enchendo o saco. Porque ele telefonava, ele vinha toda... domingo eu já sabia, o menino quando chegava, tudo que eu tinha construído durante a semana, eu tinha que refazer tudo outra vez na segunda feira, porque ele ficava... enquanto eu evitava falar dele... a Kátia uma vez foi que me contou, que ele falou tanto de mim, tanto, tanto, que o Júnior teve uma crise, ela deu uns berros: “Se você continuar falando da minha mãe eu não venho mais aqui!” Katia disse: “Mamãe, eu não sei o que aconteceu porque o Júnior perdeu, assim, completamente, que até o papai ficou assustado, parou mesmo...” (*risos*) E, aí as coisas foram... se encaminhando, Junior foi

adquirindo um pouquinho mais de confiança e eu, quando queria... depois, eu tive a infelicidade de... da proprietária do meu prédio me pedir o apartamento. Era a época da denúncia vazia, você lembra?

DN - Hum, hum!

MT - Ah! Mas, como eu chorei, como eu lamentei, como eu me desesperei. Perguntei se ela não queria vender, mesmo não tendo dinheiro em caixa: “Ah mamãe! Se ela quiser vender, eu imploro ao dindo pra comprar.” Porque meu sogro fez uma promessa que ele me daria um apartamento pra morar... porque o que eu tinha direito estava no nome dele. Na realidade eles me roubaram o apartamento, eles me tiraram a minha moradia que eu tinha direito, mas como ficou aquela coisa, deixar pra passar depois, eu legalmente não tinha o que reclamar porque o apartamento tava no nome do meu sogro, tá entendendo? Então essa foi a minha luta, né? A vida inteira, o meu grande problema foi o problema da moradia. Aí com essa denúncia vazia, eu tive que sair, tive que entregar o apartamento chorando, os três (*risos*). Até que eu consegui um apartamento...

DN – Nessa altura até o Júnior já tinha se integrado.

MT – Já, já. Já tinha amigos que são amigos até hoje. Você sabe que eles são amigos do pessoal de lá, até hoje eles se encontram? O melhor amigo dele ele construiu lá, porque aí ele se mudou do Instituto de Educação pro Cinco, um colégio particular muito bom aqui na Tijuca, muito famoso aqui na Tijuca e ele fez essas amizades no Cinco também. As amizades da Katia no Instituto continuam até hoje e de lá... o melhor amigo dele é da rua... que depois ele, ele conseguiu, aí ele cresceu e começou a participar das festinhas que eles faziam, brincadeiras, eles faziam festa, iam pra rua faziam brincadeiras... que o aniversariante tinha que sair fantasiado, um dia o Júnior de mulher, eu tenho essas fotografias, graças a Deus eu tenho isso tudo documentado em fotografia que naquela época não tinha vídeo, não tinha nada, mas... A minha casa era muito gostosa, era muito alegre, e era muito alegre, não havia assim... eu deixava eles muito a vontade mas eles sabiam que não podiam ultrapassar, né? Não podiam sair da linha, porque eu ficava no meu quarto vendo televisão, lendo de vez em quando eu circulava, levava uma coca-cola, arranjava uma desculpa, levava uma coca-cola, levava um salgadinho, ver se estava tudo em paz. Depois aí, quando eles cresceram mais, aí veio a época, coisa dos *Dancing Days*, nas discotecas, aí eu ia a praia com eles pra discoteca, ah eu quero aprender, eles iam lá para casa, me ensinavam a dançar discoteca e eu levava depois a turma toda pra discoteca de noite. Aí a gente já podia ir de noite, já voltava três, quatro horas da manhã. O Júnior ficava porque era pequeno. O Júnior ficava porque era pequeno. Então, quando estava assim tudo muito gostoso, o apartamento foi pedido. Aí eu fui, morar num apartamento... nessa época, aí eu só consegui um apartamento de dois quartos, com o meu salário, porque eu tinha muita despesa, apesar de eu conseguir meia... meia bolsa de estudo na Santa Úrsula, mas eu tinha uma despesa muito grande, né?

AP – Santa Úrsula é onde você fazia Pedagogia.

MT – Fazia Pedagogia, é. Eu consegui meia bolsa de estudos lá, já me ajudava e nós viajavamos todos os anos pro Nordeste, eles adoravam. E a nossa vida continuou até que eu tive que mudar, foi lá pra Conde de Bonfim, em frente a Usina, em frente onde é hoje o Carrefour. Um apartamento bom, grande, uma sala maior do que essa, os quartos

enormes, aí eu dividi... quer dizer, as coisas mudaram, cada um tinha o seu quarto, eu dividi o quarto com a Katia. Eu dormia com a Kátia. O Júnior tinha o quartozinho, que era o quarto maior maior. O Júnior tinha o quartozinho dele. Aí foi quando o Júnior começou a reclamar, também ter outra fase difícil, aí ele andou... querendo... Aí voltou, começou... o pai viu que não conseguia as coisas do jeito como era, aí começou a realmente ser um pouco mais amigo e começou a catequisá-lo para ele morar com ele. Aí quem começou a se sentir ameaçada fui eu, né? Comecei a ficar meia apavorada (*risos*).

DN – Essa altura ele tinha que idade?

MT – Ele já tinha os seus... 10, 11, 14 (*pensando alto*), 15, 16 anos, por aí assim.

DN – Já tava um rapazinho.

MT – Já, 16, 17 anos, Katia fez 15 anos... logo quem? Em 80, 85, 75... 74 eu me separei, 75 a Kátia fez 15 anos, nós fomos 5 anos... mudei pra lá, ficamos nesse apartamento 6 anos, 80. 80, a Kátia 20 anos, o Júnior tinha isso mesmo, 16, 17 anos, foi nessa fase. Aí foi quando começou... aí pronto, depois de um ano a gente não aguentava o apartamento, era um cheiro, era perto do Borel, era muito perigoso de assalto, eu disse: “Tá bom! Então agora a gente vai procurar outro apartamento.” Então eu encontrei um apartamento de três quartos, uma sala maravilhosa, um quarto enorme que eu dividi em dois, eram três quartos, um quarto que dava, maior que esse, sala e me mudei pra Haddock Lobo. Daí em diante eu me mudei de dois em dois anos. Parecia uma cigana. Aí fiquei na Haddock Lobo. Quando eu fiquei na Haddock Lobo... antes, quando eu estava, a minha sogra... ficou muito doente, eu ainda não tinha me mudado, eu ainda estava no primeiro apartamento, a minha sogra ficou doente e pediu pra me ver, que ela não queria me ver nem pintada.

DN – Desde a separação?

MT – Desde a separação. Aí ela falou... que quando eu falava, ela uma vez me telefonou dizendo que tinha muita vontade de me ver, que realmente ela reconhecia que eu não era nada daquilo, patata, patata, e não sei o que mais lá, mas eu atendi delicadamente... reclamei depois, xinguei, mandei até a última geração, assim pra mim mesmo “É agora!” Sabe aquelas coisas que a gente desabafa sozinha, né? E depois ela ficou muito doente e eu fui visitá-la no hospital.

DN – Mas aí nessa outra ligação, ela disse que queria lhe ver mas você não foi, não atendeu.

MT – Não atendi “Ah, qualquer dia, tudo bem, qualquer dia eu passo aí...” mas realmente não tinha o mínimo sentido e eu vou te dizer porque não tinha sentido eu ir vê-la. Porque quando ela estava doente as crianças me falaram que quando ela estava no hospital, quando ela piorou... ela tinha doença de Parkinson, pintava essa maravilha toda, ela parou de pintar. Esses quadros todos são dela, ela tinha medalha de prata da Escola Nacional de Belas Artes. Fazia exposições e ela estava no hospital e eu telefonei pro meu sogro e eu perguntei se eu poderia visitá-la. Ele disse: “Pode, minha filha, pode vir.” Quando eu estou lá sentada, conversando com a minha sogra, chega meu ex-marido. Quando ele me viu, ele fez um escândalo, queria me expulsar do quarto,

imagina se eu fosse lá! Aí o Doutor Batalha saiu, ficaram os dois lá reclamando, aí ele foi embora e eu fiquei lá com a minha sogra. E fui, depois telefonei pro meu sogro e falei: “Olha, eu estou de férias...”, tinha problema de ficar com ela e eu fui várias vezes ficar com ela, até que ela morreu. Aí foi que ele... teve um dia que eu estava lá, ele chegou e me deu boa tarde e não...

DN – Não fez escândalo.

MT – Não fez escândalo mais. Aí depois disso minha sogra morreu... ..e... ele morava no apartamento onde eu morava, quando morava comigo, né? Onde a gente morava, que era ao lado do meu sogro. Continuo, continuaram os dois, cada um numa casa, aí até que ele arranhou uma namorada... e a namorada não quis morar lá e ele comprou um apartamento (*solução*) na Aristides Lobo... Desculpa, mas eu tô com azia, me perdoem. Mas aí, ele comprou um apartamento na Aristides Lobo e foi m... m... morar com essa mulher. Tudo bem. E o apartamento ficou vazio, o que eu morei. Às vezes me dava, sabe? Uma revolta, eu com maior sacrifício, tendo que pagar aluguel com aquele apartamento, três quartos, um duplex, uma coisa... mas eu também não queria... entrar em briga na justiça, nem recorrer nem nada, aí conversei com meu sogro. Nisso a minha sogra, a minha sogra já tinha morrido, meu sogro ficou sozinho no apartamento... o negócio é muito complicado. Aí o José Eduardo, que é meu ex-marido, teve uma briga tão séria com o meu sogro que agrediu ao meu sogro e o velho foi parar no hospital. Muito bem, eu só sei que depois dessas fofocas todas, dessa confusão...

DN – Em consequência da agressão?

MT – Em consequência da agressão, porque ele apertou o pescoço do velho e ele ficou sufocado, sabe? Depois ele ameaçou interditar o velho e não sei que mais lá.

DN – Ele batia em você quando vocês eram casados?

MT – Batia, batia. Ele me ameaçou várias vezes com revólver, me ameaçou várias vezes, eu não tive coragem de ir a corpo delito, entendeu? Ele ameaçava com revólver, ele ameaçava com a faca, eu me lembro de uma noite que... eu não dormia mais com ele, eu dormia com a minha filha, eu me lembro de uma noite ele correndo com a faca atrás de mim. Ah, eu tenho um tio, meu pai já tinha morrido... não, papai não tinha morrido ainda não (*sussuro*). Ainda não tinha morrido, aí meu pai escreveu uma carta pro meu tio que por favor... papai sabia de tudo porque eu fui lá uma vez, eu até falei da outra vez que eu fui sozinha com as crianças e tudo e o meu tio foi lá e teve uma conversa muito séria com o meu sogro, que ele estava ali pra pedir garantias de vida para mim e que ele sabia que a nossa família era pacífica, mas que não era de brincadeira não, não se esqueça que nós somos nordestinos (*risos*). Meu tio foi mesmo para ameaçar (*risos*) Se precisar matar... entendeu? Quer dizer, não ameaçou, porque meu tio era muito religioso, era uma pessoa... era meu padrinho e tudo, era uma pessoa que... era a única pessoa assim que realmente eu frequentava a casa dele aqui no Rio, de parente, que o meu, que o José Eduardo, o meu ex-marido ia sempre sábado e domingo, a gente almoçava na casa dele, era a única coisa que ele me levava e não criava problema, que ele gostava muito do meu tio. Aí meu sogro veio falar pra mim que não gostou da conversa do meu tio e eu disse: “Mas o que é que o senhor quer? Eu estou sendo ameaçada, a minha vida está correndo perigo aqui. Ontem, por exemplo, o José Eduardo correu com uma faca aqui em mim, eu dormindo, e eu correndo pelo

apartamento, até que eu me tranquei no quarto da Kátia porque ele estava correndo com uma faca atrás de mim.” Ele fazia isso para me ameaçar, porque ele não tinha coragem de fazer nada, eu sabia que ele não fazia, porque quando ele enfrentava mesmo, ele, ele virava um cordeirinho. Então, realmente ficou caracterizado durante um tempo, porque nós fizemos um início de terapia de casal, eu não sei se eu cheguei a falar e que ficou constatado pela minha psicóloga que ele era esquizofrênico, ele tinha, nem que fosse um princípio de esquizofrenia, que ele perdia totalmente o controle. Aí quando eu assumia o controle da coisa ele virava um cordeiro, entendeu? No outro dia começava tudo outra vez. Quer dizer, o negócio foi assim, porque não era uma briga hoje, outra amanhã, era o seguinte, então eu já estava assim, meu estado de exaustão quando eu resolvi me separar. Então a gente deu uma voltinha assim no tempo, das coisas como é que foram, e meu sogro ficou muito sozinho depois dessa briga, porque o José Eduardo não falava com ele. Aí o meu sogro começou a me telefonar e um dia ele apareceu lá em casa. Aí disse...

DN – Coisa que ele nunca tinha feito também desde que vocês se separaram.

MT – Ele queria reparar as injustiças que ele realmente tinha repensado muito e que eu era uma grande mulher e que ele tinha sido muito injusto comigo e que ele queria fazer uma proposta. Queria que eu voltasse a morar no apartamento da Paulo de Frontin, sabia que isso ia criar um problema para José Eduardo mas ele estaria disposto a enfrentar. Aí eu disse: “Doutor Batalha, mas eu não sei se eu estou disposta a enfrentar mais isso. Minha vida tem sido só de luta, de batalha, de briga. Eu tirei até o Batalha do meu nome porque eu não aguentava mais esse nome Batalha na minha vida porque a minha vida era uma eterna batalha, né?” Aí eu disse: “Eu vou ter que pensar muito e vou ter que conversar com os meninos.” Nós morávamos num lugar assim, nesse tal que foi o lugar mais gostoso que a gente morou. Cada um tinha o seu cantinho, o Júnior tinha o quarto dele, a Kátia tudo arrumadinho do jeito que eles queriam, tinha um quarto enorme que eu dividi, era como esse, eu dividi aqui era um...

Fita 3 – Lado B

MT – Aí eu dividi o apartamento, quer dizer, dividi o quarto. O apartamento ficou muito gostosinho.

DN – Esse, já o da Haddock Lobo.

MT – O da Haddock Lobo, né? A gente tava muito feliz ali, né? Aí eu chamei os dois, a Katia já tinha feito 18 anos, nessa época, o Júnior consequentemente estava com 15, diferença de três anos. 16 ou 17, a Kátia 18, sei lá, não me lembro. Mas já era... sempre nós fazíamos uma mesa redonda, nós três sentamos e conversamos. “Olha, o dindo esteve aqui...” - o dindo era o avô, eles chamavam de dindo - “Doutor Batalha esteve aqui com a seguinte proposta...” O Júnior “Ah não! Mãe, pelo amor de Deus, eu não quero ir”. Aí eu disse: “Bom, então vamos anotar os pós e os contras.” Anotamos todos os pós e todos os contras. Então achamos que se a gente deixasse de pagar aluguel e condomínio, durante pelo menos dois anos dava para dar uma folga na gente. Aí decidimos...

DN - Aceitar.

MT - ...aceitar, tudo de comum acordo. “Olha, você sabe o que vai passar lá, né?” Quando o José Eduardo soube, Meu Deus do Céu! Ele me deu um telefonema, ele ligou pra mim, mas ele me xingou, mas ele disse tanta coisa, que ele faria, acontecia, patati, patata, e não sei o que mais lá, eu liguei pro doutor Batalha e disse: “Diante disso, doutor Batalha, eu não estou mais disposta...” - já estava insegura - “...os meninos concordaram, mas o José Eduardo, diante dessa atitude, eu não estou mais afim de ir pra ir pra ser agredida, pra ser mal tratada, para José Eduardo criar mais problema. Eu estou com a minha vidinha arrumadinha, apertadinha. Se o senhor quiser me ajudar, então bota um apartamento, compra um apartamento no nome das crianças que é o suficiente pra mim. Eu não quero nada pra mim, o senhor sabe que já tem...” - sei lá, 15, 10 anos, nem me lembro mais, nessa época, quanto tempo tinha de separação? Foi 85, eu me separei em 74, tinha quanto? Tinha 19 anos? É.

DN - 11 anos.

MT - Bom, mas ele não se conformava. Aí ele voltou lá em casa, aí disse: “E seu eu tenho dinheiro, se eu quiser comprar dois apartamentos num outro lugar, eu moro num, você mora no outro, você vai?” Eu disse “Bom, aí é diferente. Mas isso aí, eu quero ver o papel no papel.” Eu só sei que ele conseguiu convencer o José Eduardo e o José Eduardo consentiu que eu fosse para lá pra Paulo de Frontin. Vou eu de mudança (*risos*) outra vez pra Paulo de Frontin. A casa onde eu morei, né? É um negócio meio... (*risos*). Muito bem, fomos para lá, bem ou mal, tinha garagem, ele criou problema porque não queria que eu usasse a garagem lá de cima aí eu usava a garagem de baixo, quer dizer, eu não criava problema...

DN - Era uma casa ou prédio, um apartamento?

MT - Era um apartamento duplex, sabe? Tinha na sala... tinha uma sala boa, tinha três quartos, cozinha, banheiro, quarto de empregada, uma escada e na escada em cima tinha um terraço, tinha uma sala, tinha um banheiro e tinha um terraço enorme, que era a princípio descoberto, depois com problema de infiltração, meu sogro cobriu e fechou. Então era um lugar muito bom. Lá em cima a gente usava para festas, pra receber as pessoas, para fazer... eles não, porque eles nunca faziam festa, mas eu, que sempre fui muito festeira... ainda sou... (*risos*) Muito bem, estamos lá nós, no primeiro ano correu tudo bem. Aí resolvi dar um afesta...

DN - O José Eduardo não ia nem na casa de vocês e nem na casa do pai.

MT - Ia na casa do pai, ia na casa do pai. Ele ia na casa do pai. Aí as minhas amigas: “Ah Terezinha, vamos dar uma violada aqui.” Eu digo: “É, vamos.” Aí eu pensei, pensei, pensei, pensei... nas consequências. Aí chamei os meninos... e conversei com eles “Ah mãe, tudo bem, você sempre deu, não vai atrapalhar nada, o dindo não sei o que mais lá...” Aí eu dei a violada e não aconteceu nada. Mas eu tinha muitos amigos, nesse meio tempo eu fiz muitos amigos na minha casa, nas outras minhas casas, não só eu recebia os meus amigos, que eram amigos, que eu nunca recebi namorado em casa, eu nunca levei ninguém pra dormir na minha casa. Quando eu queria ter uma relação, quando eu tinha namorado, já sabia, o caminho era o motel, entendeu? Meus filhos sabiam disso. Eu sempre chegava em casa, não enganava, mas nunca levei ninguém pra minha casa. Mas de repente apareciam os meus amigos. Pronto! Eu não podia dizer que não Às vezes, as pessoas chegavam de surpresa, entendeu?

DN - Amigos que eram namorados?

MT - Amigos que eram amigos. Que eram amigos! Mas qualquer homem que entrou na minha casa era meu amante.

DN - Poderia ser um namorado.

MT - Não, não poderia. Era, fatalmente, meu amante, né? Aí, começaram a criar problemas. Tudo bem. Então vou manerar. Não vou dar mais festa, não vou... dar mais nada. Tanto que, realmente, eu só dei duas festas lá, uma no meu aniversário, lá embaixo mesmo, só com um grupo de amigos e essa festa lá. Porque também não deu tempo, né? Eu saí logo por... eu saí de lá, né? Aí é que veio a história mais complicada. Neste meio tempo, ele começou, o José Eduardo, o meu ex-marido, a brigar com a mulher... Aí se mudaram, saíram de lá, que ela achava que o apartamento era pequeno, se mudaram da Aristides Lobo, vieram morar num outro lugar aqui, que eu não sei onde era, eu sei que então eles começaram a morar, demorou dois ou três meses, um dia... ...eu vou na casa do meu sogro, que era assim porta a porta, né? Às vezes, até as portas vivam abertas, porque tinha uma entradinha com uma grade aqui. Então, já que tinha a grade protegendo, essas duas portas... eu mantinha a minha fechada, que era pirracenta (*ruído*), quem quisesse entrar na minha casa tem que bater, mas a dele estava permanentemente aberta e ele às vezes se aborrecia: “Mas porque você tranca a porta? Porque não deixa a porta aberta? Será que eu preciso pedir licença pra entrar na sua casa?!” Porque meu sogro era danado, era malcriado que era danado! A gente brigava a beça, mas eu gostava muito dele. Aí, um dia eu cheguei lá, José Eduardo. Aí dei meia volta, aí doutor Batalha foi lá em casa falar comigo e disse: “Ele brigou com a mulher... e veio pra cá ontem a noite, chegou aqui todo chateado e eu não tive outro jeito se não deixar ele dormir aqui.” Só que ele não dormiu aquela noite, ele passou a morar lá. Desfez do apartamento, alugou... Separou da mulher, desfez do apartamento, alugou... o outro e foi morar na casa do pai. Agora, veja você, eu aqui e ele lá (*ruído*)... Aí, eu disse pra meus filhos: “Tá na hora de mudar outra vez, porque o seu avô não me deu o apartamento até agora, não passou o apartamento até agora pro seu nome, porque o José Eduardo não deixou, e nem vai dar. Eu vou rodar nessa! Já dancei!”

E as coisas foram acontecendo, até que o dia, tive um aborrecimento muito sério com meu sogro, justamente porque teve um amigo lá em casa e ele foi lá em casa e viu, tava a Kátia, quer dizer, se eu estivesse sozinha, tava a Kátia, tava o Junior, e estava o Paulo, este realmente era meu namorado. Mas estávamos os três na sala conversando, eu, Kátia, Paulo e o Júnior no quarto dele, ele deu uma passadinha, ele disse: “Vamos sair?” Eu disse: “Não. Não vou sair não. Eu... a Kátia tá aí... fica um pouquinho aí, daqui a pouco...” “Ah, então eu vou ficar um pouquinho e depois eu vou embora.” “Eu não quero que você demore muito porque você sabe da situação.”, ele sabia da situação. Aí José Eduardo percebeu, mandou meu sogro ir lá pra constatar que eu estava com um homem na minha casa. Aí no dia seguinte nós tivemos uma briga terrível... ...eu e meu sogro. Aí eu disse pro meu sogro: “Doutor Batalha, o senhor sempre disse que eu era uma mulher inteligente. O senhor acha que eu ia trazer...” - porque a palavra pra eles era amante - “...que eu ia trazer um amante pra transar aqui, com o senhor e o José Eduardo aí? Eu não ia ter nem tesão de fazer isso. Será que não dá pro senhor entender que eu jamais faria isso? Eu jamais fiz com meus filhos dentro de casa! Agora, o José Eduardo envenenou o senhor pra não passar o apartamento pro nome das minhas crianças, o senhor atendeu. O senhor me chamou pra aqui, me desfez a minha vida que tava

quietinha, feliz da vida, bem ou mal pagando o meu aluguel. Agora o senhor me emprestou os mil dólares, o senhor exige os mil dólares de volta. Eu não tenho já pra lhe pagar, mas eu vou lhe pagar, eu vou vender as minhas jóias e vou lhe pagar o dinheiro. E, talvez, quem saiba, eu tome outra atitude. Eu não tô aqui pra, pra ouvir o que vocês pensam que, que vão fazer de mim. O José Eduardo quer morar aí, tá bem! Porque que ele não vai... ele não tem um apartamento lá na Aristides Lobo? Não está vazio? Porque ele... não, não mora lá?" "Ah, mas ele não está bem, não sei que lá, tá sozinho..." , pai e filho sabe como é que é, né? Ficaram brigados, brigados, durante um tempo, fizeram as pazes... resultado: pensei, pensei, pensei. Tomei uma decisão. "Está na hora de tomar conta dos filhos um pouquinho agora. Já que ele sempre quis tanto os filhos, ele vai tê-los." Aí eu fazia terapia já nessa época, fazia terapia individual, fazia terapia de grupo. Aí eu tomei uma decisão: "Olha, vou me mudar." Aí disse pros meninos: "Olha, vou me mudar. Não dá mais pra ficar aqui. Seu pai não vai sair daqui e tem uma coisa: eu só vou conseguir, com o que eu ganho, alugar um sala e quarto!" , porque aí as coisas foram... aí que a gente vê como a gente perdeu, né? O, o, o...

DN - Poder aquisitivo.

MT - ...poder aquisitivo, né? Como eu perdi com o meu salário, porque eu podia fazer tudo isso, eu pude comprar um carro, eu pude manter um aluguel, eu viajava todo ano com os meus filhos pro Nordeste. Levava eles de vez em quando a um restaurante, eles iam a tudo quanto é *show*, *boite*, tudo isso, eu podia segurar, não tava dando mais para segurar. Aí comecei a ver apartamento. Então, eu só podia pagar um sala e quarto, eu disse: "Olha nós só temos duas soluções: ou vão os três, nos enfiemos num sala e quarto, o que eu não acho justo, vocês saírem deste conforto, ou eu vou morar sozinha e vocês ficam aqui com o seu pai, que é o que ele tá querendo. É que eu vá embora e deixe vocês aí. Foi sempre o que ele quis. Não estou abandonando vocês, você está com 20 e poucos anos, você já está com 20..." - Kátia tava com 20 e poucos - "...você já está namorando, daqui a pouco tu tá casando, tá indo embora e quem vai ficar aqui sou eu (*ruído*). Vocês viajam todo fim de semana, vão acampar, vão pra aqui, pra acolá, eu fico sozinha aqui. Não estou dizendo ao contrário, eu só estou dizendo que eu não faço mais falta pra vocês." Aí fui, fui amadurecendo essa idéia até que um dia eu aluguei um apartamento, consegui um apartamentozinho no Humaitá dentro das condições que eu podia... me mudei e deixei as crianças com ele. Menina!!! Todo mundo me criticou tanto! As minhas amigas: "Um absurdo! Como é que eu tinha coragem?" "Gente, eu não estou abandonando as crianças não!! Eu estou deixando dois adultos pra morar um pouquinho com o pai. Está na hora do pai assumir para ver como é que é tomar conta, assumir e dar as coisas. É só isso que eu estou fazendo." Meu sogro não acreditou no dia que eu disse: "Taqui a chave do meu apartamento. Amanhã eu vou me mudar." (*ruído*) Ele disse: "Você é tihosa!" Mas aí, ele já começou a ficar... já tava meio esclerosado, nessa época.. aí ele ficou muito esclerosado, aí não adiantava que eu não ia conseguir mais nada dele a partir daquele momento. Ainda tentei... a solução é... eu me mudei... meus filhos ficaram... com ele... minha filha vinha passar os fins de semana comigo, meu filho também vinha de vez em quando. Meu filho ficou muito magoado, nunca me disse isso, concordou... depois um dia que nós tivemos um desentendimento ele me jogou isso, que eu não perguntei se ele queria ficar, que eu sisplesmente saí... que não foi bem assim, foi assim que ele viu, né?

DN – Foi assim que ele sentiu.

MT – É, foi assim que ele sentiu... E que... ...e a Katia pouco depois arranhou um namorado... já tava namorando, já tava dormindo com o namorado e tudo e terminou que... ...nós... eles ficaram... a Kátia casou. Terminou que eles resolveram, foi surpresa pra mim, resolveram casar. E depois do casamento da Katia o Júnior se sentiu muito só, foi lá pra casa, perguntou e eu disse: “Olha, se você quiser morar comigo mora. Mas olha o conforto que você vai ter aqui. Ou você vai ter que dividir... dormir comigo no quarto ou você vai ter que dormir na sala e eu no quarto. Você não tem conforto, não tem lugar pra v... não estou... Quer tentar? Quer vir? Pode vir.” Aí ele resolveu que não. Aí as coisas foram... Kátia casou. O Júnior começou, terminou a faculdade, começou a trabalhar... trabalhar não, estágio aqui, estágio acolá, uma tentativa, uma dificuldade essas coisas todas, nesse meio tempo meu sogro faleceu.

DN – O Júnior fez faculdade de que?

MT – Comunicação, os dois, tanto o Júnior quanto a Kátia, Comunicação Social. Aí ele trabalho, fez um estágio na TVE, arranhei uma porção de coisa aí, mas algumas coisas ele arranhou e não ficou... e ficou de empreguinho em empreguinho sem uma, uma coisa fixa. Aí depois disso... eu uma vez que eu fui ao Nordeste, os meus irmãos... aí vem a outra história, do meu lado. Minha mãe tem uma fazenda que meu pai deixou de herança... tinha duas fazendas, uma fazenda ficou para nós, que nós dividimos e vendemos. Só que como tinha muitas dívidas, nós demos o dinheiro pra mamãe pagar a dívida de papai e nenhum de nós recebeu, na realidade, essa herança. E tem a fazenda que ficou pro nome da mamãe que é um irmão meu que toma conta e que resolveram se reunir, meu cunhado participar da administração pra incrementar mais e quando eu cheguei lá já estava tudo pronto, a minha parte tudo dividido, tudo certo, eu disse: “Olha eu não tenho condição...” - eles fariam um arrendamento pra mamãe, pagariam, nós pagaríamos uma parte pra mamãe pra ela ter uma renda fixa e ela... porque mamãe que tomava conta da fazenda junto com o meu irmão, e ela saiu porque ela já estava aí mais idosa. Eu disse “Olha, eu não tenho, eu sou a irmã pobre, vocês sabem disso. Eu não tenho como pagar. E inclusive o que eu posso fazer é o seguinte, eu cederia a minha parte, passada todos os documentos, se alguém quisesse comprar, a minha parte. O que seria bom que com esse dinheiro eu compraria um apartamentozinho pra mim no Rio de Janeiro.” Minha mãe ficou feliz, todo mundo muito feliz, meu irmão não quis comprar e meu cunhado resolveu comprar. E pra encurtar a história, recebi o dinheiro, comprei fiz uns negócios, fiz tudo, comprei apartamento e me mudei prum sala e quarto em Santa Teresa. Sonho da minha vida, adorava morar em Santa Teresa. Só que meu irmão roeu a corda, me sacaneou bonitinho, não entregou a terra... em 94.

DN – Pro seu cunhado?

MT – Pro meu cunhado. Então, eu só tinha uma solução, devolver o dinheiro pro meu cunhado, com correção monetária. Aí eu não tinha pra devolver, então eu disse... eu sou muito babaca, ou sou muito honesta ou babaca eu não sei o que é. Eu telefonei para o meu cunhado e disse: “Olha, Fábio, não tem outra solução, vamos vender o apartamento e eu volto a morar em apartamento alugado.” Nesse meio tempo, nesse estresse... eu começo a passar mal e descubro que estou com HIV... entendeu? Quer dizer, isso foi... quer dizer, eu concluí que aí que eu digo que começa a terceira etapa da minha vida. Porque todo mundo dizia que era estresse, que era estresse, que era estresse... porque eu estava com esses problemas todos, né? Quer dizer, quando de repente, eu penso que eu solucionei a minha vida, eu tinha o meu apartamento, gracioso, charmosinho, gostoso...

DN – Em Santa Teresa.

MT – Em Santa Tereza! Fazia as minhas caminhadas, conhecia todo mundo, ia pras minhas violadas ali a noite, que ali a noite em Santa Teresa tem uns cantos deliciosos, né? Tava assim num paraíso. Aí meu irmão continuou que não, que não, que não dava, aí eu fui duas vezes ao Nordeste, conversei com ele, terminamos que era um irmão assim do coração, aí terminamos nos agredindo, brigando e ele nunca me perdoou... eu também não o perdoei...

AP – Mas ele tinha meios de impedir, quer dizer, a terra não era sua.

MT – Ele que administra a terra, ele tinha direito... nós demos dois anos para ele entregar, terminando os dois anos ele disse não. Ele não entregava, que ele ainda estava colhendo, ainda estava fazendo isso, ainda estava fazendo aquilo. Me sacaneou mesmo, ele fez... não fez de propósito não, é burrice, mente, eu entendo, hoje eu entendo o que se passou com ele, mas aí é outra história complicada. Psicologicamente ele se sentiu traído, porque ele achava... ele botou o lote dele junto do meu, porque ele queria tomar conta do meu, eu entendo hoje tudo, mas na época, no calor da...

DN – Da raiva.

MT – ...da raiva a gente... eu tenho uma carta que eu escrevi pra ele, eu escrevi uma carta e ele não me respondeu. Nos falamos as primeiras vezes que eu fui no Nordeste, depois disso nos falamos mal, “Oi, como vai? Tudo bem?” Dessa vez nós... já nos falamos. Aí a Cristina me contou que tiveram um dia de Natal, eu não estava lá, Ano Novo todo mundo reunido, eu não pude ir no Natal porque o médico não deixou. Aí ele disse: “Olha, não fica zangada não...” - pra minha irmã - “...mas eu gostava mesmo era da Teresa. Era minha irmã do coração.” Aí... e ele era meu irmão do coração também, sabe? É uma coisa que ainda está pra resolver. Esse ano a gente já dançou junto, já se olhou mais, já se lançou assim olho no olho mas... a gente não dá pra conversar mais, a não ser futilidade, a não ser bobagem. Então, nesse meio tempo, vende o apartamento, devolve o apartamento. Aí eu procurei nos bancos para ver se eu conseguia um empréstimo, então, é questão de época. Pouco tempo depois o Município abre financiamento. Ainda não havia financiamento, os financiamentos estavam todos fechados, foi quando eu pensando em arranjar... aí eu montei um atelier, o José Eduardo... o apartamento ficou vazio, agora você vê que incongruência. O apartamento da Paulo de Frontin às baratas, porque o meu sogro morreu...

DN – O do seu sogro e o que vocês moravam?

MT – Os dois, né? O que o meu sogro morava ficou uma moça que tomava conta do... dele, do meu sogro nos últimos momentos, que foi uma ex-empregada dele. E o outro ficou vazio porque José Eduardo comprou um outro apartamento e não quis alugar e o apartamento ficou vazio. Eu consegui com... e a Katia, que ele me emprestasse o duplex e eu montei o meu atelier no duplex. Eu não te falei que eu... aí eu pintava, eu comecei a procurar outras alternativas, aí eu montei um atelier, eu... negócio de bazar eu é que comecei, eu fui uma das primeiras pessoas a fazer bazar. Aí eu fiz bazar, ganhei dinheirozinho com o bazar... dava aula de pintura, fazia minhas camisetas, vendia minhas camisetas, fazia... e tava pretendendo... foi justamente quando as coisas estavam

nesse pé, eu com o meu apartamento pronto, já com o meu apartamento no meu nome, aí foi quando começou esse negócio do meu irmão... e foi quando eu fiquei estressada aí eu comecei a passar mal. Comecei a passar mal, passar mal, passar mal, aí que começou a minha, realmente longa história com o HIV, porque os médicos levaram três, quatro meses pra descobrir que eu tinha HIV. Ninguém pensou em fazer um teste, entendeu? Porque eu comecei a passar mal numa festa, eu organizei...

DN – Isso foi em que ano Teresinha?

MT – 94, dia 7 de janeiro de 94.

DN – Você não pensou nessa possibilidade?

MT – De que?

DN – De estar soro positivo, de ter HIV.

MT – Depois de algum tempo sim. No princípio não.

DN – Antes que os médicos pedissem o exame, você já pensou?

MT – Já. No dia... foi no dia sete de janeiro eu reuni uns 40 amigos, pra festejar o aniversário de uma amiga. E eu tava bem nessa época, ainda tava bem, saudável, realmente estava muito cansada, tava muito estressada por causa desse problema lá do apartamento, telefonema vai e vem, do meu sogro, do meu genro... não, agora eu confundi tudo, do meu cunhado, do meu cunhado (*risos*), marido da minha filha que comprou, me deu o dinheiro e eu comprei um apartamento.

DN – Não, o marido da sua irmã.

MT – Então, meu, meu cunhado. Meu cunhado. E isso realmente estava me estressando muito mas eu achava, sabe? A gente quando tem saúde que isso ia resolver. Aí estava no meio da festa, eu ia pra outra festa, aí quando eu pedi pro meu... eu disse: “Não. Me leva pra casa porque eu não estou me sentindo bem. Eu estou com muita azia...” - meu irmão tava aqui com as crianças, meu outro irmão que mora em Maceió - “...e eu amanhã tenho que ir pra Maricá...”, eu não sei se eu já contei essa história pra vocês...

AP – Já.

MT – Mas isso faz parte. Aí começou todo o processo. Telefonei pro médico, que era um amigo meu. Aí...

DN – Você tinha que ir pra Maricá por que?

MT – Porque meu irmão estava lá.

DN – O irmão.. esse irmão que estava no Rio estava em Maricá.

MT – Esse irmão que mora em Maceió, veio passar um mês aqui no Rio, ficou na casa da Katia, minha filha, que o apartamento dela era maior que o meu. Não dava pra ficar

no meu apartamento, que era um sala e quarto, eram cinco pessoas, meu irmão, minha cunhada e os três filhos... adolescentes, cada galalau desse tamanho. Então ficaram tudo na casa da Katia. E eu comecei a passar muito mal, nesses dias, muito mal, vomitando, aí liguei pro um amigo meu, aí fiz hemograma, radiografia e escarro. Não deu nada. Ele me deu um remédio pra estômago e eu não melhorava. Tudo que batia, voltava, voltava. E eu num cansaço, mas num cansaço. Eu me lembro que nós fomos para Angra dos Reis, aí nós alugamos um barco, meu irmão, eu vou com você, alugamos um barco, eu deitei no barco e dormi o tempo todo, eu só pensava em dormir. Sabe aquela coisa, aquela dor, uma gripe e não comia nada, nada, nada, quando eu forçava, eu vomitava. Muito bem, felizmente, fiz-me de forte, meu irmão foi embora. Sábado de carnaval uma amiga minha disse: “Terezinha vai passar o carnaval fora?” Eu disse: “Ah, não! Lucia, eu não estou bem, eu não estou bem de saúde, eu não vou ser boa companhia.” “Você não quer vir passar, Luciene...” - que a filha dela - “...vai pra fora e vai me emprestar o flat dela, você não quer ficar para a gente ir ao cinema e a praia?” Eu disse: “Olha eu não sei se eu vou ser boa companhia, mas eu vou.” No dia, na sexta-feira, foi sábado, sábado de manhã eu acordei com toda essa parte debaixo do meu rosto, a boca...

DN – Em volta da boca.

MT – ...paralisada. Eu achei estranho, achei a minha voz estranha. Liguei pro médico e não achei o médico. Aí liguei pra Lucia: “Lucia, a minha voz está estranha?” Ela disse: “Está.” Porque isso tava parado, daqui pra cima, eu só falava assim... eu só movimentava o queixo. Então eu só falava assim, isso daqui tudo paralisado. Aí eu consigo finalmente... fui pra casa da minha amiga lá no Humaitá, liguei pro médico de noite, aí ele disse: “Terezinha, você toma esta medicação e me liga amanhã de manhã. Se você não melhorar eu vou te internar.” “Ah! Marcinho, pelo amor de Deus! Não me faça isso! Não sei que lá!” Mas hei que antes, dos dias que eu fui ao consultório dele, eu disse assim: “Marcinho, eu estou apavorada!” “Por que?” “Porque ontem eu tive muita febre e me deu um *insight*, uma coisa assim eu estou com HIV. Faz um favor...” “Não, Terezinha. Os sintomas são de estresse. São disso são daquilo, são daquilo outro...” “Faz um favor pra mim? Naquele meio de sangue que você tirou, manda fazer o de HIV, mas não me diz, porque eu não estou preparada psicologicamente pra receber essa notícia, mas você já sabendo você vai me preparando. Eu não sei se ele mandou ou não mandou fazer o teste.

DN – Agora, o *insight* foi em função de informações que você tinha da AIDS?

MT – Pelas informações que eu tinha e pelo que eu estava sentindo, suores frios, emagrecimento, vômito, náuseas, cansaço e de noite eu tive uma febre, eu delirei muito. E nessa febre eu dizia pra mim: “Eu estou com HIV. Eu estou com HIV.” Foi uma noite terrível, essa noite eu não esqueço nunca mais na minha vida.

AP – Então quando você, nesse momento você já tinha informações.

MT – Tinha algumas informações, não muitas, eu tinha as informações que todo mundo tem, não tinha as informações que eu tenho hoje.

DN – Mas conhecia pessoas com HIV?

MT – Hum hum! Não conhecia ninguém, não conhecia ninguém, não tive contato.

Conhecia só as pessoas públicas, mas eu não tinha contato, não tinha tido contato com ninguém com HIV. Quer dizer, a pessoa que me contaminou estava ali na minha frente e eu não constatee que ela estava com AIDS, ela também não me disse...

AP – Mas sabia.

MT – Eu acredito que sim, porque essa pessoa... aí é um negócio complicado, já morreu e a gente ficou de se encontrar e gente não se encontrou e a gente não se esclareceu. Eu pedi para ter uma conversa com ele, depois que eu descobri mas isso vem depois. Aí, aí no dia seguinte eu não melhorei o médico me internou. E procurou um neurologista. Aí foi constatado, quer dizer, a minha perna eu não movia a perna... eu tive um (*ininteligível*), né? Que é um negócio aí meio complicado, disseram que era doença auto-imune, não sei que lá, finalmente era um (*ininteligível*). Fiquei com a perna esquerda meio paralisada, o braço também toda essa parte aqui e essa, principalmente essa parte esquerda daqui do rosto Aí, vai tudo, né? Aí, você já imagina. Tomografia...

DN - Quer dizer, paralisou todo o lado esquerdo.

MT – Não foi uma paralisação total, meia. Eu, por exemplo, eu fazia isto com o braço, eu não fazia isto que eu faço hoje, durante muito tempo o braço só ia até aqui.

DN – Não esticava ele pra cima.

MT – Não, não esticava, isso eu recuperei com exercício. E a perna, aquele coisa assim que você bate assim, pra ver reflexo, a perna não respondia, com martelinho, a perna esquerda não respondia e eu tinha dificuldade, eu arrastava a perna esquerda, eu andava com muita dificuldade.

AP – Isso num curto espaço de tempo.

MT – Num curto espaço de tempo eu tive tudo isso. Quer dizer, todas as características e o (*ininteligível*), é também uma característica. É uma das doenças oportunistas, não sei se só os médicos especializados que sabem isso, mas depois eu vim saber que é uma doença oportunista...

Fita 4 – Lado A

MT – Bom, eu senti o seguinte, que cada médico olhava a sua especialidade. Então o neurologista me tratou, eu tinha herpes, eu tava com pneumonia, eu tava com... eh... cândida e mais o Guiland Barret, quatro coisas ao mesmo tempo. Aí...

DN – Mas isso não veio de início, porque no início você disse que tava sentindo mal...

MT - Cansaço.

DN - ...o médico fez hemograma, raio x de tórax, deu tudo negativo.

MT – Deu tudo negativo. Aí o médico neurologista veio, me fez umas perguntas... se eu tive... se eu fiz transfusão de sangue e se eu tive algum comportamento de risco. Eu disse: “Bom, eu realmente, que eu transei algumas vezes sem camisinha eu transei. Mas

eu não tenho conhecimento. Agora, me faz um favor? Manda fazer um teste de HIV, que vocês pensaram em tudo menos nisso...” Eu pedi! Segundo médico.

AP – Você usava camisinha eventualmente?

MT – Eventualmente eu usava.

DN – Isso que eu ia perguntar, não era hábito, não estava incorporado...

MT – Não era hábito. Não era hábito, como não é ainda, né? Ainda não se incorporou, a gente sabe disso, a gente continua discutindo... (*risos*)

DN – Continua falando que deve, mas... não usa.

AP - Não usa!

MT – Não usa, pois é! Muito bem. Aí o médico, depois de um certo tempo eu melhorei, estava louca pra ir pra casa, aí ele me deu alta. Foram 15 dias de hospital, fui pra casa.

DN – Quer dizer, a hospitalização foi por causa do Guiland Barret.

MT – Guiland Barret, exatamente. Aí eu fiz tudo, ressonância magnética, não sei o que lá computadorizada, tudo, tudo, tudo. Me viraram pelo avesso, só deu Guiland Barret, mas nenhum problema no cérebro, nada na cabeça, nada, nada, tava tudo... Era só... o que eles diziam pra mim era o seguinte, que era doença auto-imune. Dizer pra mim, que era uma doença auto-imune era mesmo que falar grego, sabe? Que eu não entendia, não conseguia entender o que que era isso. Aí depois foi que ele tentou me explicar, mas na época, eu assim sabe, parece que me deu um branco e eu não consegui entender nada. Eu só entendia do meu sofrimento, que eu tava sofrendo muito, só isso que me... aí eu voltei pra casa.

DN – Tinha dor? Essa clínica tinha dor? Não? Era paralisia só?

MT - A, a... o que?

DN - (*ininteligível*)?

MT – Não, não sentia dor não. Era só paralisiação. Eu tinha... o que me incomodava realmente era o estômago. Que nada parava, porque era dor, era azia e o cansaço no corpo, né? A dor no corpo, aquela dor de gripe, sabe? Que não tinha... só tinha vontade de... (*sussurrando*)... quando tinha que ir no banheiro, Ai, Meu Deus do Céu! “Alguém me ajuda a ir no banheiro...”, alguém me ajudava ir pro banheiro. Aí os meus amigos foram todos lá me visitar, fizeram rodízio pra eu não ficar sozinha. Graças a Deus, nesse ponto foram maravilhosos. Minha filha estava no carnaval em Cabo Frio, aí no primeiro dia, no segundo dia eu digo: “Lucia, liga... pra Kátia e avisa a ela que eu estou internada. Diz pra ela que não precisa vir, que eu estou lúcida, que eu estou bem, que eu estou com um probleminha...” Mas aí, no domingo... Isso foi no sábado, no domingo, fui internada no sábado, no domingo eu liguei pra ela e ela veio na segunda.

DN – E seu filho?

MT – Meu filho também, vieram os dois. Meu filho estava onde... eu não me lembro... estava em Cabo Frio também. Aí vieram os dois... Não, mentira, meu filho estava nos Estados Unidos, agora que eu me lembro. É, meu filho estava... (*sussurrando*) Não... Ih! Espera aí... se ele não estava nos Estados Unidos, ele já tinha voltado, ele estava viajando.

AP – Mas ele estava aqui na segunda-feira?

MT – Não, não me lembro... não, não, não, ele não voltou logo não. Ele demorou um pouco.

DN – Ele foi pros Estados Unidos depois de formado, Teresinha?

MT – Antes. Foi.

DN – Foi trabalhar, morar?

MT – É, ele foi tentar alguma coisa mas não se deu, não se agradou, não gostou... Ele foi várias vezes a passeio e depois foi fazer um curso lá dessa vez. Bom, aí eu fui pra casa da minha filha... Aí, meus irmãos... aí, eu já tava bem, melhor, já andava, falava, né? Falava com uma certa dificuldade. Eu liguei pra meu irmão, aí nesse ínterim... depois eu vou mostrar pra vocês a minha fotografia. Justamente quando meu irmão chegou em Recife, em Maceió, tinha morrido a nossa mãe preta, que foi aquela preta velha que nos criou, que era maior amiga da mamãe, que dormia no quarto com a mamãe, que era a companheira da mamãe. Aí quando eu falei com meu irmão: “Você já falou com a mamãe?” Ele disse: “Não, Teresa. Mamãe está muito chocada com a morte de Nem. E eu não tive coragem ainda de dizer pra ela que ela tava doente, que você tá doente.” Eu digo: “Ué, mas ele precisa saber que eu estou doente. É melhor você dizer porque se não eu telefono e vou dizer. Você sabe que eu não estou bem.”

DN – Mas nesse momento você achava que era uma doença que, aguda, que ia passar rapidinho?

MT – Eu ainda não tinha descoberto que era HIV.

DN – Não. Sim, mas...

MT – Eu, eu, eu não raciocinava. Eu fiquei meio assim... Maria-vai-com-as-outras. Fazia o que me levavam, onde me mandavam eu ia. Eu não raciocinava muito, tanto que as coisas que aconteceram depois de tudo foram decisão dos meus filhos. Realmente, eu fiquei assim meio paralisada, psicológica e fisicamente. Mesmo antes de saber que era HIV. Depois que eu soube que era HIV, aí que as coisas piorou mesmo, que eu não raciocinava. Eu não queria aceitar a idéia. Porque o teste... aí eu fui pra casa da minha filha. Comecei... a sentir muitas dormência no corpo inteiro e tremor no corpo inteiro. Voltei ao médico, melhorei, examinou, ele disse: “Olha eu estava suspeitando de câncer generalizado...” Sim, aí, ficava faltando um exame, que... eu tive alta... o líquido, aquele exame que tiram da coluna e que ele mandou fazer o HIV lá e deu negativo..

DN – O neurologista fez a pesquisa do HIV no líquido?

MT – No líquido... e deu negativo. Aí todos nós festejamos. Eu não tinha câncer, não era nada maligno e que tinha sido Guiland Barret e que eu ia me recuperar.

DN – Pura e simplesmente reversível.

MT – E que eu ia me recuperar, tranquilamente, não tinha problema. Aí eu comecei a ter coisas, tremores, entendeu? Depois eu comecei a tossir, tossir, tossir. Depois comecei a ter febre, aí eu ligava para ele: “Não, isso é uma reação normal, parari, parara...” E eu tomando corticóide, né? Aí, quando depois de uma semana que eu telefonei diariamente durante duas vezes por semana (*risos*), ele disse: “Olha, Teresinha, a minha parte neurológica já cessou. O que eu tinha que fazer por você eu já fiz. Eu realmente, eu vou te indicar, eu vou sugerir que você procure agora um clínico geral.” Ele tinha que ter me mandando prum imunologista e não prum clínico geral.

DN – Quer dizer, você ficou quase um mês tomando corticóide?

MT – Um mês.

DN – Os 15 dias de internação mais 15...

MT - Mais 15 dias em casa, exatamente... Aí... a herpes aumentando cada vez mais. A tosse, e não passava, eu tomava mingau de cinc... de dez em dez minutos, nada. Nada melhorava meu estômago. Aí ele disse: “Eu sugiro você que... procure um clínico geral, porque esses sintomas já não são mais neurológicos.” “Está bom. O senhor conhece alguém que seja da UNIMED?” “Conheço.” Deu o nome, telefonei pro médico, fui lá ter uma... consulta com ele. Nesse ínterim, eu ligo pra minha mãe, resolvi, liguei pra minha mãe, eu precisava falar com a minha mãe. Aí eu disse pra ela que eu não tava bem, que eu tinha sido internada mas que eu já tava na casa da Katia - eu telefonei da casa da Kátia - tava na casa da Katia, que ela não se preocupasse, que eu sei que ela tava muito chateada com a morte da Nem, que eu também tava, pôxa, nunca mais ia vê-la, ela pelo menos tava presente... aí começamos... aí mamãe disse: “Olha, eu vou arrumar as minhas coisas, eu sei que eu não vou resolver nada, mas eu vou ficar aí com você.” Era justamente o que eu queria. Eu estava precisando de um colo, minha filha não podia me dar colo, não tinha tempo, com duas crianças, com trabalho, com uma porção de coisas. Aí a minha mãe veio e ficamos nós duas na casa da Katia. Três dias depois, eu ainda tava passando muito mal na casa da minha filha, quando minha mãe chegou... Perdi 12 quilos... o meu corpo era mais ou menos esse, era um pouco mais... só que era mais bem distribuído. Eu não tinha a barriga que eu tenho, o corpo era mais bonitinho (*risos*) e eu perdi 12 quilos, fiquei com 45 quilos. Fiquei chupada, o cabelo caindo, a pele toda macerada, uma coisa horrorosa. Eu vou te mostrar as fotografias aí, no final de tudo eu vou te mostrar as fotografias antes e depois. Aí mamãe chegou, foi quando eu comecei a piorar, piorar, piorar e ligamos e fomos nós três pro médico, eu mamãe e Katia, minha filha. Mãe e filha e avó.

DN – Três gerações.

MT – Pro tal clínico, aí ele me examinou e ele é muito vivo, ele desconfiou logo. Aí ele disse: “Olha, eu vou tratar de você. Mas eu vou te internar amanhã, tá bom?” Eu digo: “Ai, Meu Deus do Céu! (*sussurrando*)

Outra vez, eu mal saí do hospital...” “É melhor. Você está com essa herpes aí muito forte, você está muito fraca, muito abatida e a... a, medicação injetável surte muito mais efeito. E depois tem uma coisa, a medicação é muito cara. Sendo dada no hospital, o hospital assume a responsabilidade. A UNIMED pega tudo, se eu te der em casa você vai ter que pagar uma enfermeira e a pessoa vai ter... e vai ter que assumir os compromissos.” Muito bem, no dia seguinte estou eu lá internada. Aí começa tudo outra vez, tomografia... aí ele mandou fazer...

DN – Endoscopia.

MT – ...aquela entubação, endoscopia, aí deu a cândida. Chamou uma especialista, uma... pneumologista, mas ela não constatou que eu estava com pneumociste e eu já tinha tido a pneumociste, já estava semi-curada da pneumociste. Eles mandaram eu fazer exame, tirei todas as radiografias outra vez, tomografia, e exame escarro, só que eles não mandaram fazer exame de escarro induzido e, pra HIV tem que ser escarro induzido. Bom, fizeram escarro, não tem pneumonia. Aí ele repetiu, repetiu, repetiu, os exames, dando remédio... Aí chamou a Katia, e disse: “Sua mãe...” e eu com diarreia, também tinha diarreia. Falei nisso? Diarreia. Aí falou pra minha filha que achava...

DN – A diarreia já veio mais nesse momento?

MT – Foi, foi um pouco depois a diarreia.

DN – Depois da internação com o neurologista.

MT – Tive um pouquinho mas fiquei boa, depois. Tive durante o hospital por causa da medicação, talvez, mas depois eu fique boa da, da, da diarreia. Quando eu fui para o hospital voltou a diarreia outra vez.

AP – Aí já tinha se passado quanto tempo?

MT – Isso aí foi janeiro... de médico, janeiro e fevereiro, já era março. Aí ele me internou.

AP – Chamou a sua filha.

MT – Chamou a minha filha e disse que tinha uma suspeita muito desagradável, que tinha três suspeitas. Ele até que foi... era câncer generalizado, tuberculose, mas que pneumologista tinha afastado essa possibilidade de tuberculose, eu fiz todos aqueles testes, né? E que ele precisava fazer um teste de HIV, mas que a UNIMED não pagava o teste e que tinha que ser particular. Aí Katia arranhou dinheiro e mandou fazer.

AP – Isso depois ela te contou tudo

MT - Ela me contou tudo. Nessa época eu não sabia de nada, ela aguentou uma barra pesada. Os meus filhos, Nosso Senhora! Eu não posso nem coisa como eles foram maravilhosos. Eu posso hoje, é que imagino o sofrimento da minha filha, né? Ter que guardar pra ela... aí foi quando ela não aguentou, aí... ela ligou pra minha irmã. Ela tinha que dividir com alguém. Ela disse: “Mãe, eu tinha que dividir...”

DN – Sua irmã que mora...

MT – Minha irmã que mora em Recife. Aí contou, pra minha irmã... inclusive, que tem os exames, minha irmã disse: “Olha, o que ela precisar eu assumo. O que o plano de saúde não cobrir, você pode fazer e me diz que eu deposito o dinheiro no banco. E se precisar eu vou passar uns dias aí com ela.” Aí... já sabia, fique mais 15 dias no hospital, melhorei um pouco e o médico me deu alta. E eu não sabia de nada. “Afinal, o que que eu tenho?”

DN – O corticóide ele tirou logo?

MT – Não, não, não. Já tinha...O próprio...

DN - Neurologista já havia suspenso.

MT - ...neurologista já havia suspenso, já. Aí ele me deu outra medicação. Ele deu uma medicação, eu fiquei boa da herpes, melhorei um pouco do estômago, porque ele descobriu que eu tinha cândida, e me deu a medicação, Lisoral, que hoje é meu velho conhecido, né? A gente já sabe de tudo. E me deu alta. Eu disse: “Bom, descobriu o que que eu tenho? Vai me deixar...”, porque ele era jovem.

DN – Você perguntou pro médico.

MT – ...ele era jovem, brincava muito comigo, gostava muito de mim, achava a minha mãe um encanto: “Que velhinha mais assim, elegante, não sei que mais lá...”, da minha mãe, adorava a minha mãe. Porque a minha mãe ia todo dia no hospital com a Katia. Eu fiquei... eu disse: “Olha não precisa ficar me acompanhando...”

DN – Que hospital você ficou Teresinha?

MT – Eu fiquei... a primeira vez eu fiquei no Santa Maria, ali na Rua das Laranjeiras, porque era sábado de Carnaval e era o único que tinha neurologista. Por isso que eu fui pra lá. E o no outro, eu fiquei naquele ali da rua... que vai dar no Largo do Machado... Santa Lucia? Não... uma casa de saúde boa... acho que foi Casa de Saúde Santa Lúcia.

DN – Santa Lúcia é em Botafogo.

MT – Em Botafogo... não, não, uma que vai dar no Largo do Machado, tem um muro grande, alto, uma casa boa... uma casa de saúde muito boa. E eles tem uma enfermaria, enfermaria individual, eles chamam de enfermaria, era quarto individual. Poderia pagar acompanhante, mas eu disse: “Não, de noite eles me dão remédio para dormir, basta vir de dia.” Aí eles se revezaram, um ia de manhã e outro ia de tarde. E as minhas amigas também, continuavam se revezando, procuravam não ir duas, três ao mesmo tempo, até que eu tive alta, para resumir a coisa, eu tive alta e disse: “Bom, e agora?” Eu perguntei pra ele. Ele disse: “Olha, eu ainda estou pesquisando, eu ainda tenho algumas opções. Eu... você volta daqui a 20 dias.”

DN – Para ele, pro clínico também você falou, quer dizer, sugeriu fazer o teste...

MT – Não.

DN – ...e não dizer pra você o resultado? Porque para o neurologista você falou isso.

MT – Não. Mas aí quando eu fui no neurologista ele disse: “Olha, você só falta agora engordar e arranjar um namorado, porque você não tem câncer, você não tem HIV, tá tudo aqui negativo. E nem precisa voltar mais aqui.” Aí foi quando eu comecei tendo coisa, continuei ligando, ligando, ligando pra ele e não voltei mais pra ele, já voltei... que era um colega dele, inclusive, que dividia o consultório com ele. Então, eu fiz essa brincadeira com ele, ele disse que estava pesquisando que quando eu voltasse... que eu fosse pra casa, me recuperar, que agora eu já poderia comer, parari, parara... quando eu voltasse ele já teria o resultado dos últimos exames que ele tinha mandado fazer. Só que... hoje é que eu sei, que todo mundo já sabia, menos minha mãe e eu... éramos as únicas inocentes e eu vim pra casa. Aí eu disse... voltei pra casa da minha filha. Aí eu disse: “Katia, manda fazer uma limpeza no meu apartamento, faz... prepara umas coisinhas aí, que eu vou... eu quero ir pra casa. Aqui eu estou no quarto das crianças, eu estou no teu quarto, eu estou sentindo que eu estou incomodando, eu e mamãe estamos incomodando, não tá legal, eu quero ir pra casa.” Aí mandou, chamou a faxineira, foi lá, mandou fazer a arrumação... “Mas mamãe, e a comida?” Eu digo: “De vez em quando você leva umas coisas...” Mamãe não cozinha nada, nunca cozinhou na vida dela bem, né? Mamãe sempre teve a Nem que fazia todas as comidas divinas que a gente... Ah! Ela amava a comida que ela fazia... mas eu disse: “Ah, um mingalzinho, essas coisas que eu estou tomando dá pra ela fazer, uma sopinha...” Aí ela fez uma porção de sopa, uma porção de coisa, botei no congelador, já levei mais ou menos algumas coisas preparadas e voltei pro apartamento com mamãe. Aí quando... isso, aí chegou Semana Santa, abril.

DN – Esse era o de Santa Teresa ainda, você já tinha vendido? Não.

MT – Não, vendi depois.

DN – Foi exatamente nesse momento é que vem a doença?

MT – Nesse momento. Aí, eu só tinha um quarto, eu dormia com mamãe, né? Na cama, né? Aí... ..chegou a Semana Santa, Katia falou: “Minha filha você vai viajar?” “Por que? Você quer ir com a gente?” Eu disse: “Não, eu acho que você pode viajar, eu fico só com a vovó.” Aí quando chegou na... ela viajava na quinta, se não me engano, aí quando chegou na quarta-feira ela me telefonou: “Mãe, tenho uma surpresa! Tia Cristina chega amanhã.” Aí me deu uma luz. “Cristina? Nunca deixou o marido nem os filhos pra nada nesse mundo. E vem passar uma semana sozinha aqui comigo? Alguma coisa está errada e não estão querendo me dizer.” (*risos*)

DN – E você fisicamente vinha melhorando?

MT – Não, do mesmo jeito. Muito cansaço, muita dor, vômito, sabe? Não me dava vontade... “Ah porque que eu não fiquei no hospital? Era melhor ter ficado no hospital.” Aí a minha irmã trouxe tudo que eu tinha direito. Trouxe queijo de coalho e trouxe bacalhau para fazer no leite de côco. E trouxe assim tudo, trouxe até aipim, ela trouxe tudo no avião, que ela veio de avião, e ficou comigo uma semana. Coitada da minha irmã! Ia pra cozinha, só dela fazer a coisa que me dava um enjôo (*sussurrando*), ia lá no banheiro e vomitava (*risos*), entendeu? Ela fazia... olha, eu fiz isso... trouxe feijão de

corda, não sei se você sabe o que que é? Feijão fradinho verde. Preparou feijão de corda, eu disse: “Olha, faz o meu só na água e sal, com temperinho, com cuentrozinho e caldinho que eu tomo feito uma sopa.” Eu experimentei. Tudo que eu experimentava eu tomava duas, três colheradas, um gole de água, era o suficiente, porque se fosse mais uma..., eu digo: “Não, Tina. É melhor ficar com esses do que vomitar o resto.” Katia volta da Semana Santa... durante esse tempo eu fiz um sacrifício, pegamos um taxi, fomos, minha irmã, o único lugar que ela não conhecia aqui era Jardim Botânico, aí nós fomos até o jardim Botânico, eu, mamãe e ela. Eu estava tão cansada que eu fiquei sentada num banco porque eu não aguentei andar o Jardim Botânico e elas foram conhecer o Jardim Botânico e eu fiquei sentadinha no banco lendo jornal até elas voltarem, para você ver tal o estado de magreza, de fraqueza que eu estava.

Aí acabou a semana santa a Katia veio, chegou o dia do médico. Aí meu filho já tinha chegado, não sei da onde ele chegou, realmente agora eu não lembro. Aí tapeamos a mamãe, não sei o que elas arranjaram, que era muita gente pra ir. Aí foi, Katia, Júnior, Cristina e eu pro médico. Sentamos lá, aí apresentamos a Cristina, não sei se a Cristina já tinha ido lá, a Kátia já tinha ido falar... ela e o marido... Ih! Por trás disso muita coisa se passou. Meu filho foi lá conversar com o médico, telefonou, eu não sabia, depois foi que eu fiquei sabendo de tudo. Aí, conversamos: “E, aí como é que está se sentindo?” Eu digo: “Ah, eu estou melhor mas eu estou muito cansada, eu quero ficar boa logo...”, e eu comecei a ficar muito... que eu fico muito assim, muito íntima das pessoas com muita facilidade. E eu falava Luiz, diz logo o que que eu tenho. Aí ele disse: “Você lembra das opções?” Porque eles tinham combinado... minha filha diz que ficou muito danada da vida com o médico, que eles tinham combinado que eles... ele não ia me dizer ainda. Mas eu forcei a barra. Aí o que aconteceu foi o seguinte: “Você lembra o que eu te disse?” “Não. O que você falou?” “Aquele papel que eu tive que mandar pra Secretaria de Educação pra poder dar a sua licença, você não leu aquele papel?” Eu disse: “Ah, eu li, mas eu li no dia que eu estava lá cheia de dor, eu me lembro mais de nada, Luiz. Diz pra mim.” Ele disse: “Tá bom. Eu suspeitava que você tinha tuberculose, ou...” - aí repetiu - “...câncer generalizado, ou imunodeficiência...” - ele não usou a HIV. Aí ele disse: “E então, qual dos três?” “Nenhum?” “Não. Infelizmente tem outro.”

DN – Quem falou nenhum ele?

MT – Ele. Eu falei: “Nenhum?” Ele disse: “Não, infelizmente tem um.” Eu falei: “É câncer?” “Por que?”, ele me perguntou e eu disse: “Porque eu já tive uma cirurgia em que os médicos fizeram uma colostomia...”, porque achavam que eu tava com câncer no intestino e não tava. E tiraram um pedaço, tenho até hoje a cicatriz da colostomia, isso há dez anos atrás, dez anos não, há 17 anos atrás. Todo mundo achou... eu fiquei um mês no hospital, todo mundo achou que eu ia morrer, tão moça, tão bonita, não sei que mais lá, e eu não morri e estou vivinha até agora. Então, de repente, poderia... foi o que me veio mais ao alcance porque eu acho que tuberculose, até da tosse, de tudo que eu tive, acho que eu não tenho. Ele disse: “Não, não é câncer, e nem tuberculose.” “Então o que que era?” “Infelizmente, Teresinha, você não precisa, já tem tratamento, não sei o que mais lá, você está com imunodeficiência.” Você acredita que eu não atinei o que era imunodeficiência?

DN – Acredito.

MT – “Imunodeficiência? O que que é isso Luiz?” “Ah Teresinha, você está brincando

comigo! Você é uma mulher inteligente, tarará, tarará, tarará...”

DN – Até porque você já tinha pedido duas vezes pra fazer o teste.

MT – “Luiz, fala o nome, não é possível eu quero saber!” “Teresinha é AIDS.”
(*interrupção da fita*)

Bom, aí o médico disse: “Você tem AIDS Teresinha.” Aí eu disse: “Você está brincando comigo! Porque o doutor...” - que eu não lembro o nome agora - “...meu neurologista falou que meu teste deu negativo. E agora você vem me dizer que eu estou com ele, com HIV? Ah tá brincando, né? Luiz?” Aí nesse ínterim. “Não, Teresinha. Não estou brincando. Eu estou falando muito sério.” Aí eu parei, quer dizer, eu não tive nenhuma reação, eu não chorei, eu não berrei, eu não gritei, eu não fiz nada, eu parei. Aí, estava meu filho, minha filha, aí eu falei: “Tudo bem.”

DN – Isso foi no consultório dele?

MT – No consultório dele, lá em Copacabana. Aí eu disse: “Meus netos.” Aí ele começou a falar: “Teresinha, hoje já existe mais recursos, não é como antigamente, eu vou te dar uma orientação. Você pode continuar vendo seus netos, abraçando seus netos, beijando seus netos, não tem o mínimo problema. Você pode continuar convivendo com seus netos.” Aí minha filha, os meninos resolvem me deixar sozinha com ele. Saíram meus filhos e minha irmã e eu fiquei conversando com ele. Ai eu falei: “Pôxa, você me enganou, todo mundo me enganou, eu pedi porque... desde o começo eu pedia e ninguém me atendia, pra fazer o HIV. Eu precisei passar 4 meses, sofrer 4 meses pra poder descobrir isso?” E ele disse: “Teresinha, você sempre soube que estava com HIV.” Eu disse: “Eu tinha uma desconfiança. Mas a partir do momento que um médico me apresenta um teste negativo, eu tirei isso completamente da minha cabeça!” Daí a razão de eu não aceitar de eu não... em botar a minha mente e não raciocinar, tá entendendo? Aí depois os meninos voltaram, ele saiu comigo, aí ele disse qual era a conduta que eu deveria procurar o grupo, aí deu toda orientação, que eu devia procurar um grupo de apoio, que eu ia encontrar outras pessoas, que eu ia encontrar pessoas jovens, que eu ia encontrar executivos, aí ele foi assim até que legal entendeu? Me acompanhou, me pagou uma água de coco, que eu podia telefonar e qual era o caminho...

DN – Esse médico quem era? Ele atendia, já tinha atendido outros casos de AIDS?

MT – Alguns casos de AIDS, mas ele disse o seguinte: “Eu sou um clínico, eu por acaso estudo bastante, gosto de estudar e eu realmente, assim que você chegou eu desconfiei, mas precisava ir com calma, até pelo seu estado, fazer a tua filha. Agora, cessa aqui a minha competência, eu não tenho competência para tratar de você, você agora precisa de procurar um...” - como é que se diz? Imunologista? Não... esqueci até do nome...

DN – Infectologista.

MT – Infectologista. Eu disse: “Você tem alguns?” Ele disse: “Olha Teresinha, eu tenho bons nomes mas todos eles particulares.” Só que inclusive ele foi aluno do meu médico mas ele não lembrou do meu médico. Aí ele disse: “Você tem uns caminhos, é procurar o Hospital Gafree ou então procurar o Fundão. No Fundão eu tenho lá alguma pessoa, algum conhecido que pode ver pra você.” Aí saímos de lá, ele me acompanhou, foi até

perto do carro, pagou uma água de coco pra mim e eu vim pra casa. Aí, Katia passou na casa dela, pegou a mamãe e levou eu e minha irmã e mamãe pro apartamento de Santa Teresa. Olha, eu fiquei assim, sabe quando você não... paralisada, não raciocinava, sabe? Eu não raciocinava, eu não sabia. Aí depois que a gente fez um lanche, que eles fizeram um lanche, que mamãe foi dormir foi que eu sentei e conversei com a minha irmã, abracei a minha irmã e chorei muito. A minha irmã foi assim, super, super, super legal comigo, não me fez uma pergunta, que tava comigo, se eu queria ir com ela pra passar uns tempos lá com ela. Eu disse não, eu queria que mamãe ficasse mais um tempo, mas ela disse: “Mamãe não pode ficar, que ela tem umas coisas pra resolver, negócio de apartamento...” Aí eu me tranquei no banheiro, mamãe estava dormindo, que era um apartamentozinho pequenininho, aqui era a sala, ali era o quarto, ali era o banheiro e a cozinha e consegui ligar... o meu primeiro médico que me internou a primeira vez e me chamou o neurologista e que era meu amigo mesmo, amigo do pessoal. A gente saía pra jantar, a gente saía pra ir a um cinema. Eu conheci a mulher dele, conheci os filhos dele, que também mulher dele também era médica...

Fita 4 – Lado B

MT – Aí eu consegui ligar para ele e disse: “Marcio eu estou desesperada!!!! Deu positivo o meu HIV.” Aí chorava eu e ele do lado de lá, eu não posso nem chorar “Mas, Tetê. Tenha calma!” - todo mundo me chama de tetê - “...tenha calma e parara, parara, parara...” Finalmente eu desliguei e tomei um remédio e só conseguia dormir a base de remédio, né? Bom, aí passando um tempo, nesse tempo o meu marido... ele é engraçado, quando eu estou doente ele aparece, muito engraçado, né? Ele me visitou na primeira internação, na segunda ele não foi, mas na terceira ele foi... não, na segunda ele soube, mas quando ele soube, Katia falou para ele, ele foi lá no hospital se informar... porque ele foi médico do Gafrée, né? Qual é a sua linha? Lá de cima é Fundão?

DN - Sou sanitarista.

MT - Ah, tá! Porque o doutor Batalha... o meu sogro era um médico muito conhecido, um ortopedista, na época muito conceituado. Aí ele foi procurar... aí encontrou uma médica... procuramos o doutor Ney, que era meu ginecologista, não achamos o ginecologista, que também era do Gafrée pra vê se dava uma orientação pra gente, mas o José Eduardo foi lá informou a médica...

DN – Isso foi depois da recomendação do seu médico de procurar ou o Gafrée ou o Fundão, não é isso?

MT – Exatamente, do último médico que descobriu que eu estava com HIV.

AP – O último médico, o clínico.

MT – Que disse que não podia mais fazer nada porque ele só conhecia médicos particulares, não conhecia médico que tivesse plano de saúde e eu não tinha condição de sustentar o médico e nem de comprar remédios. Aí ele foi, inclusive já veio... ele disse: “Você já está indicada pra tomar o AZT, mas eu não vou indicar o AZT pra você porque eu não vou acompanhar você. Eu acho que quem tem que indicar o remédio é o infectologista que vai te acompanhar, ou do hospital ou particular.” Muito bem. Aí o José Eduardo foi lá no Gafrée e finalmente o médico não estava...

DN – Então ele já sabia que você estava HIV positivo?

MT – Quem? Meu ex-marido? Sabia, Katia falou pra ele. Sabia e ele se dispôs a ajudar. Aí foi lá no hospital, conseguiu até um vidro de AZT, mas eu não tomei porque eu... e consegui saber qual era os procedimentos, mas a médica que era encarregada, parece que estava de férias, ou não era o dia dela, qualquer coisa assim, no dia seguinte ele voltou...

AP – Deixa eu entender uma coisa Terezinha, quando o médico te deu o diagnóstico todo mundo já sabia, é isso?

MT – Todo mundo.

AP – E aí a Katia até já tinha dito pro José Eduardo...

MT – Todo mundo já sabia, Katia, Júnior meu filho, todos os meus irmãos...

AP – Mas dentro desse intervalo de 20 dias que você falou, que saiu da internação...

MT – É, quando eu saí da internação, todos eles sabiam. Tanto que a minha irmã veio por causa disso, meu irmão telefonava, entendeu? Toda a família sabia, menos eu... e a minha mãe, que não sabe até hoje. Aí encontrou uma médica. Aí essa médica falou: “Olha José Eduardo, eu posso atendê-la aqui perfeitamente. Ela tem algum plano de saúde?” Ele disse: “Tem. Ela tem UNIMED.” Ela disse: “Pois é! Eu atendo também pela UNIMED. Então seria melhor que ela fosse ao meu consultório, eu atendo pela UNIMED e eu mesma já venho aqui, faço a ficha dela, ela nem precisa vir aqui. Ela basta vir aqui pegar o remédio e dou os remédios pra ela.” Aí eu fui à médica. Fui com a Katia, ela examinou tudo, levei negócio de exame era consulta de duas horas porque levei uma sacola cheia de exames, fui a essa médica... Nesse meio tempo, eu marquei tudo que eu tinha direito. Aí consegui com uma amiga que trabalha lá no Fundão, conseguisse outra consulta lá no Fundão. Eu vou ver e quero saber de tudo o que que tem, agora eu quero saber de tudo. Aí marquei, ela conseguiu marcar comigo uma... consulta lá no Fundão. Como aqui, eu tive mais facilidade aqui no Gafree, essa médica era responsável lá pela distribuição da medicação, que naquela época era bem diferente. E ela fez a minha ficha, pegou todos os meus dados e disse: “Amanhã de manhã você passa no Gafreee...”, me examinou tudo, disse que eu ia tomar AZT, Lisoral... é só. AZT, Lisoral... ainda por causa do estômago. E eu tava com o cabelo caindo, tava com a pele muito... feia, a sola do pé com dor e saindo a pele toda e ela disse: “Eu tenho...” Eu disse: “Pois é! Eu queria engordar um pouquinho. Eu, o meu cabelo...” Eu super vaidosa e tão feia, né? Que eu tava! “Ai, o meu cabelo! Eu tô tão feia, tão horrorosa! Queria ao menos melhorar o meu aspecto, né? Estou a própria aidética!!” Até eu falava a palavra aidética nessa época (*risos*). Aí ela dizia: “Olha, eu tenho um bom e é da UNIMED.” Aí me deu o telefone aí eu comecei...

DN – Um bom dermatologista.

MT – Dermatologista. Aí fui pro dermatologista. Adorei o dermatologista, com 15 dias o meu cabelo parou de, de, de...

AP – De cair.

MT – ...de cair e começou a nascer. Os meus pés também descascaram todos, melhoraram. A minha pele melhorou com o creme que ele passou, tudo. Aí eu já comecei a me sentir um pouquinho melhor, mas me olhava no espelho e me achava horrorosa, aquele cabelo que Deus-me-livre! Aí... Katia: “Mãe e agora? Você vai ficar com essa médica aí?” Eu disse: “Eu não. Não sei, Katia. Alguma coisa... que não é aquela pessoa... sabe? Alguma coisa... é simpática, é uma pessoa agradável, me pareceu competente mas... Eu tive indicação pra ir a outro médico e eu já estou com ele marcado.” Aí fui no dermatologista, marquei com o meu médico atual, aí depois, sabe de uma coisa... aí fui lá no Fundão, desmarquei com o médico porque coincidia, que era mesmo aí fui no Fundão. Aí fui no Fundão uma vez, fiz a minha inscrição, recebi o meu cartão e marquei uma consulta pra tal dia, tal hora, meio-dia. Mas, nessa época eu não andava sozinha. Meu filho deixou o curso de inglês que ele estava fazendo, que ele sempre faz reciclagem pra ter que falar...

DN – Você não andava sozinha pela fraqueza que você estava?

MT – É, pela fraqueza, pela fraqueza. Aí eu melhorei um pouquinho aí eu falei pra Katia: “Olha, dá pra pegar um táxi.” “Mãe, eu não vou poder te levar hoje. O Júnior está não sei aonde...” Aí eu disse: “Pro Fundão, eu pego um taxi. Na ida, salto lá, não tenho que andar muito.” Então, a primeira vez... não, minto, a primeira vez a própria médica, amiga minha me levou, chegou lá foi, me apresentou lá, as pessoas, a parte burocrática pra fazer a minha inscrição no Fundão. Eu fiz a minha inscrição e tomei um taxi de volta. Da segunda vez eu tava... aí marcaram consulta, como é que é, é muito dolorido, meio-dia. Aí o Júnior me levou de carro: “Mãe, eu tinha que fazer... que horas eu te encontro?” Eu digo: “Não, eu volto de taxi. Porque aqui tem taxi aqui parado e pára na porta de casa.” Não adianta... Aí eu fui, fiquei lá esperando com todas as minhas... exames.

DN – Seus exames que você já tinha feito fora.

MT – É, fora. Meio dia, às duas horas da tarde eu era a primeira, ficha número um, fui chamada. Um monte de estagiário, não tinha uma médica responsável. Me viraram pelo avesso. Finalmente, quando eles estavam dizendo “Ah, porque a senhora... vai precisar tomar o AZT e Bactrim...” - que a outra não passou o Bactrim - “a senhora vai tomar AZT e Bactrim.” Aí receitou lá o Bactrim, acho que era recém formado, os outros eram estagiários... aí chegou uma médica já mais... “Ah, a gente queria ouvir a tua opinião...” Aí, mostraram, fizeram um relato, aí ela olhou e disse: “Todos os seus exames são da UNIMED, né?” Eu disse: “É.” Ela disse: “Por que você está aqui?” Eu disse: “Porque o meu plano não dá direito a internação e o meu plano não dá direito a medicação. Meu plano é um plano simples. Eu não tenho dinheiro eu sou uma simples professora, eu não tenho dinheiro pra pagar remédios, por isso eu tenho que me tratar num hospital público.” Aí ela disse: “Olha, quer uma sugestão? Existe um médico, às vezes ele é um pouco meio grosso, dizem que ele é grosso, ele é um pouco meio rude mas às vezes ele é extremamente carinhoso e é uma pessoa extremamente competente. E ele tem UNIMED. Você faz o acompanhamento dele pela UNIMED e vem aqui só pra pegar os remédios.” Eu disse: “Você me dá o telefone dele?” Quando eu abri era o telefone do médico que eu tinha desmarcado...

DN - Pra ir no Fundão.

MT - ...pra ir no Fundão. E eu disse: “O Dr. Celso? É esse aqui...” “Mas então porque que você não foi lá?” Eu disse: “Pois é! É que já estava marcado aqui e eu precisava...” “Então vai lá, vai lá. Você vai gostar dele.” Aí eu fui e realmente, cheguei em casa, marquei consulta e fui e me apaixonei por ele, fiquei encantada. Sabe como uma pessoa assim vai... é este o homem que vai cuidar de mim. É este o homem que vai me botar boa, não vai me curar porque não tem cura. Mas esse homem vai me botar do jeito que eu quero ficar. Aí conversamos muito, levei todos os exames (*risos*)...

DN – Você levou uma malinha.

MT – Já era uma malinha. Agora, nesse meio tempo... a minha... nós decidimos, eu decidi, que eu ia entregar o apartamento... meu cunhado me telefonou... isso enquanto eu tava aqui lutando com os remédios, lutando contra a dor, né? Lutando contra... o meu próprio preconceito, né? Sem poder aceitar... eu por exemplo, eu tive muita dificuldade de dizer pras pessoas que eu tinha HIV. Lúcia, por exemplo, que me levou pro hospital, que me acompanhou o tempo todo no hospital, que levou os meus exames pra eu conseguir a minha licença de saúde, ela já sabia, porque a Katia contou pra ela, ela foi lá me visitar “Tetê, e aí? Afinal de contas o que que o médico disse...” Eu comecei a tapear ela, ela disse: “Tetê não me tapeia não, conta a verdade.” Aí eu me abracei com ela e disse: “Pois é, Lúcia! É verdade, Lucia. Eu acho que você já sabe, que eu estou com HIV.” Aí choramos juntas e foi a primeira vez que eu tive coragem, assim, que eu tive assim, que eu pronunciei, eu estou com AIDS, eu estou com HIV. Aí, daí pra frente minha filha... ficou tudo mais fácil. Nesse ínterim mamãe ainda tava aqui, telefonei, conversei com a Katia, disse que ia entregar o apartamento. Liguei pro meu sog... meu genro, não, meu cunhado, marido da minha irmã...

AP – Que é a Cristina?

MT – ...a Cristina e disse: “Olha Fábio, você fica tranquila que nós vamos entregar o apartamento.” Aí Katia disse: “Mãe eu tive uma solução. Já conversei com papai, já sugeri a papai.” Então, existia o seguinte: o antigo apartamento do meu sogro que era duplex, a minha sogra era pintora, era atelier, então, o apartamento da minha sogra era diferente do meu, porque ela fez uma *kitnet*, o meu tinha uma sala e um banheiro em cima, duplex e um terraço, o dela tinha uma *kitnet* com fogão, com pia, tinha um quarto com armários embutidos onde ela pintava e tinha uma sala e um bom banheiro. A antiga empregada que tomou conta do meu sogro morava embaixo com as filhas e tinha uma escada e aquilo lá em cima tava desocupado. Aí Katia achou que era uma ótima idéia eu ir pra lá, porque eu ficava pertinho dela, porque Santa Teresa era muito contramão, tinha uma escadaria de 180 degraus ou então tinha que ir de taxi ou de carro, né? Katia tinha carro o Júnior tinha carro mas, pra mim ficava muito difícil a locomoção e a gente teria a forma, a gente decidiu... primeiro a gente decidiu de vender o apartamento, eu digo: “Olha, eu não sei, quando eu ficar boa, quando eu melhorar eu vejo o que é que eu faço da minha vida.” Aí ela disse: “Mamãe eu tenho essa sugestão, eu falei com papai e papai disse que tudo bem, não tem problema. E falei com a Aparecida e a Aparecida disse ótimo, toma conta de você, limpa o apartamento, faz a tua comidinha e você fica pertinho de mim, da tua janela eu vejo a minha.” Eu realmente não gostei da idéia não, mas também não tinha muito o que discutir, não estava com disposição pra brigar, discutir, fazem o que vocês quiserem. Aí fizeram eles mesmos, que eu só vivia deitada,

fui pra casa da Katia, eu só disse: “Eu quero que faça isso, bota isso aqui, isso aqui...” Aí a minha irmã começou, Katia trouxe os caixotes, Katia começou a embalar as minhas coisas, fizeram a minha mudança pra Paulo de Frontin, terceira vez. Só que agora não era o meu apartamento que eu morava, era o apartamento que o meu sogro morava e só na parte de cima, o duplex.

AP – Que era independente.

MT – Era totalmente independente, eu entrava até por fora, não precisava nem entrar pela casa dela... aliás, os dois tinha entrada... por exemplo, quando eu dava festa, as pessoas em vez de entrar no meu apartamento e subir a escada, as pessoas saíam do elevador e subiam mais uma escadinha.

DN – Era tipo cobertura, na verdade era o último andar e mais uma cobertura.

MT – Mais a cobertura, só que tinha comunicação por dentro e por fora. Aí... pronto, fizeram a mudança. Eu me instalei lá, minha irmã ficou umas duas ou três noites, tinha que voltar e a minha mãe botou na cabeça que tinha que voltar com a minha irmã. Aí foram as duas embora e eu fiquei sozinha com a minha dor, com a minha solidão, com a minha AIDS. Aí eu entrava quase que em desespero, eu não sabia o que fazer da vida, passava o dia inteiro deitada na cama vendo televisão. A comida que ela fazia ela botava muito alho que quando ela... ela botava o alho, apesar de ser longe pra burro, subia um cheiro do alho, chegava... vou eu lá vomitar. Apesar de tudo, né? Aí então, nesse meio tempo, eu vou para o Fundão, eu já estava na Paulo de Frontin, aí minha irmã vai embora, aí eu fui a essa médica, depois eu fui para o Fundão e depois finalmente eu fui pro Dr. Celso Ramos. Aí gostei muito dele e ele disse: “Já começou a tomar a medicação?” Eu disse: “Já. Eu fui a uma médica mas eu não vou ficar com ela, eu vou ficar com o senhor. E ela já disse que devia tomar AZT e Bactrim e Lisoral.” Ele disse: “Suspende o Lisoral e toma o AZT e o Bactrim.” Eu digo: “E o meu estômago?” “O estômago vai melhorar.” Aí eu comecei tomar a medicação, nesse meio tempo, a Katia começou a me infernizar a vida: “Mãe, vamos lá no Grupo?” Eu digo: “Katia!? Que Grupo? Eu mal me levanto, que...” Aí começou, começou, começou começou... A Dora, também, uma amiga minha que é psicóloga, ia lá em casa, a outra que era fisioterapeuta ia lá em casa me fazer massagem, e todo mundo: “Você tem que reagir.” Aí, quando foi um dia eu fiz um escândalo: “Eu não aguento mais! Eu tô querendo colo, e vocês querem que eu reaja, vocês querem que eu tenha coragem. Será que vocês não entendem que eu tô morrendo de medo, eu tô com medo de morrer e vocês ao invés de me dar carinho vocês ficam querendo que eu vá, vá, vá, pra onde? Pra morte?” Aí todo mundo ficou assim (*risos*) Aí eu disse: “É isso que eu quero, que me abraça, que me beije, que me dê carinho, é isso que eu quero.” Aí todo mundo me abraçou, me beijou: “Tá bom, amiga! A gente vem todo dia aqui, vem o dia que você quiser, o dia que você tiver vontade você vai.” Mas todo mundo desistiu a Katia não desistiu...

DN – Que você fosse ao grupo.

MT – Aí eu falei: “Tá bom.” “Mãe eu vou com você.” “Está bom, então vamos, eu vou.” Aí um dia eu melhorei e fui, ainda não tinha ido no doutor Celso, quando eu fui e cheguei lá e ouvi aqueles negócios de CD4, não existia ainda a carga viral, “E o seu CD4 está quanto?” Eu digo, eu sei lá o que é CD4. Aí eu fique lá num cantinho só

ouvindo...

AP– Você foi para o Grupo de Mulheres?

MT – Grupo de mulheres.

AP – Você não passou pela recepção.

MT – Não, porque a Kátia e a minha irmã já tinham ido ao Grupo de Mulheres.

DN – Já tinham ido ao grupo PELA VIDDA, de repente até pela recepção.

MT – Foram, falaram com a Daisy e falaram do meu caso. Aí a Daisy disse: “Traz ela aqui, faz uma animação...” e a Kátia ficou tão entusiasmada, que conheceu Valéria e achou que quando eu conhecesse Valéria que eu ia adorar, aquele negócio todo e ela ficava me dizendo. Até que ela me disse: “Mãe, eu fui lá. Tem gente jovem, tem gente legal, eu acho que vai ser uma boa pra você...” Foi quando eu resolvi ir no grupo. Aí a segunda vez ela me levou e depois eu passei a ir sozinha. Mas assim, ia só ouvir, ia só ouvir. Aí eu comecei a melhorar, melhorar, melhora, aí comecei frequentar realmente o grupo. Aí foi quando se deu a minha virada em todos os sentidos.

DN – Aí Teresinha, acho que essa entrada no grupo e a sua virada, acho que a gente poderia deixar para uma próxima vez.

MT – Outro dia... Ih!!! Mas é pouca coisa...

ESSA FITA NÃO FOI INTEGRALMENTE GRAVADA

Data: 07/05/1998

Fita 5 – Lado A

DN – Vamos dar início a entrevista com Maria Terezinha Vilela Duarte, pro projeto A Fala dos Comprometidos: ONGs e AIDS no Brasil. Hoje são 7 de maio de 1998, os entrevistadores são Dilene Raimundo do Nascimento e Ana Paula Zaquieu.

Terezinha, você tava contando pra gente na última, última vez ééé assim, sua filha que estava insistindo pra você ir no grupo PELA VIDA, parece até que ela já tinha ido, ela trazia material, trouxe material parece pra você....

MT – (*tosse*) E não só, acho que agora eu estou lembrada, minha filha e meus amigos. E eu, teve um dia que eu dei uma explosão, né? Que eu não tava precisando não era disso, que era de carinho, era de atenção, que tinha a minha hora. Aí tanto a minha filha continuou insistindo que um dia eu disse: “Está bem, eu vou.” Mas eu disse: “Mas olha pra mim. Eu vou desse jeito?” “Mãe, não tem problema não.” Porque eu tava com pouco cabelo, tava muito magra, pior do que aqueles retratos que vocês viram, né? Eu digo: “Todo mundo vai olhar pra mim na rua e vai dizer que aquela tem HIV.” Pior que a gente não falava HIV, que ninguém falava HIV, hoje se fala, né? Naquela época era aidético mesmo, né? Aí, nós fomos... chegamos lá tinha a Valéria, Dayse, que ela já se conheciam, porque a minha...

DN - Foram você e sua filha?

MT - É, minha filha foi comigo, eu não andava sozinha na rua. Eu tava muito fraca pra andar sozinha ainda. Só andava dentro de casa, e assim mesmo com muito dificuldade. Eu passava o dia realmente deitada, não conseguia ler, não conseguia me concentrar, televisão que eu via... era praticamente deitada dormindo, me levantava só porque às vezes dá dor, né? No corpo, né? Pra fazer as refeições... mas na maioria do tempo era deitada. A fraqueza ainda dominava muito, porque eu tava naquela fase que eu ainda não tinha começado o tratamento... tava ainda procurando médico, já tinha ido numa médica. Aí... fui lá... aí tinha a Olaique (?), tinha a, como já disse, a Valéria Lewis, tinha uma outra menina que era uma gracinha, Lídia, Norma tava lá e outras pessoas assim que eu não lembro no momento. E eu realmente eu ouvi, ouvi, ouvi, quase... não falei nada, levei o meu lanchinho...

DN – Você já foi... já pela primeira vez, você foi no Grupo de Mulheres?

MT – Foi... foi direto pro Grupo de Mulheres, né?

DN - Já foi direto pro Grupo de Mulheres.

MT - Fui direto pro Grupo de Mulheres.

AP – Só um momento. A sua filha passou pela recepção ou também não? Foi direto pro Grupo de Mulheres?

MT – Não, ela foi direto pro Grupo de Mulheres. Foi direto pro Grupo de Mulheres, ela e a minha irmã. Aí eu achei aquilo... é por isso que hoje quando as pessoas chegam eu digo: “Vão com calma.” Aí, eu fiquei completamente baratinada, porque hoje ainda

tem... ainda é pior, né? Mas falava: “Como é que estão os seus CD4?” “Eu sei lá o que é CD4!!” “E você está tomando anti-retroviral?” “Sei muito menos o que é anti-retroviral!!” E não sei que mais lá, não sei que mais lá e aquelas coisas todas que a gente... que, que se fala quando a pessoa chega, né? Aquilo me baratinou completamente. Mas, por outro lado, assim, ouvir a Valéria falar foi muito bom; aquela... uma outra menina, a tal da Lídia que nunca mais apareceu no grupo, se casou agora, tá namorando um rapaz também soropositivo, estão morando juntos, estão muito bem, estão muito felizes; a Daisy, aquele jeito da Dayse, tranquilidade, ela falou do filho, falou; mas eu mesma falei muito pouco, porque eu não tinha ânimo. Quando chegou quatro horas, eu disse: “Katia, vamos embora.” Quatro horas eu vim embora que eu não aguentava, já tava querendo dormir, eu queria ir pra cama, né? Levei lá uma maçãzinha, alguma coisa pra fazer um lanche e vim embora.

Aí trouxe mais material e fiquei pensando no que eu vi, aí eu pensava assim: “É, pois é! Eu acho que o que eu tenho, minha vida tá acabando mesmo, eu acho que não saio dessa. Se eu sair vou levar uma vida muito... muito dolorida, muito... doída, muito sofrida...” - mas aí eu comecei a pensar - “E aquela menina que tem 15 anos? E aquela outra que tem poucos anos e que tem namorado e que quer filho e não pode? Eu tive tudo e, entre aspas, o que eu planejei...”

DN – Essa conversa...

MT – Comigo mesma.

DN – ...aconteceu no primeiro dia logo...

MT – É, isso, eu voltei pensando logo no primeiro dia, né? Comecei a pensar nessas coisas. “Será que é assim mesmo? Mas...” Aí comecei a pensar e me conformar, entendeu, aquele sentimento de conformação, que pelo menos elas eram jovens e eu pelo menos eu tinha casado, eu tinha tido netos, eu tinha tido... éééé... filhos, eu tinha... viajado, tinha namorado, tinha paquerado, tinha amado, tinha feito... dançado, tinha feito tudo que tinha direito, foi uma pessoa que levei uma vida intensa, vivi a vida intensamente, principalmente depois que eu... me separei, né? Então, que pelo menos era... não tinha ninguém da minha idade. Aí voltei, continuei a frequentar aí me deu um pouquinho mais de ânimo, de ler as coisas que a Katia tinha levado pra mim que eu não tinha lido ainda. Não tinha quase lido nada, aqueles folhetins do Grupo, só um ou outro...

Aí nesse meio tempo foi um período quando eu comecei realmente ir ao médico, foi quando eu comecei, foi quando eu fui realmente, que eu já contei a história toda como é que foi, no meu médico, aquele catatau de medicamentos, isso foi justamente nesse período, eu comecei a frequentar o grupo. Algumas vezes eu faltei, porque justamente o dia do Fundão, ficou marcado numa segunda-feira que eu não pude ir. Doutor Celso parece que foi marcado pra uma outra segunda-feira, eu também não pude ir. Depois a Katia: “Ih! Tá desistindo?” Eu disse: “Não, eu vou lá mais umas vezes.” Aí eu encontrei a Dora, Dora era uma senhora mais ou menos da minha idade... Ah, e tinha também agora eu me lembro, tinha duas pessoas uma menina que era do, do... do balcão, que era uma senhora dos seus 40 anos, muito alegre, muito divertida, gordinha, cheia de vida e ela tinha um caso com... não sei se você conhece, mas outra que aparece no vídeo e que quebrou quando soube, quebrou o... laboratório todo, quando ela soube que ela era soropositivo e a filha dela morreu que ela não sabia que era soropositivo e ela amamentou e passou pra filha. Elas me deram uma força. Então eu passei meses

assim, indo, aí depois eu comecei a dar alguns palpites, falar algumas coisas. E tinha aquele negócio de Café Positivo, mas quando chegava quatro horas da tarde eu começava a me sentir cansada, vinha me embora. Aí, foi quando eu comecei a melhorar, comecei a tomar os medicamentos e comecei a melhorar... aí eu comecei a participar do grupo, a dar opinião. Foi quando surgiu um convite pra ir assistir uma oficina em Niterói... aí eu já tinha feito muita amizade com Valéria Lewis e com Ana Valéria, a gente já, já tava... comecei a frequentar o Café Positivo, do Café Positivo comecei... aí conheci o Ney, conheci outras pessoas, conheci outras pessoas mais ou menos da minha idade, soropositivo, a Dora, se bem que a Dora faleceu, essa outra moça também, depois de 2 anos faleceu. Mas na época, foram ampliando os meus horizontes, os casos e eu estava muito ainda confusa com relação ao meu pensamento... Aí eu fui... era um domingo, eu ainda estava muito... quebrada eu fui a Niterói. Um dia de chuva, eu com um medo danado da pneumonia, né? Porque eu tinha tido pneumonia, quando dá muita chuva assim eu fico com medo de sair e pegar uma gripe. Mas aí eu fui, peguei um taxi e gostei muito do pessoal de Niterói, gostei muito do trabalho. Aí o Raldo (?) me fez muitas perguntas, me solicitou muito, foi muito atencioso comigo que era o presidente do GRUPO PELA VIDDA...

DN – De Niterói?

MT – De Niterói, que hoje é diretor do... diretor não. Diretor do Departamento da Rede Positiva dos Direitos Humanos. Lá em Brasília, está num cargo importantíssimo com relação a DST/AIDS. E ele me solicitou muito e pergunto se nós não queríamos participar de um grupo e fazer oficinas. Aí começou a minha escalada propriamente no grupo, né? Aí, a medida que eu comecei a melhorar fisicamente, aí eu comecei a participar mais do grupo, né? Aí comecei a me interessar pelas leituras. Aí, eu vi lá no grupo que tinha uns livros, aí comecei a participar da Tribuna também, Tribuna livre sexta-feira. Então, depois resolvi... porque lá no grupo tem uma atividade de segunda a sexta, né? Cada dia uma atividade. Então eu ia só ao grupo de mulheres. Depois do Grupo de Mulheres tem o que a gente chama de Café Positivo, que é só as pessoas se reunirem, tomar um café, comerem um biscoito. Aí eu levava pastinhas, fazia coisas, aí já perguntaram se eu não queria fazer coisas, aí perguntaram se eu não queria coordenar o Café Positivo, eu digo: “Ainda não. Eu ainda estou muito frágil. Ainda não dá pra eu assumir responsabilidade nenhuma não. Só dá pra... eu ficar mesmo aqui no grupo.” Então a medida foi... eu fui no médico, comecei a tomar medicação, o antiviral, comecei a melhorar um pouquinho...

DN – Que medicação você começou a tomar, Teresinha?

MT – Eu comecei com AZT e Bactrim. Ele suspendeu o Lisoral porque ele achou que não tinha mais necessidade, que a outra médica que eu tinha ido tinha me passado Lisoral e o Lisoral... pro estômago, ele disse, não: “Continue fazendo a sua alimentação assim e depois você vai... com essa medicação do Bactrim você vai melhorar o estômago.” E realmente o estômago melhorou, o meu cansaço, aí minhas dores nas pernas, não lembra que eu falei das dores nas pernas, né? Eu não conseguia descer uma escada sem me segurar, eu só descia degrau por degrau, né? Essa era a dificuldade que a minha filha tinha que me levar e tinha que me buscar, depois eu disse: “Olha, quando eu melhorar, eu vou de metrô.”, que eu morava pertinho do metrô. Mas ficava uma despesa muito grande, ir e voltar de taxi, além das despesas que eu tinha. Aí, nesse... a medida que eu fui melhorando eu fui participando mais das atividades. Aí eu passei a participar

da Tribuna Livre, que um tema onde você propõe... várias pessoas se reúnem, você propõe um debate e discute: Amor e AIDS, AIDS e Ciúme, AIDS e... como se deve revelar que é soropositivo, qualquer assunto que a pessoa propõe a gente discutia. AIDS e Sexo... Já foi na Tribuna alguma vez?

AP – Não.

MT – É muito interessante, hoje em dia, eu não sei, depende do coordenador também. E... era... aí eu também...

AP – É o Sauer, né?

MT – Heim?

AP – Ronaldo Sauer.

MT – Comecei a achar interessante, que aí depois das sextas-feiras, principalmente, depois a gente saía para algum lugar, ia aquele grupo pra um restaurante. A gente ia pro La Mole, ou então ia lá pro Sardinha, ia pra algum lugar jantar. Então, eu que não tinha tido vida social nenhuma, comecei a ter uma vida social, porque os meus amigos que eram soronegativo eles continuavam me visitando, me telefonando mas eu ainda não tinha saído com eles. Aí foi quando começou, foi quando as coisas começou a aparecer. Aí uma grande amiga escreveu um livro e lançou o livro no Museu da República. Eu disse: “Eu vou ao teu...”

DN – Lançamento.

MT - “... lançamento.”, pela primeira vez. Aí eu procurei tudo que era roupa, vesti tudo quanto era roupa, cada uma que eu vestia eu me sentia mais feia, mais horrorosa, mas eu disse: “Não, eu tenho que enfrentar. São meus amigos, a maioria sabe. Alguns talvez não saibam, vão ficar sabendo. E eu posso participar, pouco, mas de algumas atividades, eu não vou aguentar mais ficar em casa.” Aí resolvi ir. Aí a minha filha me levou, eu disse: “Pode me levar. Na volta, eu arranjo carona de volta.” Aí eu fui. Foi muito bom, todo mundo ficou muito feliz, todo mundo gostou de me encontrar todo o meu grupo, todo o meu grupo de terapia, amigos e tudo. Mas eu encontrei uma pessoa que era do meu grupo, mas me deixou assim arrasada.

DN – Mas de que grupo?

MT – Grupo de terapia. Que era a Mary, que tinha escrito um livro, que tinha um câncer de seio, há mais de 10 anos. A Mary estava considerada curada, e a Mary estava de cabeça raspada, magra, com o pescoço torto, toda torta e estava... como nós duas nos abraçamos, é como nós olhássemos uma pra outra: O que é que fizeram com a gente? Como é que nós estamos? Porque Mary, então, abraçava, parecia que se eu largasse, se eu apertasse, que ela ia... desmontar. E eu fiquei muito impressionada com a Mary. Mas muito impressionada porque a Mary era assim, o meu exemplo, entendeu? Que eu ia justamente telefonar para ela, para dizer que eu estava com HIV, e que a força que ela tinha vencido o câncer estava me dando força, tinha lido o livro dela, eu chorei a beça quando li o livro dela...

AP – Ela escreveu sobre a experiência dela.

MT – Sobre a experiência dela. Sobre o câncer, ela escreveu um livro ‘De Peito Aberto’, o livro dela. Foi ao Sem Censura, teve lançamento, um livro muito interessante. Aquilo me arrasou e eu voltei pra casa arrasada, né? Não... e foi assim... eu encontrei, eu encontrei pessoas, maioria que me tratou normal e outras “Ah, mas você está tão bem! Você está ótima...” sabe? Aquele ótima mas que diz “Meu Deus do Céu! Ela está morrendo, está se acabando.” Eu acho que lá dentro ela dizia isto “Nossa, você está tão bem, Tetê.”, justamente uma pessoa que eu não tinha muito simpatia... (*risos*)

DN - E piora, né?

MT - ...e quanto mais... eu digo: “Ah é! Realmente, eu estou bem. Eu, agora melhorei. Já estou caminhando, já estou saindo.” Mas quando ela mais me alisava e dizia que estava contente, que estava satisfeita, estava feliz de ter me visto bem, mas eu não sei o que me dava lá. Mas finalmente a turma ficou de decidir se iam ou não para uma pizzeria...

DN – Só para eu entender um pouquinho mais esta coisa de... se sentiu arrasada quando viu a Mary...

MT - A Mary.

DN - Que foi exatamente uma pessoa que te deu força...

MT - Um marco, uma pessoa que meu deu força.

DN - Por que você achou ela, ela... acabada? Alquebrada?

MT - Alquebrada. Alquebrada. E ela morreu pouco depois. E dois meses, dois a três meses depois ela faleceu, sabe? Quer dizer, ela já tava mesmo em fase... ela venceu um etapa, mas depois parece que o câncer deu em outro lugar, não deu mais no seio, parece que passou pro intestino, alguma coisa assim. No seio ela não teve mais nada não. Aí, quer dizer, poucos meses depois, o Bernardo, um grande amigo, que tava lá, me telefonou dando: “Olha, eu tenho uma notícia ruim!” Ah! Mas foi péssimo! Porque depois daquele dia, eu fiquei tão... mobilizada que eu não tive coragem de ligar pra Mary pra saber como é que ela estava, sabe? Que eu ligava para ela de vez em quando e eu não tive coragem de ligar para ela. Então as coisas começaram a acontecer. Eu tenho um amigo que é músico...

DN – Nesse dia mesmo do lançamento, você estava falando que aí estavam resolvendo se iam pra pizzeria ou não...

MT – Pois é, pra pizzeria ou não. Resultado: “Vamos!” Aí eu fui com o pessoal e não sei quem me trouxe de volta pra casa: “Não, não pode deixar.” Eu digo: “Eu só vou se tem carona. porque a Katia já coisou e eu não tenho dinheiro para estar gastando não.” Aí fui, quase não comi lá um pouquinho e aí depois eu fui embora. foi a minha primeira saída.

Poucos dias depois, um amigo meu que é músico, que está sempre aqui na minha casa, toca violão e me deu umas aulas de violão, me telefonou, já tinha ido me visitar e

me telefonou dizendo que estão fazendo um show em Niterói. Aí vai a galera toda, nós somos um grupo muito amigo, a gente se comunica e todo mundo fala... eu falo: “Lucia você me leva.” “Você acha que você vai aguentar?” “Vou aguentar sim. Eu aguentei bem lá na Liana, dá pra eu aguentar. Eu descanso durante o dia e de noite você me pega pra gente ir ao show.” Mas eu chorei o show todinho, eu cantava e eu chorava, porque eu achava que eu não ia ver também Julinho cantar. Que eu não podia mais participar daquelas coisas porque, realmente. Como já era muito tarde, começou a me dar muito cansaço, não sei se foi a emoção de ver o Julinho lá no palco e eu aqui, depois eu fui visitar... fui lá vê-lo no camarim e ele ficou assim super feliz com a minha ida. Aí todo mundo se preparou para sair e eu disse: Lucia, hoje não dá para sair, hoje é direto pra caminha, né? Aí eu chorei o tempo todo do show, chorava, cantava as músicas dele, que eu sabia todas, (*emocionada*) que são músicas muito lindas. Mas ele não teve sorte, ele tocou com Antonio Carlos e Jocafe, a banda e tudo, mas ele não teve sorte, assim de se projetar, mas ele dá shows, amador, faz trabalhos e tudo. Mas me arrasou mesmo, eu digo: “Bom a minha vida está acabada.”

Nisso... aí logo depois disso, uma amiga comum que também vai a esses lugares todos, que é psicóloga, a Dora, começou a falar na unibiótica. Sabe o que é unibiótica né?

DN – Não.

MT – Você sabe?

AP – Lembro de você ter falado no grupo.

MT – Mas... aquela menina faz unibiótica.

AP – Quem?

MT – Aquela loura... que...

AP – Ah, a Cleufe.

MT – É, ela faz unibiótica. Unibiótica é um... uma dessas alternativas... que... quer dizer, propostas, é uma proposta alternativa que se baseia em você fazer exercícios e você tomar banho de ar. Banho de ar significava você ficar nua, deitada num lugar, numa cama e tem uma fita e você fica um minuto coberta com um cobertor bem grosso e um minuto descoberta durante um determinado tempo. Aí você cobre e descobre, tem uns exercícios para fazer e uma alimentação apenas baseada em... é... verduras, frutas e legumes, sem nenhuma...

DN - Carne.

MT – ...carne. Muito bem. Aí a Dora me falou, me falou, me falou, me falou muito disso... e eu falei no grupo, dessa alternativa. Aí a Daisy achou que... foi contra. Achou que a Roselia era uma dissidente, que não era legal, que uma pessoa que tinha ido não tinha se saído bem. Eu disse: “Mas eu vou tentar. Até porque eu acho que se não fizer bem, mal não vai fazer porque eu tô precisando sair um pouco do Rio, tô precisando descansar, relaxar, desde que eu tô doente e tudo...” Aí conversei com o meu médico, expliquei ao meu médico o que que era, que eu ia pra uma pousada...

DN – Que isso fazia fora do Rio?

MT – Fora do Rio, em Petrópolis. Aí meu sogro concordou. Meu sogro... meu médico concordou. Disse: “Ah tudo bem! Se vai fazer bem a senhora...” Até que era uma época... do ano, foi junho eu acho, foi maio ou junho. Aí meu filho foi... me levar em Petrópolis. Aí tinha que levar... o negócio era muito complicado, tinha que levar saco de água quente, cobertor... é, saco de água quente, cobertor e aquelas ataduras. E o tratamento era um tratamento natural, né? Todo ele a base de... por exemplo, eu acho que pra mim é muito puxado e ela não respeitava isso, ela era muito exigente. Acordava às seis horas da manhã com o clima lá de Petrópolis.

AP – Era um grupo, Teresinha?

MT – Era um grupo, era um grupo. Dali, nós acordávamos e íamos tomar um banho que era um minuto quente e um minuto frio, um minuto quente, um minuto frio, o banho. Depois a gente ia fazer a meditação. Depois da meditação a gente fazia... não, primeiro a gente fazia os exercícios, fazia a meditação e só tomava um caldo e ela trabalhava na base do jejum, ela queria que eu fizesse jejum, eu digo: “Não, jejum do jeito que eu tô eu não faço.” Eu tava com 40 e poucos quilos! 45, 46! Aí eu disse: “Jejum eu não faço.” “E a medicação?” “Também não vou parar. Eu posso fazer tudo pra melhorar mas eu não vou parar a meditação nem vou parar o...”

AP – Alimentação.

MT – Alimenta... não! A...

DN – Não vai fazer jejum.

MT – Fazer jejum. Fazer jejum. Aí fiz lá e ela fazia, fazia aquelas coisas na base de... a gente fazia atadura com... Ih! Hoje eu estou ruim de vocabulário, estou com dificuldade... barro, ne? Ela fazia muito... como é que a gente chama...

DN – Argila.

MT – Com argila mas a gente chama... tem um nome próprio... cataplasma! Cataplasma de argila. A gente tomava sol, eu conheci algumas pessoas. Tinha uma moça lá de Pernambuco, nós fizemos muita amizade, ficamos amigas; veio a outra de Cuiabá, nós... não, de Brasília, nós ficamos superamigas; tinha um rapaz, era o único que era soropositivo, e ele chegou pra mim... e se estabeleceu uma amizade muito grande entre nós dois, até porque quando ele me revelou que era soropositivo eu falei: “Eu também sou.” Foi a primeira vez que tive coragem... eu só disse porque ele disse, né? (*risos*) Se não, não teria dito. Não teria coragem de dizer. Ele ficou muito admirado: “Mas você não parece!” Eu digo: “O que??? Eu me sinto a própria aidética!” E ele disse: “Eu também.” Aí foi bom porque eu tive assim um parceiro com quem conversar e tudo... às vezes ele se desestimulava, eu dava muita força pra ele e tudo... Voltei melhorada, mas eu achei que foi muito pesado. Continuei fazendo...

DN – Isso foram quantos dias?

MT – Foram 10 dias.

DN - 10 dias.

MT - 10 dias. Foram 10 dias.

AP – São psicólogos que fazem...

MT – Não, ela não é nada. Ela é enfermeira formada e tem esse... e tinha um trabalho feito com o doutor... e lá eu comecei a ler, que ela me deu vários livros para ler, eu tinha tempo, li um livro sobre... dois livros sobre cura. Um foi um caso nos Estados Unidos onde o cara se curou só com suco de laranja, até hoje a gente está pra apurar se é verdade esse caso, mas parece que existiu. E um outro caso no Rio Grande do Sul que ainda não está comprovado pela medicina e li os livros do Dr. Hoo, que é sobre medicina...

AP – Mas curados de HIV?

MT – De HIV. ...Medicina. Aí quando eu voltei de lá, voltei... não engordei tá? Mas voltei pelo menos assim com um aspecto melhor, mais corada, com uma disposição melhor. Todo mundo aqui achou que eu voltei com uma disposição melhor. E eu continuei... não fazendo tudo que ela prescrevia, mas eu continuei, de uma certa forma o tratamento. Porque aqueles banhos de ar, aquilo era um saco! Tinha que fazer... quanto mais fizesse ... fazia três vezes por dia, já era bom demais. Eu fazia, mas tinha preguiça, tinha hora que eu dormia... porque tinha umas fitas de meditação, era gostoso, que botava aquelas fitas, a gente escutava as fitas, tinha umas fitas infantil, até que a minha neta, ainda era pequenininha, mas hoje... tá até com ela a fita, que tinha uma musiquinha que era justamente pra criança. Bom, eu não sei o que aconteceu. Aí voltei pro grupo, contei a minha experiência pro grupo e disse que realmente eu não tive nada. Nisso tava todo mundo no grupo, só se falava no V ENCONTRO DE PESSOAS VIVENDO COM HIV E AIDS e eu estava assim entusiasmadíssima pra ver como é que era assim um encontro de pessoas com vírus... do país...

DN – De outros lugares do Brasil.

MT – ...de outros lugares do país, e do Brasil também, né? Iia ser na UERJ e eu estava escalada pra fazer oficina de vacina, que o Raldo nos preparou, nos fez um treinamento. Eu só sei que uns 15 dias antes do grupo eu... comecei... tava em Petrópolis... tava na casa do meu amigo em Maricá, que esse tal que logo no início eu fui lá, e que foi ele que, de uma certa forma não me tratou, mas foi o amigão dele que começou a me tratar, por sinal, eu encontrei com os dois agora domingo agora. E eu comecei com um herpes muito forte. Eu fui passar uma semana na casa de Geraldo, justamente porque ele é médico, ele tinha uma filhinha, mas a esposa dele sabia, ele disse: “Olha, fala com a Lourdes se incomoda?” E ele tinha um quarto lá muito gostoso e eu disse: “Eu tava querendo passar uns dias lá na tua casa, pode?” “Tudo bem!” Eu liguei pra ele, ele me pegou na minha casa na Paulo de Frontin e eu fui. Só que eu fui quinta feira. Na sexta feira eu comecei a sentir um pouco de dor na perna, dificuldade de andar e uma coceira na perna. Na sexta piorou, aí eu liguei pro meu médico aí expliquei pra ele o que é que eu tinha. Eu disse: “Eu acho que herpes.” Como ele ainda não me conhecia muito bem nessa época ele disse: “Como é que a senhora sabe o diagnóstico?” Eu digo: “Pela

minha longa experiência com...”

Fita 5 – Lado B

MT – ...me deu a medicação, eu tomei a medicação. Saí com esse meu amigo, fomos até Ponta Negra, me diverti, mas me senti muito cansada. Aí voltei na segunda-feira, ele me examinou, ele disse a senhora está com herpes oster e está com hepatite. E vai ser...

DN – O herpes era na perna?

MT - ... internada. Quando ele disse isso eu falei: “Ah, doutor Celso, não faça isso!!” Era na perna, nessa perna aqui. “Ah por favor...” - eu disse - “Olha, eu tenho uma pessoa...” Realmente, porque a moça que tomava conta mais ou menos de mim, que morava lá no duplex, embaixo, na parte do duplex fazia comida pra mim, a filha dela era enfermeira, então sabia dar injeção, sabia passar um soro, quer dizer, poderia me dar uma assistência... Ele disse: “Olha, eu sinto muito...” -eu me embro que ele fazia... - “A senhora conhece... não vai me seduzir nisso não. Não vou apoiar não, porque a senhora com essa herpes oster? Eu preciso passar direto, eu fico muito mais tranquilo, isso é contagioso, eu fico muito mais tranquilo com a senhora no hospital.” Aí , conversamos tudo, deixamos tudo acertado que no dia seguinte às 11 horas eu iria pra Casa de Saúde Portugal. Aí fui pra Casa de Saúde de Portugal às 11 horas, ele chegou 11 , 11 e pouco, internei e fiquei lá... uma semana. A hepatite cedeu rápido, não foi muito forte mas até hoje ele ficou sem saber se era hepatite A, B, C, D ou E, porque não deu especificamente nenhuma. Ele concluiu que era hepatite medicamentosa, talvez provocada por AZT que não estava tomando DDI ainda nessa época, aí suspendeu toda medicação, tudo depois de uma semana ele deixou eu voltar pra casa. Na outra semana era o Encontro. Aí eu falei: “Eu posso ir? Nem que seja um dia, eu vou de taxi, fico lá quietinha...” “Não me responsabilizo se a senhora sair de casa. É deitada, não pode tomar sol. Eu só autorizo a senhora ir pra casa, porque eu acho que fica realmente muito pesado...” - porque eu estava pagando quarto particular, que o meu plano não dava direito a quarto particular e eu tinha conversado isso com ele, eu não conseguia enfermagem, eu só consegui quarto, tava pagando quarto particular e estava muito pesado para mim continuar pagando quarto particular - “...se a senhora ficar quietinha.” Eu disse: “Tá bom! O que é que eu vou fazer?” Aí telefonei pro grupo, avisei, o pessoal me ligava, algumas pessoas foram me visitar.

Aí depois da hepatite... aí eu comecei... aí a minha cabeça começou a entrar em parafuso, né? Internação em fevereiro, internação em março, internação em maio ou junho, se não me engano. Três internações num semestre! Se eu internar mais uma vez eu vou pirar, eu vou morrer eu não quero viver desse jeito. Aí numa das consultas eu conversei com ele e disse isso pra ele. “Da próxima vez que eu...” eu fazia exame em casa, eu... a moça vinha tirar sangue na minha casa pra eu não me movimentar nem nada, quando eu tive a oportunidade eu falei com ele: “Doutor Celso eu não quero viver assim.” “Mas eu já disse pra senhora que não é bem assim. E que por um acaso eu tenho clientes que estão há 10 anos, cinco anos, quatro anos que nunca foram a um hospital. A senhora está numa fase crítica.” Eu disse: “E tem alguma coisa que eu possa melhorar, que eu possa me ajudar?” Aí ele falou que era seguindo todas as regras da medicação, cumprindo as determinações e tendo forças, pensamento positivo, se informando, não sei que mais lá... aí eu fui pra casa comecei a pensar, comecei a pensar nisso, aí cheguei no grupo “O que é que tem sobre AIDS aí? Aí tinha AIDS no Mundo. Pego AIDS no Mundo. Leio AIDS no Mundo. Vou lá outra vez levar, aí comecei a ler tudo que podia

que existia, a mão, sobre AIDS, comecei a ler, né? Porque eu já tinha cansado de ler esse negócio de pensamento positivo, de fazer aquele negócio de meditação, e de fazer... esse que o Lair... tinha lido todos os livros do Lair Ribeiro.

DN – Quer dizer, todos os livros de auto-ajuda, você já tinha lido.

MT – ...de auto-ajuda eu já tinha lido e não tinha adiantado nada. Eu digo: “Ué! Que negócio é esse?” Tudo livro que é de auto-ajuda... quanto mais eu lia... foi quando eu fiquei doente, não sei o que é isso. Aí eu conversava muito com a Dora sobre a unibiótica. Aí diminuí a minha alimentação, vi que não dava... era muito trabalhosa, dava muito trabalho ter que comprar aqueles negócios todo, fazer aquilo tudo, aí continuei na base da alimentação, mas voltei a usar algumas coisas que eu considero saudável, mas que não são tão... digamos assim... tão radical quanto era a alimentação deles. Ah sim! Outra coisa que foi muito importante também, eu falei: “Poxa!! Mas agora já não dava pro senhor... eu sei que existe medicações, específicas pra eu dar uma engordadinha. Eu estou tão feia! O senhor sabe que eu sou uma mulher vaidosa.” Aí ele disse “Tá bom!” (*risos*) Aí nisso ele me deu o remédio pra engordar, o Megestate (?). Aí depois de uma semana ou duas eu engordo meio quilo. Aí quando foi em setembro era o meu aniversário e eu sou a maior festeira, né? Sou festeira, todo ano eu faço festa, quando faço festa sempre era no Carinhoso, sempre era num lugar grande, eu alugava o lugar, fechava, né? Carinhoso, Vinícius, esses lugares todos, *Bateau Mouche*, aquele lá... do Copacabana, cada ano eu fazia num lugar. Quando eu morava lá no coisinha, aí eu fazia, uma casa grande que eu tinha, eu fazia no apartamento. Aí chegou meu aniversário, Aí Katia: “Mamãe, seu aniversário...” “Eu não vou fazer nada não.” Porque justamente esse período que tava acontecendo, estava acontecendo justamente perto do meu aniversário, que foi agosto, o encontro foi em julho, agosto eu comecei a melhorar...

DN – E no encontro você acabou não indo.

MT – Não fui. Eu obedeci rigorosamente. Eu tenho muita... isto que eu acho uma coisa muito importante a relação médico-paciente. Eu tenho muita confiança no meu médico, eu posso discordar, mas eu faço o que ele manda. Eu, eu contesto com ele, eu argumento com ele, né? Eeee... ele diz: “É. Mas a minha decisão é esta.” (*risos*) E ele diz que nós... “Dona Teresinha, tudo bem. Nós já estamos...” - hoje, hoje ele diz assim, né? Antigamente não, antigamente ele falava um pouco mais, mais... frio. Hoje - “Nós estamos aprendendo juntos, mas nós estamos em campos opostos. Então eu não posso... a senhora teve um comprometimento muito sério...” - ele vinha dizendo muito isso ultimamente - “...a senhora teve um comprometimento muito sério pra eu... e eu sou um médico muito chato. Infelizmente, a senhora tem um médico muito chato, pra... abrir mão de certas coisas. Porque sei que...” Eu digo: “Pois é! Por que que eu tenho que tomar Bactrim todo dia se todo mundo toma três vezes por semana?”... “Porque esquece. Se a senhora esquecer um dia, eu s... se senhora tome segunda, esquece de tomar, só vai tomar na quarta. E todo dia, um dia que a senhora esquecer não tem problema. O seu comprometimento é sério.” Então, tudo ele tem uma explicação jus... que justifica, tá?

Aí nisso, chegou o meu aniversário e eu não fiz nada. Aí eu convidei duas amigas que eu disse: “Vem tomar um chá aqui comigo. Já que você gosta de chá...” Foram três amigas: Foi Bernardo... ee... Dora e Ludmila. Aí eu disse pra Katia: “Minha filha, de qualquer maneira, você me faz um favor? Compre uns biscoitinho, compra uns

salgadinhos, compra algumas coisas aí, que eu comprei... eu passei ali na loja..." - que eu já, nessa época eu já andava, com um pouco de dificuldade, mas já andava, coisinha perto - "...que eu já comprei algumas coisas, já encomendei uns biscoitinhos, umas coisinhas assim, mas assim pra tomar com chá." Comprei umas coisas na loja de produtos naturais, que tinha pertinho de casa, tinha uma lojinha de produtos naturais que era uma beleza! A moça até me mandava em casa. Eu telefonava e ela me mandava em casa, que ela me conhecia, sabia que eu saía me arrastando, devagarzinho, e ela me mandava em casa. "Já providenciei (?) uma porção de coisas, produtos naturais. O chazinho já tá pronto. Só quero que você traga a louça, que você ajeite a louça porque eu não posso estar me abaixando." Aí chegou Ludmila, no dia do meu aniversário, chegou Ludmila, chegou... Bernardo... e o resto... e Dora nada de chegar. Algumas pessoas ligaram... e eu disse: "Olha, eu vou... tem só um chazinho aqui, porque eu não vou fazer festa." Aí, quando chegou uma certa hora, que eu olho, sobe mais de 20 pessoas com flores, com presente. O pessoal ficou todo mundo lá na portaria, a minha filha resolveu me fazer uma surpresa. Aí o Julinho foi, foi ótimo! Carlos Evandro foi também, que são os dois que tocam violão, né? E foi realmente uma festa. Aí eu fiquei assim super feliz porque todos os meus amigos de coração foram, né? Juntaram, fizeram uma surpresa pra mim e foi uma noite assim, uma coisa que eu não contava, tive uma festa surpresa. Aí, fiquei super feliz. Então, depois daquela festa, depois daqueles retratos, um daqueles retratos que eu mostrei que eu estou magrinha, que eu esto junto com os meus netos, que tem umas crianças, foi do meu aniversário. Então, quando aqueles retratos ficaram prontos, que eu olhava pro meu cabelo, que aqueles cabelos aqui tudo... Ai, menina! Eu disse: "Ah, não! Eu tenho que ficar boa!" Aí voltei pro meu dermatologista, ele me deu uns produtos lá pro cabelo crescer, o cabelo começou a crescer. Aí eu estava tomando Megestate, o Megestate começou a dar efeito, eu sei que, em pouco tempo, eu estava com 95, com... eu tava com 45? Eu tava com... 55 quilos.

DN – 10 quilos, quase?

MT – 10 quilos. Aí, isso realmente me deu um ânimo muito grande. Aí... eu me... sim. Aí o Nordeste, eu tinha vontade de ir pro Nordeste. Mas só vou se eu estiver... mas eu tava me sentindo muito bem...

DN – Deixa só eu te perguntar uma coisa, Teresinha. Você tá falando, quer dizer, foi uma internação em maio, o encontro...

MT – Em junho.

DN – ...foi em junho, julho...

MT – O encontro junho e julho.

DN – Em maio, junho, julho. Seu aniversário em setembro, quer diz, você está contando... a impressão que dá é assim, como se fossem coisas muito próximas, uma antecedendo ou uma sucedendo a outra na verdade. Aí me ocorre perguntar o seguinte: o tempo demorava a passar? Quer dizer, agora você tá relatando o que você viveu uns anos atrás, né? Quer dizer, de repente, você já está vivenciando isso de outra forma. Eu estaria perguntando naquele momento. O tempo demorava a passar?

MT – Ah, demorava muito. Eu achava que os dias e as noites não acabavam nunca,

apesar de eu ter muito sono, eu tomava remédio pra dormir. Porque eu acordava muito de noite, eu lia muito e nessa época eu já comecei a me ocupar com algumas coisas, né? Eu tinha o grupo... aí foi quando eu comecei a participar ativamente do grupo, eu ia diariamente ao grupo. Eu ia segunda pro grupo, ficava pro Café Positivo. Eu ia nas terças, pra reunião político administrativo. Nas quartas, eu fui só para conhecer algumas vezes o trabalho da...

AP – Gessy.

MT – ... da Gessy e não ia na quarta. Quinta normalmente nós tínhamos reunião... ...e eu comecei a participar ativamente do grupo.

AP – Quinta, a reunião era de que?

DN – E sexta, a reunião da Tribuna.

R – É. Hein?

AP - Quinta, a reunião era de quê?

MT - Às vezes, era reunião de voluntários, qualquer coisa assim. Mas segunda, terça e sexta eu ia sempre e depois das sextas, aí a gente saía pra bater papo, pra conversar, pra bater papo e tudo mais. Aí eu participei de mais algumas atividades do grupo, aí melhorei muito, né? Me senti fortalecida, não só ter engordado, me olhado no espelho me achando mais bonita, me achando pelo menos apresentável (*risos*) que as pessoas na rua não iam mais olhar pra mim e achar que eu estava com alguma doença contagiosa, como as dores do corpo passaram...

DN – E quando você andava na rua você sentia assim? Que as pessoas olhavam...

MT – Não, não, eu nunca me senti que a pessoa olhasse para mim e fizesse... apesar de que tem um lance aí, que no meu aniversário que eu não contei. Durante esse período... logo depois que eu voltei de Petrópolis... nós tínhamos um apartamento em Petrópolis. Meu sogro tinha um apartamento em Petrópolis e deixou no nome do meu filho, mas todo mundo usando, toda família usava. E a Katia disse: “Mãe nós vamos passar ooo... julho... férias de julho nós vamos pra Petrópolis.” “Ah, Katia! Eu queria também ir...” “Ah, mãe! Eu não sei se vai dar.” Aí, eu já tinha tido umas discussões com a Katia e foi quando eu descobri que meu sogro não queria que eu fosse, que meu genro... sogro não, meu genro não queria que eu fosse. Que o meu genro não queria... nunca tinha me visitado, que nunca... isso a gente já tinha tido várias conversas, eu e minha filha. E ele realmente não queria que eu fosse com medo de eu contagiar as crianças. Isso foi a pior coisa que me aconteceu durante esse tempo todo, foi pior saber disso do que saber de que eu estava infectada com HIV. E a minha filha, me tra... me... como é que se diz...

DN – Escondendo.

MT – ...me escondendo, saindo pela culatra. Quando foi um dia eu descobri, eu falei: “Katia, eu sei que o Mauro...” “Tem, mãe. Ele tem dificuldade, porque ele gosta muito de você... Mãe, Mauro quando soube, ele ficou enlouquecido, ele chorava mais do que eu. Ele foi conversar com o médico... ele...” - com o tal do Luiz que descobriu que eu,

né? - “...ele foi conversar. Ele ficou revoltado, ele ficou várias noites sem dormir, ele ficou... Só mãe que ele não se informa e ele tá apavorado, com medo de nós, eu, ele, as crianças serem infectadas. Então ele não quer te proibir de ver as crianças, mas ele não quer que você tenha contato com as crianças. Ele não quer que você fique muito tempo junto com as crianças...” Eu disse: “Mas, você está lembrada que a primeira pergunta que eu fiz ao doutor Luiz foi os meus netos? E o doutor Luiz disse que eu podia ter um contato com os meus netos, eu já li, já me informei lá no grupo...” Aí eu trouxe uma porção de folhetos lá do grupo, dei para a minha filha e disse: “Olha, bota lá num canto e pede, pelo amor de Deus para o Mauro ler.” Mas não teve jeito, eu só sei que ele impôs algumas condições, que eu procurasse não ter contato... mínimo contato... contato assim de...

DN – Mais prolongado.

MT – Mais prolongado com as crianças. Aí aquilo me magoou muito, e eu falei com o Júnior, eu disse: “Vou? Não vou?” Mas eu disse: “Eu vou. Eu vou porque eu vou ter que enfrentar isso afora pela vida. Então eu vou. Se ficar muito ruim eu telefono pra você, você vai me buscar. Ele disse: “Está bem mãe.” Mas como o apartamento era bom, a casa tinha dois quartos, a Katia sempre ficava num quarto com... que as crianças ainda eram muito pequenininhas pra dormirem separadas... Eu fiquei lá no quarto, não tínhamos suíte, mas tinha um banheirinho lá no, no... coisa que eu preferia até usar o outro banheiro, que nós não tínhamos empregada, nem nada. Isso foi uma coisa assim da minha vida assim que doeu, doeu, doeu, doeu demais, sabe? Uma coisa que no dia que eu soube eu chorei, mas eu chorei uma tarde inteira. Eu chorei tanto que eu tive asma, sabe? Eu tive... eu perdi... o... fôlego... (*ofegante*) Eu tive uma hora que eu achei que eu ia ter um negócio no coração porque eu não parava de chorar e eu sozinha sem ter... porque a Katia foi: “Mãe, você sabe que eu não posso destruir o meu casamento por causa disso. Está certo que nós não estamos super bem, nós não estamos bem, mas não vai ser por isso que... se um dia a gente se separar vai ser por outro motivo. E eu não quero ter essa opção, ou minha mãe ou meu marido, eu gosto de vocês dois e tem que haver um jeito...” Eu digo: “Pois é! É simples. Ele se informar, ele pega, está aqui o telefone do doutor Celso, se ele não quer, é o meu médico, que ele se informe. Agora, o que ele não pode é me privar da convivência com os meus netos porque ele está me matando. Agora que eu estou melhorando...” - porque foi justamente quando eu estava melhorando e tudo foi que veio essa paulada, né? Da discriminação do meu genro. Aí, quando foi um dia eu pedi pra ele me levar... ainda no antigo apartamento lá em Santa Teresa... Eu não tive oportunidade de conversar com ele lá em Petrópolis, porque ele era assim: a gente se sentava à mesa pra comer, a minha comida normalmente era separada porque era uma sopinha disso, daquilo e daquilo outro. Eu não comia da comida deles, porque ainda era uma comida especial e não comia feijão, essas coisas, só quando era um macarrãozinho, uma coisa... E então, eu saía muito com Katia, saía muito com as crianças, mas quando ele saía ele ficava sentado lá não sei aonde, porque isso é hábito dele mesmo, ele não é uma pessoa de convivência não. Não é uma pessoa de convivência. Aí... eu não sei, não lembro o que foi que aconteceu que eu precisei ir a Santa Teresa, nosso apartamento ainda não tinha sido vendido lá em Santa Teresa, que era o apartamento do meu genro, do meu... cunhado, do meu cunhado, e eu precisava ir lá ver umas coisas. Katia não podia, pediu pra ele me levar e ele concordou em me levar. Quando ele me levou, ele ia me deixar lá e eu ia voltar de taxi. Aí que ele parou, eu digo: “Dá uma encostadinha ali.” “Ué! Por que?” “Porque eu quero falar com você.” Eu falei com ele, falei com ele, de toda a minha mágoa, de todo o meu sofrimento e que

não era justo o que ele estava fazendo comigo. Porque ele podia ficar certo de uma coisa: “Eu tinha passado pela humilhação, pelo que eu passei, agora, lá em Petrópolis, de você não querer que eu ir, que você quer que eu saísse a coisa toda separadas eu não vou mais não. Existem médicos, não existe contaminação, não existe...” - aí expliquei todas as formas de contaminação - “Já dei os livros, já está comprovado e eu não mereço isso. Agora, se você não se informar e continuar com essa atitude eu vou ter que procurar os meus direitos. Eu tenho o direito de ver meus netos quando eu quiser e a hora que eu quiser.” “Não, mas você não pode ve-los.” “Você quer que eu veja mas você não quer que eu toque, você não quer que eu dê uma volta na rua com a Ana Carolina, você não quer que eu saia com eles sozinhos, que eu fique no play tomando conta deles, que eu fique na casa. Isso eu tenho direito, isso é um direito que me assiste legalmente e que eu não vou abrir mão.” Aí ele ficou: “É. Eu vou pensar, vou me informar...” Ele ficou... ele não esperava talvez por essa...

DN – Que você enfrentasse isso.

MT – ...enfrentasse isso, né? Eu acho que foi bom, eu disse: “Olha, eu vou recuperar a minha vida, inclusive, minha vida normal, recuperar minha vida sexual, recuperar tudo...” - isso é que a Katia disse que chocou a ele, que de vez em quando eu atrapalho as coisas, que eu faço tudo certo que de repente eu joga um dado que atrapalha tudo. Que quando eu falei: “Inclusive as pessoas...” - eu não falei ‘eu’ - “...inclusive as pessoas com HIV podem até ter uma vida sexual normal. Desde que se proteja e que use camisinha. E eu vou me cuidar, vou me tratar e vou recuperar toda a minha saúde. Você vai ver e não vou contaminar meus netos.” Ele ficou realmente parado...

Vamos dar uma paradinha aqui...

INTERRUPÇÃO

DN – Você tava falando, quer dizer, inclusive da, da reação, inclusive do seu genro, quando você resolveu conversar com ele sobre a discriminação que ele estava fazendo de você ter contato com os seus netos, tava terminando de relatar isso.

MT – Pois é! aí eu pedi para ele, que ele procurasse um médico, que ele se informasse, que lesse o que eu tinha dado... que agora eu tinha absoluta certeza, que eu tinha conhecimento, que eu tinha estudado, tinha feito todas as perguntas possíveis e imagináveis para o médico. E que pra evitar que todos nós sofrêssemos muito, que eu não ia abrir mão dos meus netos. Isso foi logo um pouquinho, logo que nós chegamos de Petrópolis, tanto que ele... isso foi mais ou menos em junho ou julho, por aí assim... foi antes de eu ter hepatite, que ele foi ao meu aniversário de surpresa que a minha filha organizou, aquele primeiro aniversário, né? E depois desse aniversário eu tive aquela conversa com o meu médico dizendo que eu não queria viver assim, ta, ta, ta... aí foi quando eu comecei a ler tudo, retomando, eu comecei a ler tudo que... aparecia, eu li AIDS no Mundo, AIDS no Brasil, a História Social da AIDS. Li uns livros do Herbert Daniel sobre a morte, sobre AIDS, sobre a fundação do grupo PELA VIDA. Um livro fortíssimo, Nossa Senhora! Eu quase que passei a noite inteira lendo o livro, porque eu não conseguia dormir. Eu fechava o livro... começava a...

DN - Pensar no livro.

MT - ...pensar no livro e não consegui dormir, mesmo tendo tomado comprimido eu não

conseguia dormir.

AP – Qual era o livro?

MT – O livro do Herbert Daniel que é fundador do grupo PELA VIDA. Eu esqueci o nome do livro. Aí comecei a pesquisar tudo que aparecia nos livros, revistas, fazia recortes e com isso, com remédio, a cabeça melhor, eu fui melhorando, fui melhorando, fui melhorando, fui engordando, aí comecei a me sentir super bem. Aí eu falei pros meninos: “Eu vou pra Recife, eu acho que agora eu tenho coragem de ir.” Aí liguei pras... “Venha tia. Olha aqui, com o carinho da gente. a gente cuida de você...” - minha sobrinha é uma amor, aliás, todos eles são uns encantos, mas principalmente essa que é da minha irmã. A Mariana é uma coisa assim que não existe ninguém que não goste da Mariana. E - “Venha tia...” Aí eu falei com a Cristina, aí eu peguei uma porção de folhetos, aí eu liguei outra vez pra Cristina e disse: “Cristina, eu quero te fazer uma pergunta e quero que você me responda com sinceridade. Você acha que eu vou ser bem recebida pelo Fábio? - meu... cunhado - “ Claro Teresinha!” “Você acha que o Fábio vai me discriminar, vai ter algum... reserva comigo. Eu quero inclusive que você converse com ele e pergunte pra ele isso. Não quero que você (*ruído*) responda por ele.” Aí telefonei pro meu irmão, a mesma coisa pro meu irmão com relação a minha cunhada. Aí meu irmão: “Não, a casa é sua, a gente inclusive fez opção. a gente contou pros meninos, os meninos estão sabendo. Só não contamos para mamãe que a gente achou que não era conveniente, queríamos conversar com você, mas se você tiver em condições de vir, você pode vir.” Eu disse: “Tá! Eu vou.”

DN – Os meninos seriam os sobrinhos que já estariam mais ou menos na idade dos teus filhos?

MT – Não, bem mais velhos. Meus sobrinhos, naquela época um tinha 15 anos, outro tinha 16, Mariana já tinha... era na faixa de 15, 16 e 12 ou 13. As idades. São três filhos da minha irmã e três do meu irmão. E do meu outro irmão da fazenda tem dois pequenos que regulam com o da Katia, que ele casou muito tarde, ele casou depois dos 40 anos. E o meu irmão da fazenda, né? Que foi o que...: “Ela não tem nem que perguntar, ela tem que vir. Onde é que é o lugar dela? Não é aqui com a gente?” É o tal que eu briguei com ele, que nós tivemos essa, temos ainda até hoje uma certa coisa. Aí eu fui, com muito medo sabe? Eu fui assim com o coração na mão de acontecer, acontece que eu tinha tido um namorado lá em Recife, lá em Maceió e depois todo mundo descobriu o namoro. Aí meu irmão me disse que chamou e que conversou com ele e pediu que ele fizesse o teste, só que pra nossa felicidade ele era doador de sangue e fazia testes recentes e tudo, não precisou. Não sei até que ponto ele passou pra resto da família, a família dá a entender que sabe mas em compensação... muito bem, até hoje não tive problema nenhum, já fui quatro vezes ao Nordeste depois que... que eu fiquei doente, que eu me descobri HIV. Aí finalmente eu fui, em dezembro, resolvi, mas fui, cheguei lá... o Júnior foi comigo? Não, fui sozinha. Cheguei dois dias antes do Natal, aí foi ótimo. No dia que eu cheguei... o meu irmão foi buscar no Aeroporto e disse: “Olha, o Zé está aí e tem aquela turma toda do Reginaldo, que foi meu namorado e a turma toda estão numa casa na praia e vão fazer lá uma brincadeira. Eu só vim lhe buscar, até ma...”

Fita 6 – Lado A

MT – Aí meu irmão falou: “Mamãe tá numa ansiedade, há três dias que ela se arruma, que não fala noutra coisa...” Aí eu cheguei lá, quando mamãe me viu, gorda, né? (*risos*) Porque ela viu aqui, coitada de mim, um caquinho, né? Ah!!! Mamãe chorava tanto! Chorava eu, chorava mamãe, chorava meu irmão, chorava todo mundo... (*risos*) Aí eu disse: “Não, a gente pode ir. Eu só vou trocar de roupa, botar uma roupa mais leve, enquanto vocês se arrumam aí, eu dou uma relaxadinha, e vamos.” Aí, fomos lá na casa. Era uma casa enorme de umas freiras que tinham emprestado a casa pra... como essas freiras tem coisas heim? Esses padre, vou te contar...

DN – Tem muitas propriedades.

MT – Muitas, era propriedade e elas emprestaram... uma parte da casa pro meu irmão ficar com a minha cunhada e as crianças. E tinha um lugar reservado, feito caramanchão, que é muito comum as casas de praia tem a casa lá no fundo e separada tem um... ou casinha de sapé ou caramanchão que é justamente onde as pessoas sentam pra beber, pra bater papo, pra não incomodar quem quer dormir, é muito comum as casas de praia serem todas assim lá. Bom, aí foi ótimo, encontrei com todo mundo, daqui a pouco chega o Regis, daqui a pouco chega Ivone que são os meus primos queridos e prediletos, né? Daqui a pouco começou a chegar todo mundo, fomos lá, encontrei meu irmão, meu irmão me abraçou e me tratou muito bem e dançamos, tocamos a noite inteira, saímos de lá quatro horas da manhã. Bebi uma cervejinha, porque com o DDI a gente ainda podia beber uma cervejinha, né?

DN – Ah, você já tinha introduzido o DDI?

MT – Já, isso foi no final do ano, eu comecei a tomar DDI em maio! DDI não, desculpe, AZT. DDI ainda não estava tomando não. Estava tomando AZT e Bactrim.

Aí eu passei o dia, a noite muito bem, resisti bem, cantei junto com eles. Aí foi uma noite assim, uma chegada assim festejada, né? Já cheguei festejada. Porque eles me chamam, meu apelido é festeira. “Chegou a festeira!!” Até hoje eles ainda me chamam de festeira. Aí depois do dia seguinte... aí foi o Natal, a minha irmã que mora em Recife, foi pra Maceió, ela não tinha me visto ainda. Foi pra Maceió, porque a gente passa o Natal, normalmente, é em Maceió e o Ano Novo em Recife. Aí a minha irmã chegou com os meus irmãos, Nossa Senhora! Quando eu me abracei com a minha irmã, aí... porque a sensação que eu tinha, quando elas foram embora, que eu não falei muito da ida delas, da minha solidão, de eu ficar sozinha naquele apartamento, é que eu nunca mais ia ver minha mãe nem minha irmã, era essa a sensação, que eu nunca mais ia vê-las. E quando eu as vi, eu estava bem, forte, gorda, saudável, com ar saudável... queimada, que eu já tava... já tinha ido a praia, queimada, tudo, esse negócio todo, coradinha... Aí foi ótimo, a minha estada foi divertidíssima, foi muito bom. Eu saí pra dançar, eu aguentei dançar, eu aguentei... no dia seguinte, é claro, no dia seguinte eu tinha que ficar de molho, não era como antigamente que eu fazia uma noitada, no dia seguinte dava uma relaxada e partia pra outro noitada, né? Não, eu tinha que descansar durante o dia... Aí a noite não teve nada porque faltava uns dois ou três dias pro Natal, no outro dia que era véspera de Natal. Aí foi quando chegou, mas aí a gente ajuda, aquele negócio todo, aí chega minha irmã, aí junta a família inteira, aí junta a família... porque é um prediozinho que tem três apartamentos. Mora meu irmão, a irmã da minha cunhada, quer dizer, a cunhada do meu irmão e os pais. Então, vem todos os netos do

velho, vem todos os sobrinhos da outra casa e se junta todo e faz uma festa. E vem mais aqueles primos que nós crescemos juntos, que mantemos uma amizade muito forte até hoje. Ontem mesmo mamãe me ligou e disse: “Olha, reuniu todo mundo pros 80 anos... só se falava em você. De vez em quando tocava... ‘Olha a música da Tereza!’ Não sei o que mais lá...” E... foi uma viagem ótima. Depois, quando a minha irmã voltou, eu voltei pra Recife com ela. Voltei pra Recife com ela... e tinha um sonho, porque...

DN – Você tinha um sonho.

MT – É, tinha um sonho. Naquelas minhas, que eu disse, nos meus raciocínios, onde eu ficava pensando, achando, que... as meninas... que eu devia me dar por satisfeita, de ter me superado, porque as meninas queriam ter filhos, eu já tinha casado, já tinha filhos, já tinha viajado, já tinha vivido, já tinha feito muita coisa na vida, aí eu m dei conta que eu ainda tinha muita coisa na vida pra fazer e que eu tinha muito projeto de vida e que não ia abrir mão dos meus projetos. Eu tinha um *atelier*. O *atelier* não dava mais pra tocar, porque eu fisicamente não me sentia ainda saudável. Mas que eu podia fazer outras coisas e que eu não ia abrir mão. Então eu fui, falei com Cristina, se valia a pena, ela disse: “É, vale a pena. Mas porque você não espera?” “Não tenho mais tempo, Cristina. Eu não posso mais esperar.” Aí a conversa já era outra, há 10 anos que eu tinha vontade de ir a Fernando de Noronha e todos os anos eu adiava, esse ano eu não adiei. Aí telefonei, tinha um amigo, um desses que está aí, que mora em Natal, telefonei pra ele: “Me dá as dicas todas...” Ele me deu, telefonei pra Natal, que eu digo: “Olha, como eu quero ir pra Natal, vou aí pra Natal te visitar...” - que toda vez que eu vou ao Nordeste eu vou visitá-lo... eu vou lá pra Natal passar uns dias com ele - “...como...” - que é do grupo também, depois ele foi sozinha a primeira vez, eu fui lá na casinha que ele tava, depois aí ele já tinha levado a namorada, aí eu fui e depois nasceu a primeira filha dele, foi quando eu fui dessa vez conhecer a neném. De lá eu fui a Fernando de Noronha e em Fernando de Noronha foi que realmente eu recarreguei as baterias.

DN – Valeu a pena.

MT – Porque a programação que era intensa, né? Uma programação intensa, e ainda tinha como opção de noite dançar forró e eu sou a maior forrozeira do mundo, né? Então, cheguei lá, é claro que um coroa muito simpático que tinha no grupo, que a gente já tava se entrosando, ele queria...

DN – Aí você foi numa excursão.

MT – Eu fui numa excursão sozinha, pela primeira vez na minha vida!! Eu já tinha viajado, eu já tinha ido a Europa, eu conheço o Brasil quase que todo, conheço a Argentina, já tinha ido a Europa, mas eu tinha ido a Europa com duas amigas, né? Por nossa conta... Mas foi a primeira vez que eu resolvi, peguei um avião... porque... pequenas viagens eu fazia, por exemplo: botava a mochila nas costas e ia para casa do João, botava a mochila nas costas ia para a casa do Arquimedes, que era um outro cara que eu conheci, que morava em... que tinha... passava sempre o Natal lá em... João Pessoa, né? Isso eu fazia. Mas pegar uma excursão, ficar assim... a minha excursão foi de sete dias.

DN – Uma semana.

MT – Foi assim maravilhoso. Logo na entrada surgiu um problema no avião. Aí nós começamos logo a briga e eu me entrosei com... um gaúcho, um coroa gaúcho, simpático e tudo. Só que o coroa não tava a fim de outra coroa, ele tava a fim de uma garotinha, né? E eu não tava a fim de namoro, eu tava recém saída de uma coisa... eu tava querendo era fazer amigos, era me distrair, era conhecer coisas. Mas ficamos muito animados e fomos... e tinha... o guia e um outro rapaz que morava na ilha foram no avião com a gente, quer dizer, de cara a gente já fez amizade com eles. Aí eles informaram que logo a primeira coisa que a gente tinha que fazer a noite que ele passaria a noite pra nos apanhar pra gente ir assistir a palestra da bióloga, que é obrigatória, pra preservar...

DN - Do Ibama.

MT - Do Ibama, pra preservar a ecologia. E que depois a gente iria prum forró. Muito bem. Aí vamos pro forró. Aí ninguém queria dançar comigo. Aí eu falei pro... eu nem lembro o nome dele, ninguém queria dançar! Que dançar comigo!? Tinha poucas pessoas dançando. Aí eu falei pro rapaz que veio com a gente no avião, era moço, era bem mais novo do que eu e que morava na ilha, eu disse: “Ah, vamos dançar só um pouquinho? Ele disse: “Você sabe dançar?” Eu digo: “Não, vamos lá ver.” Ah, minha filha! Dançamos a noite inteira, porque as meninas não tavam a fim de dançar, nenhuma tava a fim dele e ele gostava, é daquele tipo de pessoa que gosta de dançar, nós dançamos bastante. E a programação era assim: acordar cedo, ir para as praias, voltava, almoçava, não descansava, voltava. Um dia era caminhada ecológica, quer dizer, sete dias eu... ia ainda no forró, ficava até uma hora, duas horas da manhã, aí a gente voltava, dormia e acordava às seis da manhã, que era pras sete tomar café e as oito começar as programações. Então eu voltei assim, fortificada, eu voltei de lá de Fernando de Noronha assim renascida. Porque eu fazia aqui as coisas assim com muito medo, mas lá eu tinha que fazer, eu tava sozinha, né? Eu tinha que fazer as caminhadas, ou eu fazia ou eu ficava, não podia ficar no meio do caminho, ou eu ia pra fazer... e eu resisti...

DN – Ou ficava no hotel abandonada (*risos*).

MT – Ou ficava no hotel, pois é! E eu fiz tudo isso, não tive absolutamente nada. Comi de tudo, a comida era uma comida boa, caseira, foi ótimo, foi assim maravilhoso, eu voltei realmente revigorada. tanto que, quando eu entrei no consultório do médico na volta... inclusive ainda passei carnaval lá, ainda subi as ladeiras de Olinda dançando frevo e ainda acompanhei um trio elétrico até às cinco horas da manhã. Nesse dia eu passei dois dias sem sair (*risos*). Aí a minha irmã, a minha irmã é muito engraçada, minha irmã é completamente diferente de mim. Minha irmã fala calmo: “Teresa, ah, hoje você não vai sair não?” Eu digo: “É, hoje eu não vou sair mesmo não. Mas, durante o dia, de noite, de repente, se pintar alguma coisa, eu tiver descansada posso ir, né? “Mas, Teresa...” (*risos*) Excesso de preocupação. Quando... e eu também, quando eu cheguei lá, foi umas coisas que eu esqueci de relatar, eu tive a preocupação de chamar meu irmão, de chamar minha cunhada, quer dizer, eu ainda não tinha vencido o meu próprio preconceito, eu ainda tinha muito medo... de ser discriminada. Aí eu observava, na mesa, a minha mãe, por exemplo, como o médico disse que talvez eu tivesse tido tuberculose, minha mãe, ela tem uma coisa, porque eu tenho um tio que morreu tuberculoso, ela separou um prato pra mim, né? E deu a desculpa: “Ah, não, eu nunca uso a minha louça, porque...” - a gente come na casa do meu irmão e ela tem um apartamentozinho, meu irmão tem um duplex que é quase que triplex, tem uma escada,

embaixo da escada tinha um espaço muito grande que ele então construiu um apartamentozinho pra mamãe depois que a babá morreu e que a mamãe ficou sozinha. Ela tinha um apartamento grande, três quartos, achou melhor vender e construiu um apartamentozinho ali e eu fico com ela (*solução*), mas a gente faz as refeições (*solução*) na casa do meu irmão. E eu tinha muitas preocupações com os meus sobrinhos... aí levei camisinha, dei camisinhas para eles, perguntei se eles sabiam como usava, aí eu tive a oportunidade de conversar com eles, nenhum demonstrou a mínima discriminação, me beijavam, de vem em quando, eles... quer dizer, aquilo foi me tranquilizando aos poucos, eles estavam tomando picolé, chupando picolé “Quer, tia?” Quer dizer, não era aquela coisa de perguntar “Tia, a senhora quer?”, não botavam assim entendeu? “Não, meu filho, obrigada”, ou então às vezes eu aceitava. E eu vi que não havia problema com a separação, com a roupa, a minha cunhada pegava a minha roupa jogava na máquina junto com todo mundo. Eu tinha medo que houvesse essa coisa, entendeu? Na casa da minha irmã foi a mesma coisa, claro que com certos cuidados, aí eu chamei também as minhas sobrinhas, chamei meus sobrinhos lá de Recife, conversei com o meu cunhado, conversei com a minha irmã, esclareci, dei uns folhetinhos...

DN – Isso que eu ia perguntar, você conversou no sentido de informá-los do que é a doença...

MT – Informá-los... aquilo que vocês não sabem está aqui, leiam, se tiverem dúvidas me pergunta, porque, eu realmente não tenho condição... não transmito, não é isso que a gente vê na televisão, a má informação... Mas os meus sobrinhos estavam muito bem informados, sabe, lá na escola, lá tem um trabalho muito bom em Recife, tem umas ONGs muito boas, minha sobrinha: “Tia, eu estou fazendo uma pesquisa que disse que não sei que mais lá, não sei o que mais lá, vai melhorar, a imunidade, pra melhorar o negócio da AIDS...” - a minha sobrinha tinha 13 anos nessa época. Então, tem esse detalhe e em fez muito bem, a minha estada, passeio carnaval, fui... tinha uma cunhada... a cunhada do meu... a cunhada do meu cunhado, né? Casada com o irmão dele, é muito animada e a gente sempre saiu muito junta. Ela disse: “Tem uma camisa do bloco...” “Eu não... vou, mas eu vou ficar um pouco, se eu agüentar?” Mas eu não tive coragem de tirá-la do trio elétrico. Aí eu fiquei, eu digo: “Já que eu estou aqui eu vou ficar, vou ver até onde eu agüento, na hora que eu não agüentar mais eu vou me embora. Aí quando chegou cinco horas da manhã eu disse: “Olha, não é nem por cansaço ou por outras coisas, é porque a gente se desencontrou das crianças e a gente precisa encontrar os meninos e precisa procurar pra gente ir embora que já está amanhecendo o dia.” Aí nós fomos pra casa, chegamos em casa era quase, o dia amanhecendo. Muito bem, aí eu volto...

DN – Teresinha, o encontro com o namorado que você tinha, ou tinha tido lá também, que seu irmão falou que ele também tava na festa.

MT –Tava.

DN – E aí como é que foi?

MT – Ah, foi ótimo, maravilhoso! Ele me tratou melhor do que me tratava sempre, entendeu? Porque numa outra época que eu fui, ele tinha namorada, nessa época ele tava descasado, tava sem namorada. Então rolou uma paquerinha entre a gente, outra vez, entendeu? Ele ficou muito contente, muito satisfeito, mas não nos vimos muitas vezes

dessa vez porque eu fiquei pouco tempo em Maceió. Mas a receptividade foi a melhor possível, “Você está bem Teca?” “Estou.” “Então, tá bom.” É tipo, por exemplo, o meu copo, eu estava bebendo cerveja o meu copo secou, ele pegou o copo dele e me deu pra beber. Aí eu lavei a alma, entendeu? Quer dizer, ele que sabe e me deu pra beber cerveja no copo dele, quer dizer, eu realmente com minha tribo mesmo, não preciso ter receio, não preciso ter preocupação, mas passei coisas assim... Num outro momento que eu voltei a Recife, no ano seguinte eu fui pra ir aonde? Rolou um lance assim, de um cara que estava lá tocando violão, assim meio biruta, “Cadê meu copo? Esse é meu copo? Já pensou se eu bebo no copo de um aidético?” E tava bebendo no meu copo... (*risos*)

DN – Você falou pra ele?

MT – Não falei, mas me deu uma vontade, me deu uma vontade, mas eu ainda não tenho essa coragem. Ainda não tenho essa coragem.

AP – Só tavam vocês dois só?

MT – Não, um monte de gente, tinha um grupo enorme tocando violão e cantando...

AP – E de pessoas que sabiam que você tinha AIDS?

MT – Não, ninguém sabia. Ninguém sabia. Não era da minha família. Era amiga da minha irmã que me convidou, eu sou muito animada, pra eu ir encontrar com esse grupo que toca violão, que ela sabe que eu gosto muito de violão e eu fui com as primas do meu cunhado.

Mas o interessante disso tudo, dessa primeira viagem, né? Que quando eu voltei, eu voltei assim de uma cor, de uma felicidade que quando eu entrei no consultório do meu médico ele olhou assim pra mim e disse: “É, o Nordeste fez muito bem! O Nordeste lhe fez muito bem. Está com a cara ótima, não preciso lhe perguntar.” Eu digo: “É, realmente eu estou ótima.” Aí contei que fui a Fernando de Noronha, que superei, que tava ótima e tudo. E daí pra frente, né? Eu passei um período excelente! Um período até que eu engordei tanto que eu que eu já queria: “Ih, daqui a pouco... os braços já estão muito, a barriga já tá muito grande. Daqui a pouco já tem que fazer uma dietazinha...”

DN – Regime pra emagrecer.

MT – Regime não, mas pelo menos uma contenção da alimentação. E isso foi o que? Início de 95. Que isso tudo que eu tô falando foi do ano de 94, desde a minha descoberta, minhas internações até a minha ida pro Nordeste. Quando eu volto, aí eu dentro de cabeça pro grupo. Voltei pro grupo, assim: “Ah, mas você tá ótima, tá linda, tá maravilhosa...” - sabe como eu sou escandalosa como só! Então que que tem? Então eu entrei no grupo... eu ia no grupo segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Fazia... entrava em todas as atividades do grupo, em todas as manifestações, em tudo que acontecia tava eu lá, e dava sugestões, o pessoal adorava. Aí surgiu um treinamento pra dar palestra, eu entrei no treinamento; surgiu... outro treinamento pra... pro Disk AIDS, eu entrei no treinamento e com isso... eles queriam fazer um seminário interno pra ver... quais as... um seminário interno pra ver... ...as divergências... pra ver que rumos o grupo deveria tomar... Porque justamente, tinha havido a morte do Herbert Daniel e com a morte do Herbert Daniel, que era o presidente do grupo PELA VIDDA, as coisas tinham mais ou

menos estacionado e a gente se separou, teve uma briga, um desentendimento com ABIA, porque era o grupo PELA VIDDA e ABIA. A ABIA, de uma certa forma, sustentava o grupo PELA VIDDA, porque pagava o aluguel, porque pagava o telefone, porque pagava o Disk AIDS. E houve um desentendimento e ABIA se separou do grupo e o grupo teve que procurar lugar pra... se estabelecer e conseguiu um prédio lá na Avenida Rio Branco, mas com o, o aluguel muito alto. E precisava ver os novos rumos do grupo PELA VIDDA. Então, perguntaram e eu me candidatei a comissão. Era Ana Valéria...

DN – Comissão pra organizar o seminário?

MT – Pra organizar o seminário. Era Ana Valéria, eu, Jorge, Guilherme, um menino que eu não estou lembrada o nome dele, daqui a pouco... Miguel e Alexandre Meyer. Mas esse meio tempo começamos a se organizar, o Alexandre Meyer se desentendeu como grupo, saiu do grupo, Jorge saiu do grupo e ficamos nós. Então, na realidade, quem tocou aquele seminário fui eu, Guilherme e Ana Valéria. Guilherme organizou a parte toda de... que precisava ser... nós juntos, organizamos... e basicamente as idéias básicas era... dos temas, né? Na escolha dos temas, das pessoas que iriam falar, nos distribuímos, organizamos e aí não tinha lugar. Aí eu liguei prum amigo meu e consegui o galão do SENAC de graça. Então organizamos... e foi muito bem organizado, até hoje ninguém conseguiu organizar... Então aquilo me tomou muito tempo, eu ia ao grupo diariamente. Às vezes eu chegava em casa 10 horas da noite, então me ocupei muito do grupo, né? Depois que acabou o seminário... e tocando a minha vida normal. Nisso a Ana Valéria foi morar comigo... porque ela tava com um apartamento que o cara não queria entregar, já tava na justiça, aí eu disse: “Olha, eu estou com esse apartamento aqui tão grande, esse duplex. Você não quer vir para cá? Fica uns tempo aqui comigo?” Aí ela ficou. Aí o tempo foi passando, eu fui me entusiasmando, fizemos o seminário, nos exaurimos, porque havia alguns... sabe aquela divisão que sempre tem? Algumas pessoas que não acreditavam, achavam que era besteira, achavam que nós não íamos levar a termo, então ficaram assim de boca aberta, porque nós organizamos oficinas, organizamos... aquilo que eles chamam... de perguntas... tem um outro nome agora que eu não me lembro. É uma técnica também. Esse meu amigo foi levar uma porção de gente no SENAC e ficaram encantados com o grupo, aquilo tudo. Aí viram que foi aberto num domingo especialmente pra a gente... sem um tostão a gente pagar. Aí foi que o meu prestígio começou a crescer muito no grupo, né? Até comecei...

DN – E o seminário, Teresinha, resultou realmente em discussões produtivas?

MT – As discussões foram muito produtivas, mas não foram efetivadas depois. As discussões foram muito produtivas, principalmente um dos temas... uma das coisas que a gente queria, era saber de todos os projetos; quais os projetos e tinha uma oficina de projeto, de como se elaborar um projeto e quais... Primeiro, o que era a estrutura do grupo PELA VIDDA, nós conseguimos pelo menos um público de umas 80 pessoas a 100, assim. Um número muito bom.

DN – Todos ligados ao grupo.

MT – Todos ligados ao grupo... que foi muito bom. Então a abertura era o Ronaldo, que é o presidente do grupo, falando sobre a estrutura: como é que o grupo funcionava. Depois a Cristina falando dos projetos e depois tinha as oficinas e o debate final sobre

as oficinas; cada pessoa fazia um resumo do que é que foi a sua oficina, a gente fazia um debate, uma avaliação geral.

DN – E as oficinas foram o que? Você lembra?

MT – Oficina... uma foi Sensibilidade e Preconceito, a outra foi Elaboração de Projetos, a outra... eu tenho tudo aí, a outra foi... foi até o Raldo que deu... Perguntas e Respostas e a outra foi de parte de contabilidade, quer dizer... não era propriamente de contabilidade, mas como se elabora um projeto...

DN – Financiamento.

MT – Financiamento. Exatamente, como se consegue um financiamento, que eram as coisas que a gente não sabia e que eles escondem (*ruído*). Eles resistiam, eles resistiam... olha pra gente fazer isso tinha que passar pelo crivo da reunião Política Administrativa de terça-feira. Então a gente dizia, nós escolhemos tais, tais e tais temas.

DN – Mas o seminário foi proposto por quem? Pela própria direção do grupo.

MT – Direção, mas não nos deu liberdade de elaboração livre. Tudo que a gente elaborava tinha que passar pelo crivo da...

DN – Da direção.

MT – Não, da direção, mas da reunião que podia ser qualquer um, você podia chegar ao grupo hoje e podia participar desta reunião e opinar, né? Mas o Raldo e o Ronaldo e a Cristina, sempre criticavam os nossos temas e sempre mexiam nos nossos temas, desviando do nosso objetivo, sabe? Porque o que a gente queria mesmo era saber o que que é o grupo? O que que o grupo tá fazendo com o dinheiro? Como é que se faz um financiamento? Como é, quais são os projetos e por quem esses projetos são financiados? Quando o projeto acaba como é que se faz? Como é que se tenta outro projeto, entendeu? Foi muito bom, foi muito produtivo. Tantos que as avaliações nós temos aí guardadas. Nós fizemos um relatório todo bonitinho, batido no computador... Ninguém sabe onde anda esse relatório. Hoje eles queriam fazer outro... outro... fala-se em fazer um outro seminário e não encontraram. Nós fizemos um... inclusive nós fizemos uma... um levantamento de toda... a fonte fotográfica do grupo e fizemos uns painéis com o grupo desde o início, todos os encontros, fizemos tudo isso...

DN – Isso tem arquivado do lá no grupo agora?

MT – Temos tudo arquivado.

DN – Teresinha, quando você fala, quer dizer, quando você usa esse tom inclusive...

MT – De que?

DN – ...da temática do seminário, enfim, vocês queriam saber o que que o grupo faz, o que que faz com o dinheiro, se consegue financiar, pra financiar projeto e tal... existia um clima de tensão no grupo?

MT – Existia.

DN – Você consegue perceber porque acontecia isso?

MT – Tranquilamente. Porque tinham pessoas que queriam guardar, porque tem gente lá carreirista, Cristina, por exemplo, eu não vou dizer o sobrenome dela, é o tipo da pessoa, hoje ela está na França, está na França, graças ao grupo PELA VIDDA! Graças aos trabalhos que ela fez no grupo PELA VIDDA! É soronegativo, quer dizer, a gente não tem nada contra o soronegativo, mas a gente quer ter mais gente soropositivo. O objetivo do grupo não é ajudar e solidarizar-se com as pessoas soropositivas? Eu, por exemplo, o meu currículo foi... foi, foi recusado pra eu participar de uma pesquisa, que não era suficiente. Eu até entendi um pouquinho na época porque eu não tinha tanta prática. Aí foi quando eu fui... comecei esse ano a me meter em tudo, todos os cursos que tinha, cursos fora, seminários, seminário da ABIA, saber onde tinha alguma coisa tava eu lá, tá entendendo?

Aí veio o que? O Sexto Encontro, aí eu me propus a participar da comissão organizadora do Sexto Encontro. Aí é que foi, menina! Porque era uma luta, a gente ia pra casa do Ronaldo, ficava até meia-noite, é um trabalho de louco organizar um encontro! Você imagina, organizar um seminário a nível aqui local...

AP - Interno, né?

MT - de um grupo interno, de um grupo pra 100 pessoas... agora você organiza isso externamente era uma loucura. Então, eu participei interessadamente dos encontros... mas eu não quis... até o Raldo me convidou... porque sempre se abre um encontro com uma pessoa soropositivo falando. Ele disse...

DN – O Sexto é que foi na Urca, na Praia Vermelha?

MT – Foi, foi, na Praia Vermelha. Aí o Raldo: “Terezinha...” - numa das reuniões - “...eu propunha você pra fazer o seu depoimento.” Eu disse: “Eu não estou preparada ainda pra fazer um depoimento. Talvez, o ano que vem, mas esse ano eu não estou preparada ainda pra me sentar numa mesa e falar da minha soropositividade, eu agradeço. Então eu só quero colaborar.” Aí, eles...

Fita 6 – Lado B

MT – Eu fiquei numa mesa, que era justamente, era uma rede de duas soropositivas, que era uma do GIVE, que uma das meninas do GIVE é representante do ICW, que é a rede de mulheres soropositivas mundial... que é representante... e a outra que era representante, não sei se da mesma ou de outra. Então, realmente o tema foi mulheres soropositivas. E eu fiquei muito balançada com... com as discussões. E o pessoal achou... que a gente dispunha de pouco tempo, que era pouco tempo e eu também concordei: “Ah, Teresinha, você não está dando muito tempo...” Eu digo: “Bom, olha, infelizmente nós temos que cumprir horário.” Então, se sugeriu que, aleatoriamente, nós nos encontrássemos no *hall* do hotel, que tinha um espaço interessante e que nós deveríamos nos encontrarmos e formarmos uma rede de mulheres soropositivas pro Brasil. Aí foi quando começou o nó da questão meu com o grupo. Muito bem. Sete horas da noite, estou eu lá, fomos eu e Ana Valéria do grupo e o resto das pessoas convidadas. E se formou a rede de mulheres soropositivas que era chamada... Teia de

Aranha... E não tinha nada de mais, apenas nós... a Telma de São Paulo se comprometeu, que ela tinha toda uma infraestrutura porque ela trabalhava numa ONG e ela tinha como organizar isso na ONG e... ela ficou... nós mandaríamos as notícias pra ela e ela ficou de arranjar um logotipo, mandar pra gente, fizemos a relação a mão... e realmente ela fez isso. Ela mandou um logotipo com as últimas notícias, nacionais e internacionais, um jornalzinho, fez uma teia de aranha com uma aranha lá, que era o nosso símbolo... Muito bem...

DN – A rede teria que o objetivo?

MT – Ser somente pessoas soropositivas...

DN - Era uma outra ONG?

DN - ...não era uma outra ONG. Era um grupo de pessoas que se comunicavam, que se solidarizavam e que se davam notícias.

AP – Que na verdade, as redes são isso, porque existem várias redes.

MT – É, não é uma organização, não é uma organização não governamental. O objetivo da rede é esse, tá? E existe a rede positiva de mulheres internacionais, que eu inclusive recebo, você conhece? (*ruído*)

DN – Não.

MT – Eu recebo... eu recebo o boletim, eu escrevi pra lá e eles me mandam. Aí quando eu tenho dúvidas, que é em inglês, meu filho tira pra mim... esse é o mais recente.

DN – Quer dizer, a rede acaba tendo que ter uma infraestrutura pra dar conta desse intercâmbio.

MT – Essa é a rede internacional. Então as pessoas acharam que tem um representante, dois representantes brasileiros, um representante pro Brasil e o outro... ah, já sei, uma representa o Brasil e a outra representa a América Latina. E que era preciso que isso se expandisse mais aqui no Brasil. Que as mulheres do Brasil tomassem conhecimento que existia essa rede, pra ser informada parari, parari, parara... E ficou tudo muito tranquilo... No dia seguinte, se combinou que tinham muitas pessoas da rede soropositiva que já tinha formada, HIV soropositivo indiscriminadamente, homem ou mulher e pediu ao represen... ao presidente do grupo, e o grupo cedeu uma sala para que fosse feita essa reunião. Primeiramente, no dia seguinte se fez uma reunião no mesmo lugar, mas só de soropositivos, e tinha alguns soronegativos.

DN – Independente do gênero, homem ou mulher

MT – Independente do gênero, sexo, homem ou mulher. Então se estabeleceu que aquilo era muito pouco, aquela reunião, havia muito poucas pessoas, passamos o nome, discutimos alguma coisa e... a única coisa que eu fiz foi arranjar uma folha de papel. No dia seguinte cheguei lá no local do encontro, peguei uma folha dessa e escrevi 'Reunião Soropositivo Informar na Secretaria a sala'. A secretaria tinha autorização e deu uma sala. E quando nós estamos no meio da discussão, chega o vice-presidente que era o

Jades e uma outra pessoa que eu não me lembro, era alguém de Niterói. E o Jades, era soropositivo, mas era vice-presidente do grupo PELA VIDDA e ele não foi como participante, ele foi como olheiro mesmo pra ver o que que estava acontecendo. Aí o pau quebrou, foi um horror! Aí se discutiram e se desvirtuou o objetivo que nós estávamos... o Raldo, o Raldo... o... Jades partiu, eu parei e disse: “Gente, nós não estamos... nós estamos confundindo, existe um momento em que...” - aí nesse tempo eu já falava, né? E falava até demais. Já tinha recuperado... (*risos*)

DN – As energias todas.

MT – As minhas energias todas, que eu sempre participei, em tudo quanto era grupo, eu sempre participava muito falando, né? Eu disse: “Olha... que era o momento e quero lembrar pra você, Jades, que como seu colega do grupo PELA VIDDA, eu estou aqui apenas na qualidade de soropositivo. Não esqueça que eu sou apenas uma voluntária do grupo. E eu acho que algumas pessoas aqui...” - inclusive aponte o rapaz do Recife e um outro - “...vocês estão confundindo. Aqui não é hora nem local pra se dizer o que que a gente quer melhor do encontro. A gente tá discutindo a nossa soropositividade. A gente tá discutindo o que que nós queremos de melhor pra nós, o que que nós precisamos, do que é que nós precisamos lutar, em que é que nós precisamos nos unirmos para conseguirmos uma melhor qualidade de vida. E existe um momento no grupo, que é um momento de avaliação. Então, se vocês querem um médico, que tenha um acompanhamento de um médico, não é aqui que a gente tem que falar, tem que falar para o grupo PELA VIDDA, no momento oportuno, no momento da avaliação.” Mas não adiantou muito não, porque terminou, uns se retiraram e tudo. E finalmente, num outro momento que teve ainda, porque lá ficou tudo muito confuso, nós nos reunimos a noite no hotel e todos nós demos o nome e dividimos mais ou menos em regiões, que cada região teria um representante. Inadvertidamente, o Alexandre tinha se retirado, que ficou muito pau da vida, que seria, naturalmente, ele a pessoa mais indicada para representante, o menino lá do GESTOS, que eu esqueço o nome dele, botou o meu nome. Muito bem. Um mês depois... domingo, terminado o encontro, que terminava por volta de tal hora, tal dia, não sei o que lá, tinha uma reunião no grupo PELA VIDDA pra avaliar o encontro. Se avaliou o encontro, tudo... quer dizer, os representantes do grupo PELA VIDDA de todos os Estados e quem quisesse mais. Eu, como participante da comissão me senti na obrigação de ir, fui. Não entendi uma série de ironias que fizeram comigo. Muito bem. O Pepê, por exemplo, falou pra mim: “Agora eu já sei quando eu precisar da rede soropositivo eu já sei quem procurar.” Sabe quando você faz as coisas assim na maior inocência, na maior... nem... entendi aquilo. Só sei que se avaliou do local que não foi adequado, se avaliou isso, se avaliou ou aquilo, se avaliou aquilo outro, se avaliou realmente a saída do Pepê que foi uma coisa agressiva, intempestiva, parará, parará... e o resto foi crucificada. Eu, Ana Valéria e a outra menina do GIVE que não foi a reunião e uma que era de Goiânia e que era presidente... não! Era... ela tinha um cargo lá no grupo de Goiânia e foi a reunião soro positivo. “Como que nós...” Aí eu digo: “Bom, dá licença...”

DN – Fazer reuniões paralelas.

MT – Paralela. “Foi uma reunião autorizada, não foi? Foi. Quem autorizou? Vocês não deram uma sala? Deram. Eu sou soropositivo. O que que me impedia de participar dessa reunião? Vocês estão lembradas, principalmente você, Raldo, que tá tão indignado, que quando eu entrei aqui, eu entrei muito quietinha. Mas, de repente, quando eu melhorei,

quando eu me senti... fortalecida, o que que eu fiz? Eu comecei a participar de tudo. Eu fiz todos os treinamentos, eu vivia fazendo perguntas, eu vivia enchendo o saco de todo mundo. Então... lá no encontro, eu não estou querendo tirar o meu corpo fora não, mas o que eu fiz no encontro foi simplesmente procurar saber de tudo. Por acaso vocês me colocaram para que eu fosse (*tosse*) mediadora, justamente, da rede soropositiva de mulheres. E as mulheres resolveram marcar um encontro e eu não podia impedir isso porque foi uma decisão unânime das mulheres. E como tal eu achei, nada mais do que justo, que eu comparecesse! Já que eu tinha comparecido no das mulheres, porque não comparecer a reunião geral? Eu queria saber o que que era uma rede soropositiva que eu não sabia!” “Ah, mas você sabe da nossa filosofia, que todos nós... nós nos sentimos assim, nós nos sentimos magoado, nós nos sentimos assim, traídos, nós nos sentimos rejeitados. Porque nesta reunião se falou... a gente sabe porque o Jades estava lá...” Eu disse: “Jades estava lá mas não foi bem assim, Jades não estava na reunião. O que que se queria, o que vocês queriam era pressionar o grupo para que houvesse mais soropositivo ou que os grupos fossem constituídos mais de soropositivo e que soronegativo não devia entrar no grupo...” Eu digo: “Olha, essa questão...” Aí foi aquele tumulto, aquela coisa, uns defendiam, outros não. Eu digo: “Olha, por mim eu não ouvi essa questão, até a gente se discutiu que nada impedia que soronegativo participasse da reunião. Agora, que nós iríamos distribuir a comunicação... a relação, só para sorospositivos mas que nada impedia que soronegativos...” Quebrou pau, sacrificaram. Aí o Raldo chorou, aí a Cristina dramatizou, chorou também, está entendendo? E eu indignada, né? Eu estava assim indignada.

DN - Teresinha, você acha que essa oposição deles, digamos assim, em relação a rede, ou em relação a essa reunião, seria uma oposição a rede ou seria uma oposição a essa discussão que eles disseram ter existido na reunião...

MT – A essa oposição...

DN – ...de negativo e positivo.

MT – Não só a essa oposição, mas ele acha que ia de encontro a filosofia do grupo PELA VIDA. Eles são contra a rede de soropositivo, qualquer rede de soropositivo eles são contra. Porque a filosofia do grupo PELA VIDA é o seguinte: nós todos vivemos com HIV e AIDS. Ela está no meu grupo, ela tem AIDS... ...porque ela participa do meu sofrimento. Só que eu discordo disso. Eu acho que na hora de tomar o remedinho, na hora de sofrer, ela nunca vai sentir a minha dor. Eu já tinha feito... nós já tínhamos discutido muito isso nas... como é que se diz, nas reuniões... na Tribuna. Nunca vai sentir a minha dor. E li, entendi a filosofia, eu acho que todos vivemos com AIDS, agora, querer dizer que você sofre a minha dor, não, a minha dor é única e é único pra outro soropositivo. Agora, eu posso me aproximar do soropositivo quando ele diz: “Eu não aguento mais essa dormência nas pernas.” - eu sei o que ele está dizendo porque eu senti isso. “Cada vez que eu tomo remédio eu vomito” “Aí, não fala, que é horrível, que é isso, é aquilo.” A troca é muito mais próxima do que com você, você está entendendo? Então eu cheguei a conclusão que é muito importante eu ter contato com soropositivo, que eu aprendi muito com eles. Aprendi muito com soropositivos e por outro lado, também é bom a a gente ter um ambiente... eu dizia isso, é bom a gente ter um ambiente onde a gente fale a vontade sem precisar ter preocupação, entendeu? E eles são contra isso. Então a discussão toda gerou em torno disso.

DN – E a rede se propõe, em suma, a manter o contato, o intercâmbio somente com soropositivo?

MT – Intercâmbio somente com soropositivo. Isso aqui está escrito aqui (*ruído*), internacionalmente. Inclusive teve um cara de Pernambuco que foi a uma reunião lá na Índia ou na China, não sei da onde... descobriram que ele era soronegativo, ele foi expulso e teve que voltar bonitinho pro Brasil. Ele se fez passar por soropositivo aí descobriram que ele não era soropositivo. Essas redes soropositivas, só são financiadas... elas tem grana pra burro, principalmente no Canadá, mas só pode participar soropositivo e eles aqui no Brasil discordam desta rede mundial. Isso daqui eu tenho porque alguém me deu, mas deveria ser o que? O grupo... deveria ir no Grupo de Mulheres: “Quais são as mulheres que estão interessadas em fazer parte?” Essa daqui está em inglês mas, eles já me mandaram uma em espanhol. Alguma coisa eu entendo, quando eu não entendo, meu filho, lê bem em inglês, ele traduz pra mim, está entendendo? Poxa, mas eu já fiquei satisfeítíssima de ter mandado pra lá, de ter recebido, né? Quer dizer, de repente, se eu tiver uma oportunidade de um encontro... já houve encontro nacional de mulheres soro positivas, eu posso elaborar um projeto, escrever alguma coisa interessante e mandar pra lá, se foi aprovado eles me levam, de graça, me pagam passagem, hospedagem e tudo. Isso é fechadíssimo no grupo. Isso quando acontece alguma coisa é só pra eles.

DN – Eles quem?

MT – O presidente, o coordenador, o grupo da diretoria.

AP – Deixa eu te fazer uma pergunta: porque você começou falando sobre a organização do seminário interno, aí você falou que uma das questões era essa coisa do projeto, né? E que em tese essa coisa do discurso que a coisa caminhou mais que na prática a coisa não se efetivou. Mas aí você pulou, não falou detalhadamente sobre isso...

MT – Não aconteceu. O seminário aconteceu, foi muito bom, mas não se... pôs em prática nada que foi falado lá.

DN - As deliberações.

AP – Agora, você acha que a questão, porque, isso se discute no grupo, né? Essa coisa assim de algumas pessoas quererem dar palestras e não poderem, de algumas pessoas, as pessoas se questionarem se teria condição intelectual...

MT – Ah, isso tem, isso é importante.

DN – Pois é, isso que eu queria falar. Aí o que eu queria te perguntar é o seguinte: você acha que a questão é... o conflito, a tensão entre soronegativo e soropositivo ou há uma diferença cultural, social?

MT – Não, a questão aí de fazer palestras de dar informação é questão cultural.

AP – E o acesso aos projetos? Porque a gente discute, há essa discussão no grupo com a relação do... de quem participa ativamente do projeto, na sua maioria, são

soronegativos, quer dizer, é negado o acesso de soropositivo a esse espaço...

MT – Não é negado. Não é negado. Por exemplo, o presidente é soronegativo, é soropositivo. Ronaldo é soropositivo, todo mundo sabe e ele... não estou...

AP – É público.

MT – É público, e o coordenador também é.

AP – Qual que você fala? Coordenador de projetos?

MT – Não, de projetos não. Não sei qual é o título dele, que inventaram um título pra ele, que não existia e aí ele caiu de... eu não sei, caiu de paraquedas, o Ézio. Não vou com a cara dele, já briguei, já briguei com ele, ele chega e me dá beijinho, eu digo: “Não quero seu beijinho. Tô zangada com você.” “Por que? Vai querer que eu peça desculpa, mamãe?” Eu digo: “Olha, eu te digo outro desaforo.” E a questão não é essa, a questão existe. Por exemplo, se você realmente quer saber o que se passa no grupo vai às reuniões de terça-feira. A reunião de terça-feira é uma reunião transparente, realmente. A única reunião transparente, chata, é a reunião de terça-feira, porque eles falam dos projetos e você pode opinar. Agora, é... continua como no seminário, a tua opinião dificilmente é efetivada, entendeu? Mas você fica informada das coisas. Então, por exemplo, eu apresentei o meu *curriculum* que era prum projeto de uma comunidade, num morro. Ora, tinha no meu *curriculum*, já trabalhei em comunidade carente, não propriamente com AIDS, eu não tinha ainda, eu realmente eu entendo, que eu ainda não tinha o meu *curriculum* com AIDS. Mas eu acho que só o fato de eu ser soropositivo e de saber que eu tava informada e que eu era orientadora educacional, me capacitavam para esse tipo de trabalho. Eu recebi uma carta dizendo, muito formalmente, que infelizmente o meu *curriculum* não se adequava as exigências do grupo. Isso foi assim uma ducha de água fria logo em 94.

DN – Mas você mandou o curriculum pra onde?

MT – Eu entreguei, eu entreguei a coordenadora.

DN – Coordenadora de Projeto do grupo PELA VIDDA.

MT – “Olha, aqui está o meu *curriculum*...” - porque o Alexandre me buzinou... que o Alexandre que... quer dizer, aí é que tá. Os soropositivos são assim unidos. “Olha, vai ter um projeto pra comunidade, porque a Nailza vai sair. Então pega esse... coisa, que é uma coisa boa pra você. Prepara o teu *curriculum*.” Preparei o *curriculum*, ele inclusive que bateu no computador pra mim, Valéria me ajudou a corrigir. “Cristina, olha, eu tenho, realmente o meu projeto está pobre, assim em termos de coisa de AIDS, mas eu tenho bastante informação, eu tenho lido, quanto a essa parte eu estou capacitada. Eu gostaria que você examinasse o meu *curriculum*.” Então, eu recebi uma carta assim, formal, que o meu *curriculum* tinha sido considerado inadequado para o projeto... Isso foi em 94 ainda, no final de 94. Realmente, em 95 foi que teve, eu fiz o... participei do seminário, eu me mostrei ativa. Aí o Raldo disse que eu era uma pessoa indispensável ao grupo, quando eu faltava... que eu não podia faltar e as minhas opiniões começaram a ser acatadas. Teve uma vez, primeiro de dezembro foi a sugestão que eu dei foi assim aceita por unanimidade e que fizeram... foi 95, se não me engano. Aí fizeram... em 94

eu não participei não, eu ainda estava muito jururu. Aceitaram tudo de bom grado e me tinham maior consideração... muito bem. Ainda tem uma bomba. Acontece que um mês depois dessa fatídica reunião, porque eu digo que foi fatídica mesmo, porque a gente saiu de lá arrasada, eu, Ana Valéria. Ana Valéria de secretária do grupo: “Como que uma secretária do grupo...” - eles não entendiam, que como uma secretária do grupo, por ser... ela era soropositivo, como uma secretária do grupo poderia participar - “...mais um motivo, enquanto secretária do grupo eu tinha que estar presente a todas as reuniões! Eu não tenho mais nem porque me defender!” “E porque o seu nome consta da lista?” “Exatamente porque todas as pessoas lá deram o nome, porque eu não ia dar o meu nome?” Não tinha, a gente não tinha mais o que argumentar, entendeu?

Uma coisa que passados muitos... alguns anos depois disso tudo, eu vou pular o que aconteceu depois, eu conversando com o meu médico... eu não me lembro bem o que foi que eu falei, aí ele disse: “Olha, Teresinha, a gente está aprendendo juntos, porque eu sei que a senhora agora sabe muita coisa. Mas eu tenho os conhecimento, mas quem vai sentir o efeito do remédio, infelizmente não sou eu, é a senhora. Então, não pode ser a mesma coisa um soropositivo com um soronegativo.” Quando ele me disse isso, sabe, me lavou a alma, realmente tem razão, o meu médico diz isso, é um homem que participa de todas as reuniões internacionais, é convidado pra aqui, pra acolá. Vai dar reunião na Inglaterra, participa de todos os congressos, mas ele me disse enquanto meu médico. “Eu não sei a quantidade que a senhora vai sentir, até onde a senhora vai suportar isto, quem vai dizer é a senhora, estamos em lados opostos.” E não é verdade? Quem é mais meu amigo, quem está mais junto de mim do que meu médico? Que quer me curar até que não seja por vaidade, não é? Que queira me curar ou que queria me deixar bem, me queira bem, queira que eu esteja com a saúde boa? Aí foi, cada vez mais eu... isso foi uma coisa só que reforçou, né? Mas acontece que um mês depois dessa reunião, como eu estava voltando, chegou a lista.

DN – Dos representantes da rede.

MT – Dos representantes e veio o meu nome como representante do Rio de Janeiro. Menina, quando chegou na reunião político-administrativa... bom aí o pau foi comigo, né? Inclusive falando o Raldo. Aí eu fiquei indignada, realmente porque eu não gostei, eu falei: “Olha, Raldo eu vou escrever uma carta. Em momento nenhum eu ouvi ninguém falar...” - isso, meu nome rodou acho que aí inteiro. “Eu vou escrever uma carta.” Aí fiz uma carta, o Gerson corrigiu, leu pra mim, achou que estava muito boba, dizendo que, eu Teresinha, na qualidade de soropositiva e que tinha participado do V Encontro, parari parara... eu tenho essa carta aí guardada, mas eu não vou achar agora não, mas os termos eram esses, que eu tinha participado, mas que tinha que discordar em alguns pontos. Por algum motivo eu estava em mudança e o meu endereço não foi... justamente naquela semana eu estava saindo da Paulo de Frontin e vindo pra cá. Eu não sabia o endereço daqui de cor, aí eu deixei em branco. Como eu deixei em branco, eles sabendo que eu era do grupo...

DN – Mandaram pelo grupo PELA VIDDA.

MT – Mandaram pelo grupo PELA VIDDA. Eu expliquei isso pra eles. Então nessa carta eu disse isso e disse que tinha um protesto a fazer. Que eu achava que o fulano de tal que eu esqueço, eu não sei porque que eu esqueço o nome dele, que era o representante do Recife, que era representante do Nordeste, que ele não estava autorizado a falar de ninguém, porque segundo... eu presenciei todas as reuniões, não se falou no momento

em ninguém, nem pessoalmente de ninguém, a não ser que, se discutiu a filosofia do grupo PELA VIDDA com relação a soronegativo... a filosofia do grupo PELA VIDDA, só isso. E que ele não tinha autoridade de agredir as pessoas e que eu não me sentia autorizada, por outro lado, eu não me sentia capacitada, por isso eu não tinha dado o meu nome, que tinha havido um grande engano, eu ser capacitada fisicamente, psicologicamente e nem... digamos assim, eu não tinha condições materiais pra... como eu diria, pra elaborar os boletins e as listas e que eu pediria então que eles retirassem o meu nome da lista e que eles me tirassem, me desligassem da rede de soropositivo. Aí levei a carta, entreguei a carta pro Ronaldo e pedi que o Ronaldo lesse a carta. “Ah, que bom, Teresinha.” Foi só isso.

Aí quando foi um dia que o Ronaldo chegou lá e disse que estava estressado por isso e por aquilo, eu disse: “Pois é, Ronaldo. Por isso também que eu estou estressada.” “Ah, Terezinha, você não quer participar disso...” Eu disse: “Ronaldo, acontece que depois desse encontro os meus CD4 baixaram e a minha carga viral subiu. Portanto, eu agora vou participar o mínimo possível porque a minha saúde eu sei que quem tem que preservar sou eu. Então, vir aqui ao grupo pra eu me estressar, na hora que eu mais precisava de vocês, porque eu era nova no grupo, era a primeira vez que eu participava, vocês caíram em cima de mim. Ninguém foi solidário comigo aqui não Ronaldo. Vocês não foram nenhum pouquinho solidários comigo! Pelo contrário, vocês só me massacraram. Vocês não viram as coisas boas que eu tinha feito pelo grupo. Quer dizer, eu acho que não cometi erros, mas se eu cometi alguma coisa que desagradou a vocês, não era pra vocês terem usado aquele tom agressivo daquele jeito. E aquele tom agressivo, me baixou o CD4 e quando o CD4 baixa, meu amigo, eu não volto mais fazer aquilo.”

DN – Mas isso foi real? O CD4 baixou?

MT – Foi, baixou, começou a baixar o meu CD4 porque eu fiquei num estado de tensão muito grande. A herpes voltou... quando eu fico em estado de tensão eu já sei, a herpes volta, o CD4 baixa, a carga viral deu uma subidinha, porque todo mundo só fez a carga viral em 96, mas em 95 eu já fiz a carga viral. Fui uma das primeiras pessoas a fazer a carga viral, tal o nível de informação do meu médico. Ninguém sabia, eu fiz no Richet, peguei 280 reais pra fazer o meu primeiro carga viral, ainda fiz em 95, pois é. Aí eu fui me desencantando cada vez mais do grupo e fui me afastando. Aí a Katia: “Mamãe você está muito estressada, muito nervosa, acho melhor você diminuir.” Então, eu passei ir ao grupo assim, segunda-feira eu vou lá, faço um trabalho com a Daise, fui lá com a Daise, de vez em quando eu fico no Café Positivo e ultimamente eu só tenho... e passei ao Disk AIDS. Aí eu passei a atender o Disk AIDS...

DN – É uma tarde por semana, é isso?

MT – Uma tarde por semana. E passei a dar palestras, pra isso eu sou chamada até hoje. Eu dou palestras e faço depoimentos e faço oficina. Também oficina Sexo Seguro. Mas aí eu sei agora por exemplo...

DN – Mas aí é fora do grupo, quer dizer, é fora da sede do grupo?

MT – Da sede do grupo...

Fita 7 – Lado A

MT – Bom, aí depois desse meu desabafo, no grupo, né? Aí, eu fui realmente me afastando, me desencantando, porque quando eu me empolguei muito pelo grupo, é que eu vi no grupo uma saída... porque eu sempre fui uma pessoa muito ativa e... eu... já estava aposentada pelo Município e me aposentei pelo Estado pelo... por força do HIV, né? Eu ainda tinha algum tempo. Então eu... quando eu me encantei aí surgiu o PROJETO PRAÇA XI. Aí Valéria se candidatou, foi quando me contou... eu sabia das coisas por causa da Valéria que era secretária se não, ninguém sabe de nada. Aí a Valéria chegou e se candidatou. Eu realmente ainda não tinha gabarito pra isso. A Valéria se candidatou a aconselhadora do PROJETO PRAÇA XI, que eu não sei se vocês sabem, que é um projeto que trabalha a prevenção de sexo, de homens que fazem sexo com homens. Mas a Valéria foi barrada pra aconselhadora e foi indicada pra oficineira e eu fui automaticamente... indo como oficineira, porque o Raldo nesse ponto, depois então que ele leu a carta onde eu defendi... o Raldo sempre... no dia ele emocionalmente ele ficou (?) mas o Raldo sempre me tratou com muita atenção, com muita consideração. E o que eu queria no grupo era uma forma até de, de repente, ganhar sim, tá? Se outras pessoas que estavam lá, soronegativas, podiam ganhar porque não eu também ir fazer um trabalho e complementar as minhas necessidades? Que o meu salário como professora aposentada era muito pequeno, né? Aí com isso eu fui me desencantando. Quando foi em 96, 97 eu vi lá no quadro... sim, aí o Guilherme me convidou para o Disque AIDS. Eu não quis coordenar o Disque AIDS na época, e na época, até, o Disque AIDS não era remunerado.

AP – Hoje é remunerado?

DN – É, hoje é remunerado, é pouco mas é. Então... o Guilherme resolveu chamar algumas... botou lá no quadro que ele ia fazer um treinamento pra ... que ele já estava prevendo a ida dele pra Inglaterra, pra uma pessoa que ganharia tanto...

DN – O Guilherme já era do grupo PELA VIDDA antes de ir pra Inglaterra?

MT – Já, já.

AP – E ele coordena o Disque AIDS.

MT – Coordenava o Disque AIDS. E uma pessoa pra realmente ficar como assistente do Disque AIDS. Essa pessoa foi justamente o João que ficou coordenando o Disque AIDS, eu fiz o treinamento já no tempo do João, fiz treinamento com Guilherme e fiz treinamento com o João. E com o João eu passei a atender o Disque AIDS. Aí João também vai pra Inglaterra e ficou o Paulo. Eu não sei como é que foi a entrada do Paulo no Disque AIDS. Quer dizer, quando, outro dia...

AP – PC, o Paulo?

MT – PC, é. Então, pra mim agora é assim: tá lá, tá nas... nas graças da... da... comissão do... do grupo, né?

DN – Da coordenação.

MT – Da coordenação. Cai nas graças, é indicado. Então, o Paulo caiu nas graças, o Paulo é um representante do grupo PELA VIDDA na rede soropositivo, o Paulo é do Disk AIDS, o Paulo vai representar... adoro o Paulo... vai representar todo mundo. Mas eu acho que isso deveria ser levado a reunião política administrativa. Por exemplo, foi levado mas o... Emílio foi rejeitado, dizendo que o Emílio não estava muito bem capacitado, que o Emílio era muito estourado, que o Emílio não tinha bom discernimento, entendeu? Então eles sempre criam dificuldades... quando aparece outro candidato pra levar... Então, há uma manobra, sim. Do grupo, há! Dos dirigentes, há! Eu já disse isso pra eles, estou dizendo aqui uma coisa que eu já disse lá. Isso que eu estou dizendo aqui, não estou dizendo porque estou falando longe, já disse lá.

DN – Há manobra, por exemplo.

MT – Há uma manipulação a verdade é essa dos cargos ali..

DN – No sentido de que as pessoas, em suma, que compartilham...

MT – Sejam coesas.

DN – ... mais próximo a idéia deles é que ocupa esses cargos?

MT – Exatamente, é que ocupa esses cargos. Então, quando foi o ano passado teve...

DN – Agora outra pergunta, você falou, não, o Paulo hoje representante da rede soropositiva, representante do grupo PELA VIDDA da rede soropositiva. Por que houve uma mudança de opinião em relação a rede? Ou...

MT – Não, não houve uma mudança de opinião...

DN – ...foi uma pressão externa pra ter representante?

MT – Simplesmente, uma pressão externa. O governo recebeu uma verba internacional e os governos estão pressionando que todas as ONGs tenham uma maioria de pessoas soropositivo. As ONGs que não tiverem muitos sorospositivos não terão financiamento. Deu pra entender?

DN – Não. Deu, mas a pergunta era a seguinte: em relação a rede soropositiva. Em 95, na reunião que teve no encontro, no Vivendo, você foi, segundo você, massacrada pelo grupo PELA VIDDA por estar o teu nome na rede...

MT – Organizando uma rede brasileira.

DN – Isso. Quer dizer, e você acabou de dizer agora que o Paulo é o representante do grupo PELA VIDDA na rede soropositiva.

MT – Porque é uma rede nacional organizada pelo governo, com verba internacional, chama-se, eu não sei o nome direito, Rede Nacional dos Direitos dos Soropositivos. Então, quem é o presidente da Rede Nacional dos Soropositivo, hoje? Raldo simplesmente... Segundo eu entendo ele foi lá... quer dizer, aí eu não sei, eu acho que o Raldo...

DN – De repente, ele foi pro Ministério pra criar a rede?

MT – Não, a rede já existe.

DN – Ou o projeto da rede?

MT – Já existe o projeto, já existe a rede, ele foi coordenar a rede. Agora, eu acho que coordenando a rede ele está querendo mudar. tanto que no depoimento que ele disse, que as pessoas olham o Raldo, os soropositivos, olham o Raldo de revés. Quando o Paulo se apresentou na reunião lá em Brasília e disse pra um outro cara: “Como você, eu também tenho as minhas dificuldades de dizer que sou soropositivo...”, a coisa amenizou, entendeu? E eu não tenho...

DN – Não, não entendi, não entendi. Os soropositivos vêem o Raldo meio atravessado?

MT – Sim, por ele ser soronegativo.

AP – Ah, o Raldo é soronegativo?

MT – É.

DN – E aí, você explicou com a fala do Paulo pra uma outra pessoa...

MT – Paulo. O Paulo então... o Paulo mesmo, foi na reunião o Raldo falando. Tava Raldo e Paulo, os dois falaram. isto eu não estou inventando. Foi numa reunião político-administrativa que eu fui e o Raldo então falou disso e o Paulo, disse que, quando ele, Paulo, se referiu alguém de uma outra ONG, que falou: “Oha, eu como você também tenho dificuldade de dizer que sou soropositivo...” Aí eles ouviram o Paulo, o Raldo fez elogios ao Paulo, disse que o Paulo se desempenhou muito bem... Porque a intenção do Raldo, segundo eu, é abrir a coisa, entendeu? É não deixar a coisa tão fechada. Tanto que eles estão sem saber, por exemplo, uma dificuldade. Como é que é, se uma pessoa chega aqui para a gente diz que é soropositivo, a gente tem que acreditar e o cara pode ser soronegativo. Então está esse impasse porque não se pode exigir um atestado médico...

DN – A mesma coisa o inverso, se ele disser que é soronegativo e também pode ser soropositivo.

MT – Pois é, exato.

DN – É complicado mesmo essa discussão.

MT – É muito difícil essa discussão, realmente é muito complicada, é muito complicada. É muito difícil. Então, com isso eu fui saindo. Como eu tava dizendo pra vocês, recentemente eu vi lá num quadrinho, ‘Convênio com o Município para aconselhadores fazerem trabalhos em tais e tais lugares’ Quem é o responsável? Procurar Alexandre do Vale. Fui procurar Alexandre do Vale. Eu realmente não poderia entrar porque eu sou aposentada por soropositividade, eu sou aposentada por... havia uma cláusula, assim... mas quando eu fui perguntar ao Alexandre ele disse: “Olha,

Teresinha, praticamente não existe mais vagas, já foram preenchidas.” Uma foi preenchida por Gerson, você sabe quem é Gerson? Meu vizinho, mora aqui, Gerson trabalha no projeto PELA VIDA e faz muita coisa... o Gerson não é nada, é apenas voluntário...

AP – Eu não lembro da pessoa. Eu já cruzei...

MT – ...mas o Gerson é muito bem quisto por eles, muito valorizado por eles. Quando tem uma coisa boa, legal pra representar eles mandam o Gerson. Eu faço muito oficina com ele, ontem eu fiz uma oficina com ele. Eu lamento a ausência do Raldo, porque o Raldo me ajudava muito. A menina... aí o Alexandre disse... foi o Alexandre... o Gerson, o outro é um rapaz, fulano de tal... “Mas, não é do grupo, Alexandre? O que é isso? Esse rapaz nunca veio aqui no grupo. Que critério que vocês estão adotando afinal?” Aí ele me enrolou, me enrolou, me enrolou e como eu vi, fui lá, apurei que eu não podia entrar eu não quis tomar briga, pegar briga dos outros pra quê? Pra me estressar? Não quis. Mas depois eu soube que várias pessoas se candidataram e não foram aceitas. O Emílio, por exemplo, me contou isso e outras pessoas. Então ficou, uma mulher, uma moça que está sempre com o Willi...

AP – William.

MT – William? Não, não é William, aquele outro, malucão, não.

AP – William que é psicólogo, é da recepção.

MT – É Ville, não é William não, é Ville... é Ville, aquele outro é Vinícius. O William é uma moça que não tem absolutamente nada com o grupo. Essa moça nunca esteve no grupo. Chegou recentemente. Eu digo: “Olha, eu realmente discordo dos critérios que vocês adotam.” E disse: “Olha, eu vou lá, no grupo denunciar.” Depois eu disse: “Quer saber de uma coisa? Não vale a pena. Não vale a pena.” Mas outro dia eu ouvi um bate papo, de sala ali, de entrada... “Porque as coisas aqui acontecem, a gente nunca tem vez, o voluntário nunca tem vez e sempre...” Eu disse: “Olha, a única coisa honesta que eu vi ter sido feita aqui, foi na época que Guilherme, que está em Londres, fez... foi escolhido o assistente dele pro Disque AIDS. Que foi uma coisa, onde se fez um treinamento, onde se passou por um crivo de informações e tudo. Porque de lá para cá, meu filho, é tudo carta marcada e é bobo quem acredita que voluntário... por isso que isso é assim, a rotatividade, é alta rotatividade. Eu agora, por exemplo, eu venho apenas ao Grupo de Mulheres de vez em quando, quando eu quero ser informada eu vou lá na reunião político-administrativa.”

Então, agora, por exemplo, no PROJETO PRAÇA XI vai entrar uns projetos novos. Eu estou pensando em preparar o meu *curriculum* e apresentar o meu *curriculum*, já falei com a Regina que é a coordenadora. Aí a Regina já falou: “Ah, mas tem que... você sabe...” Eu digo: “Sei que tem que passar por tudo, fazer isso e aquilo.” E eu não sei até quando também a minha idade possa pesar, porque vai ser uma faixa de... dessa vez só vamos trabalhar com gente de 20 a 30 anos... Se bem que eles me aceitam muito bem, não tem a mínima restrição, contam os casos deles, que transaram, que enfiaram, que fizeram isso, que chuparam, que tudo, contam tudo na minha frente, sabe? Quando eles tem que falar essas coisas eles falam. Quer dizer, que eu dou abertura pra isso, né? Não tem o mínimo problema de contarem os casos deles lá não... na oficina. Então eu estou com uma perspectiva, eu não sei se eu faço meu... no PROJETO PRAÇA XI, mas

pelo menos continuar as oficinas, continuo porque é remunerado, dá um dinheirinho. Agora eles estão remunerando também as palestras, pouquinho, uma miséria...

Mas aí eu... quando foi 97, a minha... que eu tive... fiquei meio *free*, ainda fiquei mais decepcionada ainda, né? Então, eu ia lá na segunda-feira, atendia o Disque AIDS, assistia o Grupo de Mulheres e vinha embora. Mas o ano de 97 foi muito ruim pra mim. Eu não sei o que que... baixou muito a minha imunidade, eu voltei a ter gastrite, tive que fazer... aí foi um ano que eu tive que fazer... tinha passado quatro anos, 94, 95, 96, 97, né? Passei dois anos maravilhosos, só ia ao médico de três em três meses, fazia mil exames, fazia carga viral e vinha embora. A minha primeira carga viral... não tomava inibidor de protease...

DN – Isso que eu ia te perguntar...

MT – .. não precisei tomar inibidor de protease. Eu me mantive com AZT e coisa. Quando chegou no final de 95... no meio de 95, foi que o doutor Celso já pensou em introduzir o DDI. Então, eu fiquei fazendo a terapia dupla: DDI e AZT. 96 continuei, aí eu fiz a minha primeira carga viral, a minha primeira carga viral deu 1080, uma carga viral baixíssima, quase que indetectável. Mas depois desses babados todos, dessas coisas todas, aí nós fizemos outra carga viral e ela subiu para 6000. Foi quando eu comecei a ter muito problema de estômago, comecei a emagrecer outra vez e tudo. Aí doutor Celso disse: “Olha, agora nos vamos ter começar com... vamos ter que tirar o DDI e vamos ter que entrar com protease.” - que eu estava fazendo uma certa resistência ao DDI. Aí, depois disso, nós conversamos, conversamos muito e eu optei pelo Norvir, o Ritonavir, que é o inibidor de protease mais forte e que mais efeitos colaterais faz.

DN – Por que você optou por esse...

MT – Porque o Crixivan... eu já vinha com trauma do DDI. O DDI você tem que ficar duas horas antes, sem alimento, aí toma o remédio, fica mais uma hora se alimentando. E ele provoca muito vômito, provoca muita azia e ressecamento muito grande na boca. Eu não agüentava mais, eu vivia chupando bala e bebendo água. Hoje eu bebo água porque eu preciso, mas não porque a boca esteja seca. Eu se estivesse falando aqui com vocês eu já tinha tomado mais que uma garrafa de água. A boca secava a ponto de eu fazer assim e não molhava. Aí eu fui e perguntei ao doutor Celso e ele: “Olha, eu preferia este daqui, mas vamos... se a senhora preferir...” - justamente porque o Crixivan não tinha problema de horário de alimentação, bastava tomar de 12 em 12 horas.

DN – Não dependia da alimentação.

MT – Exatamente, não dependia da alimentação. E eu tomei, mas eu comecei a ter tanto efeito colateral, tanta coisa. Eu tinha dormência, eu tinha vômito, as vezes o comprimido mal chegava no estômago não dava tempo nem de chegar no banheiro, voltava tudo inteiro. A rejeição era tanta que o comprimido voltava inteiro. Aí eu dava um tempo, ia lá, pegava outros comprimidos, engolia, respirava, bebia água... podia comer? Comia uma coisa doce, ele mandava: “Não, mastiga um biscoitinho depois. Come um...” Aí eu achei que presunto, um presuntinho, um salgadinho, uma coisa, eu mastigava o presunto. Ficava andando pela casa, pensando coisa, eu respirava, fazia respiração pra ver se melhorava. Mas eu comecei a ter dormências e muito cansaço. Eu tinha tonteiras a ponto quase de desmaiar, de ficar assim, de perder...

Aí foi quando fiz... eu fui a fazenda com o meu filho e tive lá... comecei a ficar

muito gripada, muito gripada, muito gripada e a gripe, aí eu tive uma sinusite, aí eu tive sinusite... e um iniciozinho de pneumociste o ano passado. Aí o Júnior: “Mamãe, você não quer telefonar pro doutor Celso?” Eu disse: “Não. Eu vou... porque ele vai me mandar fazer radiografia, isso e aquilo outro. Melhor eu ir embora.” Eu estava no Interior de Minas. Aí eu vim, não deu outra, cheguei aqui ele estava viajando. “O que eu faço?” Aí já por minha conta eu comprei, aumentei a dose de Bactrim, aí ele voltou, 11 horas da noite e me ligou, e disse: “Faz isso, isso assim, assim, assim. Se não melhorar me liga, se melhorar vai, liga lá para o consultório pra eu lhe atender.” Aí eu fui no consultório, ele passou, radiografia, exame de escarro, não sei o que mais lá. Deu aumento da presença da pneumociste e deu realmente hepatite, eu estava com uma hepatite medicamentosa. Aí ele suspendeu tudo...

DN – Que é um efeito colateral do remédio.

MT – Do remédio. Aí outra hepatite, que era medicamentosa mesmo. Aí suspendeu tudo e eu ainda tava... eu tive uma... aí depois eu tive... fiquei boa, me recuperei, já estava bem. Aí tinha um caroço aqui, começou a aumentar o caroço de uma colostomia que eu tive. Aí mostrei pro doutor Celso: “Vamos fazer tomografia, parari, parara, não sei o que mais lá... operar.” Operei. Só que quando eu operei, você já estava lá no grupo, quando eu operei que era só para tirar um polipo *[sic]* aqui, a alça intestinal da colostomia que eu fiz há anos atrás, a alça agarrou na cicatriz e precisou seccionar o intestino. Aí foi que acabou comigo, né? Aí eu voltei a emagrecer, perder peso, fiquei 24 horas em jejum... aquele remédio... aí doutor Celso suspendeu o remédio, porque eu já tinha recommçado o remédio. Então, ficou essa história toda. Então eu fui internada, era par internas hoje, pra sair amanhã, eu fiquei dez dias no hospital por causa da tal da...

DN – Da alça.

MT – Da alça intestinal. Bom, fui, vim, me recuperei, comecei a tomar Megestate, custou muito a recuperação, muito difícil. Fui pra casa da minha filha, doutor Celso não deixou eu ficar aqui sozinha, meu filho ficou aqui, mas... quando ele foi embora eu fui pra casa da minha filha e foi muito doloroso. E aí eu só pensava na morte, sabe? Pensei muito na morte, cheguei até perguntar ao doutor Celso: “Doutor Celso, será essa a minha fase final...”

DN – Porque essa foi a internação depois daquela que você disse que não queria mais internar.

MT – Exatamente.

DN – Essa foi a quarta internação.

MT – É. E depois que eu me sentia quase curada eu não estava curada, mas eu tava saudável, eu tava bem. Eu tava fazendo tudo que eu fazia antes. Digamos assim, eu não fazia a mesma coisa até pela idade, também, né? Doutor Celso às vezes: “Olha, não esqueça que a senhora já tem 60 anos. Quer que eu fique lembrando toda hora?” Então, independente disso... pra você ter idéia o Norvir era tão forte que eu menstruei! Mas um sangue vivo que me apavorou! Eu telefonei pra ele: “Doutor Celso, eu estou regulada!” *(risos)* “Que que é, Teresinha, sangrando como?” “Doutor Celso, regra. Eu estou

menstruada!” Aí ele disse: “Olha, estava tomando reposição de hormônio?” “Estava.” Então ligue pro seu ginecologista. A senhora tem que se entender com ele.” Aí ligo pro ginecologista. “Está tomando aquele remédio forte?” “Estou.” “E estava usando...?” “Tô.” “Então é isso. Vem aqui eu vou te examinar.” Não precisei tomar remédio porque no quinto... terceiro dia parou.

DN – E nem suspendeu os que você estava tomando?

R – Não, não suspendeu nada. Só suspendeu aquela... o Straderm que é reposição de hormônio, aquele adesivo, que eu estava usando. Isso tudo foi o Norvir. Aí doutor Celso então optou por trocar, depois que eu operei, eu ainda tive, três meses depois, se não me engano foi agora em setembro, eu tive uma diarreia... Minhas sobrinhas estiveram aqui em julho, foi um pouquinho depois, operou. Em julho, em setembro eu operei que eu me lembro, em agosto eu operei, em setembro ou outubro eu tive uma diarreia muito forte, e uma crise de herpes assim, assustadora. Eu nunca vi uma coisa daquela, a herpes tomou a minha nádega toda, eu não podia sentar, entendeu? Então lá vou eu... e eu fiquei tão fraca, que eu precisei da companhia da minha filha pra me levar no médico. Aí foi quando doutor Celso disse: “Volta pra casa da sua filha outra vez.” Então esse ano de 97 foi um ano muito assustador pra mim. Cada crise dessas que vinha eu disse: “Meu Deus do céu! Eu tive aquelas internações...” A cirurgia não me assustou muito porque a cirurgia foi uma coisa que eu já tinha antes, independente do HIV, você está entendendo? Foi consequência de uma cirurgia que eu fiz há 18 anos atrás, que eles achavam que eu tinha câncer e que resolvesse fazer a colostomia para poder fazer uma biópsia. Depois deu negativa, aí eles fecharam, aí eu fiquei com uma cicatriz, que eu tenho uma cicatriz aqui na barriga, e ele procurou fazer em cima, mas quando ele abriu tinha... eu me lembro que eu ainda estava na cirurgia, quando eu lembro que ele disse: “Epa! Mudando o programa. Dá mais anestesia nela, a alça intestinal está presa.” Aí eu apaguei, mas eu escutei quando o médico disse isso, quando o cirurgião falou isso, mas aí eu senti que isso aqui ficou muito sentido, ficou muito doído, inchou muito, e doía muito, inflamou um ponto, entendeu? Aí eu comecei a ficar muito assustada. Aí eu disse pro doutor Celso: “Doutor Celso eu estou assustadíssima. Eu estou achando que é aquele início da última fase, que eu estou começando um processo de última fase, que a minha morte vai chegar daqui a pouco. E eu não tenho medo da morte, eu tenho medo do sofrimento, procura aliviar o mínimo, o mais possível.” Aí foi quando chegou dezembro, eu disse pra ele que eu ia pro Nordeste, ele não deixou eu ir pro Nordeste. Disse: “Olha, eu sinto muito. Se continuar ser o seu médico, a senhora não vai com o meu consentimento.”

DN – E aí, foi o primeiro ano que você não foi?

MT – “Não, vai não. Porque eu estou mudando uma medicação, a senhora teve uma cirurgia, agora a senhora tem uma diarreia...” A diarreia foi debelada logo, mas eu passei 24 horas no banheiro, quase. Não dava tempo, quando eu saía do banheiro... olha que ali é porta... foi uma loucura. E a herpes. Quando eu debilei essa crise foi quando eu melhorei um pouquinho, voltei, suspendeu um pouquinho o Norvir, comecei a tomar o Megestate, foi quando eu tive... esses negócios todo. Aí eu... ainda consegui engordar alguns quilinhos e resolvi ir pro Nordeste. O doutor Celso não deixou. Aí eu melhorei, troquei o remédio, comecei a tomar o Crixivan. O Crixivan já não é tão forte assim. Aí fizemos a minha carga viral. A minha carga viral está indetectável, os meus CD4 subiram, aí ele disse: “Sim, eu não gosto muito não mas pode ir.” Eu fui em 13 de

janeiro, de fevereiro. Aí fiquei fevereiro e março lá. Aí ele deixou: “Não gosto muito não. Eu vou ficar com ciúme, hein!? Eu não gosto da senhora longe de mim não. Ele disse que não... que queria “nessa fase, eu queria, pelo menos seis meses a senhora perto, próximo, ao alcance. Porque já pensou a senhora ter uma crise lá em Recife? Eu digo: “Qual o problema?” “Ah, eu tenho bons colegas lá em Recife.” “Eu ligo pro senhor e tomo o avião e venho embora, está combinado assim?” Mas não precisei, só precisei...

DN – Você passou bem lá.

MT – Não passei muito bem, eu tive muito vômito e a comida, me enjoava muito. Eu continuei tendo problema... de enjôo, problema de azia, problema de fraqueza, ainda efeito do remédio, do Norvir, que eu já estava tomando Crixivan, já tinha trocado o remédio. Aí eu... agora estou me sentindo bem, estou tomando um remédio paralelo pra não dar enjôo, Mitilio (?), que tá me ajudando, estou tendo apetite, já engordei mais dois quilos, estou com 54 quilos agora, quer dizer, estou com o peso que sempre foi o meu peso, razoavelmente, 54, 55, sempre foi o peso que eu tive. Só que tem uma coisa muito desgostosa é que a gordura vai toda pra barriga. Eu estou com a barriga enorme, pareço que estou grávida e aqui também nessas partes aqui. Aí eu vivi reclamando dele: “Pois é! Uma coisa horrorosa, a gente já está velha, depois de velha ainda cresce a barriga. Aí ele começou a rir e disse: “Agora eu posso contar. Sabe que tem um estudo que diz que quem toma Norvir e Crixivan, quando engorda, há uma concentração de gorduras na barriga e nos mamilos, exatamente com mulheres. Eu digo: “O senhor está rindo né (*risos*) a minha desgraça porque eu podia estar muito mais bonita, né?” (*risos*) Ele disse: “Mas a senhora não tem jeito, não tem jeito mesmo.” Aí ele conversou muito comigo, um homem muito legal. Então agora 98 eu estou numa fase que eu estou assim com muita esperança de me recuperar, aí não estou mais com perspectivas realmente, não quero deixar o grupo. Porque eu acho que o grupo é uma coisa importante, o grupo como que revitaliza a gente, entendeu? A gente está meio desanimado, vou lá no grupo de mulheres, brigar com aquelas mulheres todas... não agüento aquela mulher, aquela Angela, não me passa. Ah, é por nome, porque a outra Angela também não. Não, a Angela eu já tive atrito no primeiro dia que ela chegou lá no Grupo de Mulheres.

AP – A Angela Ascher Gois, é?

MT – A Angela, bonitinha, Angela que faz aquela... porque pra mim ela é carreirista. Não é que eu seja contra se a pessoa trabalha não, está entendendo? Pelo amor de Deus não me interprete mal. Mas a gente sente, por exemplo, a entrada dela, ela...

Fita 7 – Lado B

MT - ...é que quando ela chegou no grupo, ela chegou como uma socióloga que vinha observar o grupo, e fazer um trabalho no grupo. Mas em alguns lugares ela dizia pra outras pessoas que estava sendo treinada pra realmente substituir a Dayse. E numa das vezes, numa das reuniões ela fez um comunicado, que houve uma reunião, houve um seminário não sei aonde, que ela foi representar o Grupo de Mulheres nessa reunião e que ela queria dar pra gente os resultados. Ela leu os resultados. Quando ela acabou os resultados aí eu, como sempre, perguntei: “Porque foi você a indicada? E porque isso não foi...” - porque, geralmente quando se manda uma pessoa representando o Grupo de Mulheres, ou vai a Dayse ou se comunica, e pergunta-se quem pode ir - “Ah, porque

precisava de uma pessoa abalizada. Alguma pessoa que tivesse um conhecimento, que tivesse...” - foi a saída dela - “...que tivesse algum conhecimento de sociologia ou psicologia, uma pessoa que fosse mais traquejada para debater e não sei o que lá.” Eu disse: “Olha, eu sinto muito, mas eu sou Socióloga, Antropóloga e professora de História e Orientadora Educacional...” - sou mesmo isso tudo, só que eu não uso - “...Ela é advogada. A Valéria está habituada. Então, Angela, sinto muito. Esta desculpa eu não aceito.” Aí a Dayse, também teve um dia lá que a Dayse, eu não sei o que ela falou pra Dayse, que a Dayse se desentendeu com ela, aí chorou e pediu demissão do grupo e que assim era que botaram ela pra fora, que a Dayse preferia logo pedir demissão, e pediu demissão, e nós em cima fizemos uma carta em cima e fizemos um abaixo assinado, ainda era lá no outro grupo, e todas nós assinamos a permanência da Dayse. Então, isso fez com que ela ficasse muito mal quista no Grupo de Mulheres e as atitudes que... algumas atitudes que ela toma porque ela, ela é muito pretensiosa. Ela pode ser muito legal com jovens, mas ela tem alguma coisa assim que não agrada. Inclusive, tanto que outro dia eu ouvi uma pessoa chegar junto dela e falar: “Olha, tu num... Fica, fica quieta aí, porque você também é papa defunto, hein?” É uma gíria que existe entre soropositivo, daquelas pessoas que querem fazer carreira a custa de soropositivos.

DN – Eu jamais imaginaria um termo desse (*risos*).

MT – Tá? Então... eu... foi uma coisa que eu comentei com o Guilherme, ele falou: “Teresinha, você foi assim, realmente, foi assim, tu *shu*... ... uma, uma, uma curva mesmo assim, entendeu? Dessa assim.” Eu subi, subi, subi no grupo, fiquei lá no auge... *tchi*... sabe? Me desinteressei completamente. Hoje eu vou, eu participo, eu dou opinião, eu converso, já tive atrito com Ézio porque... o meu atrito com o Ézio procede. Eu tava precisando de um medicamento e o medicamento não chegava no posto. Eu conheço o médico que é chefe... por conta disso... eu conheço muita gente, né? Das minhas saídas, desse meu período assim, de intensa participação, eu fiquei muito conhecida. E uma vez eu liguei pra lá: “Olha, eu queria falar com alguém da Saúde ou com doutor Drauzio.” “Ah, sou eu. Quem tá falando?” “Oi, dona Teresinha, sou eu...” O problema... o Drauzio me atendeu muito bem e resolveu o meu problema. Eu tive problema outra vez de falta de medicação esse ano, esse ano agora 98, liguei. O Drauzio não estava, não pode me atender. Aí veio... então eu posso falar com a pessoa que é representante... veio o Sérgio, que não foi muito delicado, que não foi muito atencioso, disse que não podia dar informação, porque afinal de contas ele não tinha certeza que eu era soropositivo. Eu digo: “Olha, eu estou me identificando como Maria Teresinha Vilela Duarte, do grupo PELA VIDA. Eu sou voluntária, conheço todo mundo, conheço doutor Drauzio, já falei com ele...” “Mas assim, minha senhora? Mesmo assim eu não posso...” Eu digo: “Olha, você não está aí não é para dar informação? O meu problema é o seguinte: o meu remédio já foi pedido há tanto tempo e tal, assim, assim. Meu remédio ainda não chegou, eu já falei com o médico. Eu sei que não existe falta de remédio, então, porque que o meu remédio não vem? Já estou há dois meses de espera.” Ele disse: “A senhora faz o seguinte: a senhora liga pro posto e diz pra encarregada da farmácia ligar pra mim. Porque a senhora realmente já devia ter recebido esse remédio, que ele não está faltando.” Muito bem. Consegui esse remédio, mas... surgiu outra troca, doutor Celso fez outra troca. Cada vez que troca é um inferno, sabe? A burocracia!!! Quando chegou na outra troca, nada deles me darem o remédio. Aí eu tentei ligar lá para secretaria não consegui. Aí, fui lá no grupo PELA VIDA, chamei Alexandre. Falei: “Alexandre faz um favor pra mim? Eu sei que vocês estão muito ocupados, que vocês estão... coisa mas...

eu já telefonei e não fui bem sucedida. Então eu queria que você telefonasse pra mim e pedisse se poderia fazer uma pressinha sobre o meu remédio.” O Alexandre: “Ah, tudo bem! Eu ligo agora mesmo pro Drauzio, eu estou até precisando fazer umas coisas com ele, tudo mais.” Ligou, né? O Ézio ouviu a conversa. Quando chegou na hora que o Alexandre disse: “Olha, eu vou passar... quando acabar de falar com o Drauzio, eu vou passar o telefone pra você.” Aí, antes... do Alexandre acabar de falar, o Ézio chegou, ficou de pé, quando o Alexandre ia passar o telefone pra mim, ele disse: “Espera um instantinho, Teresinha. Pode deixar que eu falo e faço o teu pedido.” Ele foi, falou, e eu lá perto. E ele falou, falou, falou, falou e eu vi a hora que ele não ia falar. Eu digo: “Olha, ou você me dá esse telefone ou eu vou tomar o telefone de você... ou então... fala!” Aí escrevi tudo que ele tinha que falar, aí ele falou e depois ele teve a coragem de dizer: “Teresinha, não é bem assim. Não é qualquer pessoa que pode telefonar pra falar com o doutor Drauzio pra falar em nome do grupo PELA VIDA, porque nós, além de termos um nome a zelar é uma questão de política.” Eu digo: “E você não está aqui pra ser solidário?” “Ah Teresinha! Você tá parecendo a minha mãe.” Eu digo: “Olha, não vem dizer que eu estou na terceira idade não, que isso é coisa de terceira idade, eu estou na terceira idade, mas antes de terceira idade, cê tá entendendo? Eu tenho AIDS e preciso desse remédio e você não está sendo nem um pouquinho solidário!” “Ah, Teresinha vai embora, vai embora, vai embora, deixa a gente trabalhar” Ah, mas eu saí dali quicando!!!! Quer dizer, um dos dirigentes do grupo, ele é soropositivo, ele pediu remédio pra ele e pra mim, tá? Me tratou dessa maneira! Depois vem... Aí eu falei: “Alexandre... me arrependi, porque eu não soltei mais, porque eu não rodei a minha baiana. Devia ter dito o diabo pra ele!!!” Aí eu não disse, aí eu voltei, pensei, fui até o coisa, dei umas voltas, fui ao banheiro... “Volto pra dizer uns desaforos pra ele ou não volto? Não vale a pena! Vou embora! Quem vai se estressar sou eu. Ele vai até rir da minha cara, né?” Aí vim embora (*ruído*). Então são essas coisas que eu disse que falta, tá entendendo? Que falta. E que eu não tenho mais ânimo pra brigar. Agora, é importante a gente estar no grupo porque nesse momento, por exemplo, a gente, pelas informações que a gente recebe, pela... atualização e pelo... um auxílio que a gente precisa num momento desses. É importante. Eu ouvi a Valéria, aquela menina que escreveu um livro, de São Paulo, você já ouviu na televisão?

DN – Não.

MT – Nem soube dessa moça? Ela resolveu declarar a soropositividade dela, ela tem 20 e poucos anos, ela ficou soropositivo com 15 anos, na primeira relação. É filha de empresário...

AP – Classe média alta.

MT – ...classe média alta, filha de empresário e tudo. Passou seis meses nos Estados Unidos... E numa das declarações dela ela disse: “Olha, eu já frequentei muitos grupos, e é muito bom porque é um grupo de pessoas que sabe muito, que se fala e se fala muito de AIDS e sabe muito. Mas tem um momento que fica cansativo e que eles estão mais preocupados com os projetos deles do que com os voluntários.” E é exatamente isso que eu sinto, entendeu? O voluntário pra eles, na hora: “Vamos fazer uma manifestação não sei aonde!!!” Pra isso o voluntário serve (*ruído*). Tanto que eu nunca vou nas manifestações. Eu vou naquelas coisas que eu acho que são importantes. Então, o grupo, no momento tem esta conotação pra mim. Continuo indo lá porque eu... primeiro que fiz amigos. Eu tenho um pessoal... a Dayse... o Alexandre é uma pessoa muito amiga

minha, independente...

AP – O Alexandre do Vale, que você fala?

MT – É. Independente do que se critique dele, gosto muito do Ronaldo, Emílio, aquele outro de óculos, a turma toda de um modo geral. Valéria e outras pessoas que estão chegando agora, eu gosto de ver as pessoas, de rever, de matar as saudades de vez em quando, gosto do grupo. Eu acho que eu dou uma ajuda para a Dayse, porque eu acho que a Dayse tem horas que ela é muito insegura com relação, principalmente agora que chegaram essas mulheres fortes, né? A Daise fica meio insegura, ela é uma daquelas pessoas que foi uma dona de casa, que perdeu o filho e resolveu trabalhar e coordena. Mas ela não tem essa tarimba de lhe dar com o grupo. Então por isso que eu continuo indo ao grupo, mas pouco.

DN – Agora, Teresinha, você acha que esses projetos... vamos dizer assim, que o grupo acaba cansando porque vira mais uma, uma corrida atrás de projeto...

MT – Atrás de projeto, atrás de projeto e...

DN – Esses projetos em geral, eles se propõem a atingir... outras tantas pessoas, em suma, um número X de pessoas pra poder dar mais esclarecimento sobre a AIDS, etc, etc. Você acha isso... em suma, qual a validade disso em relação ao próprio grupo PELA VIDA?

MT – Depende. Por exemplo, houve um projeto que era treinar as pessoas pra que essas pessoas fizessem palestras... havia uma verba e essas pessoas receberam uma remuneração. Eu acho válido isso. Quer dizer, pras escolas... esse projeto eu achei super válido. Tinha um outro projeto que era de sala de espera (*tosse*), que era com Dayse que fazia com a Angela. Acho que acabou, o financiamento acabou. Nos hospitais, ir nos hospitais levar material, distribuir...

DN – Postos de Saúde.

MT – ...Postos de Saúde. Hospitais e posto de saúde, falar com as pessoas. Eu acho que era válido. Agora tem um de visitador, esse é uma coisa que parte para o assistencial e eu não sei... E tinha um projeto também, favela, que era fazer oficina em favelas, que era esse que eu queria. Agora, os outros eu não estou a par dos projetos do grupo, agora porque eu não tenho ido a reunião político-administrativo. Mas, de um modo geral, os projetos, eles tem que elaborar, mandarem pra lá, e eles aprovam, né? E mandam a grana. Então, a minha participação agora no grupo... E eu esse ano eu estou com mais perspectiva que eu... de tanto ouvir falar, esse ano... voltando assim a minha parte mais pessoal, eu falei: “Doutor Celso, o ano passado foi um ano muito duro pra mim, foi um ano quase que... eu não fiz quase nada. Muito desânimo, muito cansaço, uma infecção atrás da outra. Quer dizer, eu mal me curava de uma, mal me recuperava. Porque em março, eu tive o problema da gastrite, aí vai, fiz duas endoscopias, aí depois fiz uma biópsia, quer dizer, só isso já deixa a gente arrasada porque dói muito, né? Uma sangrou muito, machucou muito. Logo depois eu tive a gripe, a pneumonia, e... pneumonia, sinusite, com diarreia e tudo junto. Depois eu tive herpes e diarreia...”

DN – Depois a cirurgia.

MT – “... depois a cirurgia. Então, eu quase que...” Eu digo: “Olha, eu, eu vinha aqui de três em três meses, eu acho agora eu estou vindo toda semana!! O senhor já deve estar de saco cheio de tanto me ver!” (*risos*) Então eu disse pra ele: “Agora eu tenho observado o seguinte. Ultimamente o senhor tem falado assim pra mim: “A senhora teve um grande comprometimento...” e o senhor já falou isso várias vezes pra mim. Que significa isso? Será que é por isso que eu tive tanto... o ano passado tão ruim? Eu não quero ficar esse ano ruim igual ao ano passado. Eu quero voltar a ficar naquele outro período de três em três meses! Só que o AZT4 até... que eu fui pro Nordeste passei quatro meses no Nordeste sem lhe telefonar, sem nada.” Ele disse: “Não, não pega, são seus fantasmas!! Se eu fiquei preocupada é porque eu sou uma pessoa muito zelosa, eu sou realmente muito exigente quanto a isso. Por outro lado nós não temos respaldo nenhum, nós não temos resposta, nós estamos pisando em ovos! O que a senhora sabe eu sei um pouco mais. Por isso eu sou tão cuidadoso. Até porque a senhora é a minha cliente do coração porque eu não esperava que tivesse a recuperação que teve. Eu não contava. Contava, sabia que eu teria elementos suficientes pra lhe dar, medicamentos, pra lhe dar, pra recuperar, pra ficar boa, mas não pra ficar assim a esse ponto que nós estamos agora, com uma carga indetectável. Então, exorciza os seus fantasmas e não se preocupe, que é uma questão... Agora já vem outros remédios, já vem outras, já tem novos inibidores de protease. Tem um congresso agora que a gente não sabe... não existe (*ininteligível*)” E foi o que ele disse: “Não existe ainda respostas... as, as, como é que se diz? Aos efeitos colaterais dos inibidores de protease. O que se tem é muito pouco. (*ruído*) É mais Crixivan, é mais Invirase. Mas do Norvir não se tem quase nada em termos de resposta, de pesquisa, de como afetou essas pessoas. Então a gente está esperando. Vem agora o Virocepe e o Viramune, que são duas drogas novas, que são caríssimas, que estão sendo importadas...” - que a Valéria tá tomando, já tá tomando e... Ana Valéria - “...e que o governo já autorizou.” O governo não, uma comissão que ele é um dos... da comissão já autorizou. Mas daí, dessa comissão técnica vai para a Comissão Nacional de AIDS, de onde participam médicos e representantes das ONGs. Eu acredito que passe porque as ONGs geralmente pressionam pra passar os remédios. Então, agora vamos ver as novidades. Agora, que vão aparecer... não há nenhuma perspectiva de... o Montagnier que é o descobridor do vírus, está trabalhando agora pros Estados Unidos, pra minha decepção... Fiquei decepcionada quando eu soube que o Montagnier tá trabalhando nos Estados Unidos!

DN – Isso acontece, é até comum, né? O pesquisador acaba sendo contratado por outro laboratório...

MT – É, mas eu fiquei decepcionada. O Gallo fez aquela coisa toda com ele, agora vai trabalhar pros Estados Unidos! Mas ele, eu vi uma declaração dele recentemente, que ele acha que dentro de cinco anos, deve-se descobrir uma vacina. Mas é uma vacina para soro negativo. Então, eu não quero uma vacina, eu quero... nem quero a cura. Eu quero um remédio que não me deixe ter esses efeitos colaterais. E que isso parece que o Viramune não tem tantos efeitos colaterais e é um comprimidinho só que você toma dois por dia e acabou. Você sabe o que é você tomar, eu tomo 18, 19 comprimidos por dia. Eu tenho uma tabelinha, eu falei: “Doutor Celso eu estou tão tonta, eu estou tão maluca...” Aí ele tem um papelzinho lá com as horas com o nome dos remédios e com as tabelas e com as horas pra eu tomar, né?

DN – São 18 comprimidos ao todo por dia?

MT – São, mais ou menos isso. Porque eram mais. Uma época eram 24, porque o Norvir eram seis de manhã e seis de tarde. Você engolir 6 comprimidos desse tamanho, seis torpedos de manhã e seis torpedos de tarde. Porque além, eu tomo, inibidor de protease e o transcriptase, que eu tomo o Norvir... não, o Crixivan, o inibidor de protease, tomo o D4, o 3TC e o D4C que é o Zerite e o... Zeritavir, inibidor de transcriptase, eu tomo quatro comprimidos de Zovirax por causa da herpes, eu tomo dois comprimidos de... eu não contei. São dois, quatro, seis, oito dez, 12, 13, 14, 15, 16, 17. Porque eu tomo Zovirax diariamente faço profilaxia com Zovirax, faço profilaxia com Bactrim...

DN – Quer dizer, seus remédios específicos para o HIV são três.

MT – É, são 3. Mas como... ele esperava que quando eu tomasse o Norvir, que eu podia suspender o Zovirax. Então, nós suspendemos o Zovirax por algum tempo. Primeiro eu diminui até chegar a um comprimido, depois passei um tempo sem comprimido. Mesmo assim eu tive umas bolhinhas de herpes, pouca, mas apareceu. Mesmo a minha carga tando indetectável, mesmo eu não tomando sol, mesmo eu tando tranqüila... sem a... não tem... Agora a gente só está esperando que apareça mesmo uma... que esse Viramune seja mesmo acessível, porque o problema é o custo. Porque de repente o governo, do jeito que está não dá mais. E o pior é que depois que a gente para de tomar... se eu parar de tomar eu tenho a impressão que eu morro em poucos meses, eu nunca perguntei isso pra ele não.

DN – Porque vem rápido, galopante.

MT – É é. Porque, por exemplo, a carga viral vem alta, você começa a perder o apetite e começa a vir todos os sintomas e eu não quero sentir aquelas coisas que eu senti não, nunca mais! Quando tiver na minha hora eu já disse: “Me interna ou então deixa em casa. Desliga os aparelhos, depois eu quero ser cremada. Não quero que prolonguem a minha vida... artificialmente, com tubos.” Já disse isso pros meus filhos e vou dizer pro doutor Celso qualquer dia, ainda não tive oportunidade de dizer isso pra ele não.

DN – Mas ao mesmo tempo você espera novos remédios com menos efeitos colaterais...

MT – Pois é, mas quando chegar a minha hora, vai chegar...

DN – Chega a de todo mundo (*risos*).

MT – Ah, sim! Chega a de todo mundo, mas a gente sempre acha que a nossa chega primeiro. Porque realmente... outro dia teve um debate sobre a morte na MTV. Ah, eu queria estar lá!!

DN – Pra falar alguma coisa.

MT – Não, que eu queria falar o seguinte: todo mundo tem medo da morte, mas a gente sempre nega a morte. “Não, eu não quero falar nisso...” Eu não. Eu tenho certeza!! A gente sempre tem aquela ilusão, a gente fala, a gente pensa: “Ah, nem quero pensar nisso. Um dia eu vou morrer mesmo... Eu também quero morrer cedo, não quero morrer muito velha...”, não é? Essas coisas que a gente fala?! Então, eu tenho certeza da minha

morte. Então, qualquer sintoma mais forte, a gente pensa: “Será que é dessa vez?” Você está entendendo a diferença? Eu, por exemplo, quando fui pra cirurgia, eu fui muito tensa. Eu fiquei com medo de não sair da mesa de cirurgia. Eu já tinha... eu já fiz oito cirurgias. Nunca pensei nisso. E eu pensei! Porque eu tinha o perigo da, da, da anestesia, eu não podia tomar... existe alguns remédios que são incompatíveis com o Norvir e eu tinha medo. Apesar de ter alertado a médica, a anestesista que eu era HIV e que ela se informasse com o meu médico e tudo, eu digo: “E se ela esquecer e tomar... se ele esquecer e me der um remédio que eu não possa tomar.” Porque se eu tomasse... aquele remédio... que é o mais comum que se dá em anestesia... eu tomei muito, parei de tomar quando eu passei a tomar o inibidor de protease. Ele mata em pouco tempo. Há, há uma incompatibilidade com a fórmula do Norvir. Esqueci completamente agora o nome do remédio.

DN – É, isso implica em mais cuidados mesmo, né? quando você tá nessa situação.

MT – Isso implica em mais cuidados. Quer dizer, aí eu fiquei mais ansiosa, entendeu? Com essa cirurgia, né? Eu fiquei ansiosa. Aí depois que eu comecei a sentir dor aqui, os pontos, a barriga desse tamanho, o ponto inflamando, aí eu comecei... fiquei apavorada . Fiquei apavorada mesmo. Achei que tava chegando a minha vez, que eu não ia sair daquela. Você está entendendo qual a diferença? Não é quando a gente tem uma doença que a gente não sabe o que que é e que a gente “Não, eu sei que essa minha doença... qualquer vacilo eu posso ir embora.” E eu tenho visto pessoas irem muito rapidamente. Essa menina, por exemplo... a Dora, que chegou lá, que tinha mais ou menos minha idade... Gente, eu cheguei lá, conheci a Dora, no ano seguinte a Dora morreu! Morreu assim, Psh.... Nem três meses. Tinha uma outra.... que tava... távamos numa festa, ela internou com pneumonia... e ela tinha câncer também, ela morreu com um mês. Quando eu voltei... eu fui pra Recife, quando eu voltei ela estava morta! Ela tava internada. Quer dizer, eu tenho visto muita gente morrer muito rapidamente, entendeu? Mesmo depois dos inibidores. Ela já tava tomando inibidor de protease. A Dora não. A Dora não chegou. A Dora foi falta de tratamento, falta de assistência, pouco dinheiro... dificuldade mesmo. Agora, eu tenho visto muita gente ir muito, muito rápido. Não sei se é porque de repente o remédio desconecta, o que acontece... e a gente tem consciência disso. Às vezes eu fico me perguntando se é bom saber tudo isso! A minha médica do posto... doutor Celso não, eu não me meto muito ele porque eu sei que ele é medalhão, mas a médica do posto, ela me pergunta: “Teresinha eu nem vou te perguntar. Você sabe disso o que é, você sabe tudo.” Porque eu levo os projetos lá do PELA VIDDA, as coisas pra ela. Aí ela: “Mas por que ele deu isso e não isso?” Eu disse: “Por isso, por isso, por isso.” “Está bom! Você sabe tudo, né? Então nem preciso mais te explicar (*risos*).”

DN – Não precisa nem explicar nada.

MT – Mas eu estou agora numa fase boa, né? De esperança, de perspectiva de que... as coisas vão melhorar e que eu preciso é arranjar um emprego , arranjar alguma coisa para complementar a minha...

DN – Sua renda.

MT – ...minha renda.

DN – Teresinha, eu vou aproveitar para encerrar aqui que a gente fica com essa (*risos*), exatamente com essa coisa positiva.